

Perce(ḡ)ções de um, de um só e de um todo.

Relatório de projeto

Joana Moleiro de Melo

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Sandrina Diniz Fernandes Milhano

Lagos, Setembro de 2022

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

À Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, na pessoa da Professora Doutora Lúcia Magueta, pelo acolhimento, aos restantes professores do MIAA, pela disponibilidade.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Professora Doutora Sandrina Milhano. Professora, muito obrigada, foi um privilégio.

A todos os colegas deste meu longo e peculiar percurso, pelo apoio.

À minha família, grande e pequena. Sem vocês nada disto faria sentido.

Aos meus amigos. Perto. Longe. Mais, ou menos presentes.

Às pessoas maravilhosas que encontrei ao longo destes anos nas escolas. Aos professores extraordinários, que me inspiraram e continuam a inspirar. Aos meus alunos e ex-alunos. Em particular aos que participaram neste projeto. Também aos que compreendem que tudo isto é muito mais. A todos os que ousam questionar, duvidar e, comigo, experimentar.

Ao Nuno. O que mais sente a minha ausência quando mergulho num projeto, é sempre o primeiro a incentivar o salto para a água.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é refletir sobre a participação dos alunos do ensino secundário profissionalizante em projetos de formação e criação artísticas.

Compreende ainda os seguintes objetivos específicos:

Caracterizar as experiências de formação / criação artística dos alunos.

Conhecer as perspetivas dos alunos sobre as suas experiências formativas. Conhecer as ideias dos alunos sobre os fatores que influenciaram a sua escolha do percurso escolar. Conhecer os principais fatores motivacionais que influenciam os alunos ao longo do seu percurso formativo.

Os participantes, são os alunos, que no ano letivo de 2021/2022, frequentam o Curso Profissional de Intérprete Ator/Atriz, numa escola básica e secundária.

Integra o presente trabalho a síntese descritiva dos projetos mais significativos desenvolvidos no âmbito do curso, que envolveram os participantes. Projetos externos, internos em parceria e internos. Os projetos de criação artística participados pelos alunos, foram desenvolvidos nas disciplinas de Interpretação, Movimento, Voz e na Formação em Contexto de Trabalho. Um dos projetos internos, desenvolvido pela investigadora, ao longo do primeiro período, é descrito com maior detalhe.

Este trabalho enquadra-se num paradigma crítico. A metodologia utilizada é a investigação-ação. Os instrumentos de recolha de dados utilizados são entrevistas semiestruturadas recolhidas junto de um grupo, um grupo de foco e um questionário.

Por fim, expõem-se conclusões que refletem a participação dos alunos.

Palavras-chave

Adolescentes, criação, escola, projetos, teatro.

ABSTRACT

The general objective of this work is to reflect on the participation of secondary education students in projects of artistic training and artistic training and creation.

It also comprises the following specific objectives:

To characterise the students' formative / artistic creation experiences.

To know the students' perspectives about their formative experiences.

To know the students' ideas about the factors that influenced their choice of school / education path. To know the main motivational factors that influence pupils along their educational pathway.

The participants are the students, who in the school year 2021/2022, attend the Professional Course of Actor/Actress Interpreter, in a basic and secondary school.

The present work includes a descriptive synthesis of the most significant projects developed within the scope of the course, which involved the participants. External, internal partnership and internal projects. The artistic creation projects in which the students took part, were developed in the subjects of Acting, Movement, Voice and Training in the Work Context. One of the internal projects, developed by the researcher, throughout the first term, is described in more detail.

This work is framed within a critical paradigm. The methodology used is action-research. The data collection instruments used are semi-structured interviews collected from a group, a focus group, and a questionnaire.

Finally, conclusions reflecting the students' participation are presented.

Keywords

Adolescents, creation, projects, school, theatre.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Índice Geral	v
Índice de Figuras	vii
Abreviaturas.....	ix
Introdução.....	1
1. Enquadramento teórico.....	3
1.1. Cursos profissionais.....	3
1.2. A adolescência.....	6
1.3. Projetos de criação performativa na escola	8
2. Metodologia.....	12
2.1. Objetivos e intenções do trabalho.....	13
2.2. Participantes.....	15
2.3. Instrumentos de recolha de dados.....	17
2.4. Procedimentos	18
3. Trabalho por projeto	23
3.1. Projetos externos.....	24
3.1.1. <i>Clean Water Act</i>	24
3.1.2. <i>Sem Retorno</i>	25
3.2. Projetos internos em parceria	26
3.2.1. <i>Amor de Anjo</i>	26
3.2.2. <i>Cabeças no Ar</i>	27
3.2.3. <i>Fábrica de Matar Baleia</i>	27
3.2.4. <i>Voz do Mar</i>	28

3.3.	Projetos internos	28
3.3.1.	<i>Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles!</i>	28
3.3.2.	<i>Solos de Movimento</i>	29
3.3.3.	<i>Palco Aberto</i>	30
3.3.4.	Projetos informais	31
3.3.5.	Projetos vários	32
3.3.6.	<i>Treza</i>	32
4.	Apresentação e discussão de resultados	54
4.1.	Apresentação e análise de dados	54
4.1.1.	Questionário	54
4.1.2.	Entrevistas aos alunos	64
4.2.	Discussão de resultados	69
4.2.1.	Limitações do estudo	69
	Conclusões	71
	Bibliografia	76
	Anexos	- 1 -
	Anexo 1 - Consentimento informado / Autorização da instituição	- 2 -
	Anexo 2 - Consentimento informado / Autorização EE	- 3 -
	Anexo 3 - Transcrição da entrevista de grupo	- 4 -
	Anexo 4 - Guião da entrevista semiestruturada	- 19 -
	Anexo 5 - Transcrição das entrevistas individuais	- 21 -

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Detalhe de cartaz - Treza	33
Figura 2, 3, 4 e 5 - Detalhe de cartaz - Flor	35
Figura 6 - Detalhe de cartaz - Esse	36
Figura 7- Detalhe de cartaz - Esse	36
Figura 8 - Detalhe de cartaz - Esse	37
Figura 9 - Detalhe de cartaz - Esse	37
Figura 10, 11 e 12 - Detalhe de cartaz - Esse	38
Figura 13, 14 e 15 - Detalhe de cartaz - Esse	38
Figura 16 - Fotografia do livro de trabalho - Mulheres	39
Figura 17 - Fotografia do livro de trabalho - Ideias	40
Figura 18 – Montagem fotográfica - Ligações	41
Figura 19 - Detalhe de cartaz - Espetáculo	42
Figura 20, 21 e 22 - Detalhe de cartaz - Fios.....	43
Figura 23, 24 e 25 - Detalhe de cartaz - Fios	46
Figura 26 - Detalhe de cartaz - Abelhinha.....	47
Figura 27, 28 e 29 - Detalhe de cartaz - Abelhinha	49
Figura 30 e 31 - Detalhe de cartaz – Máscaras	50
Figura 32 - Cartaz Treza.....	53
Figura 33 - Gráfico 1 - Os 3 momentos mais importantes	55
Figura 34 - Gráfico 2 - Os 3 momentos mais importantes - grupo 1.....	56

Figura 35 - Gráfico 3 - Os 3 momento mais importantes - grupo 2	56
Figura 36 - Gráfico 4 - Os 3 momentos mais importantes - grupo 3.....	56
Figura 37 - Quadro 1 - Respostas às perguntas 2 e 3	57
Figura 38 - Quadro 2 - Respostas com outros pontos de vista	58
Figura 39 - Gráfico 5 - O que torna um projeto importante para ti?	58
Figura 40 - Gráfico 6 - O curso corresponde às tuas expectativas?	59
Figura 41- Gráfico 7 - Refere a importância da turma no teu percurso escolar	60
Figura 42 - Quadro 3 - Resposta às perguntas 10 e 11	61
Figura 43 - Gráfico 8 - Motivação / Desmotivação	62
Figura 44 - Gráfico 9 - Maior vantagem de não haver notas.....	63
Figura 45 - Gráfico 10 - Maior desvantagem de não haver notas	64
Figura 46 - Quadro 4 - Participação em projetos.....	65
Figura 47 - Quadro 5 - Fatores que influenciaram a escolha do percurso.....	66
Figura 48 - Quadro 6 - O teatro como coletivo	67
Figura 49 - Quadro 7 - Os entrevistados referem	69

ABREVIATURAS

AE - Agrupamento de Escolas

DC – Detalhe de Cartaz

CP - Cursos Profissionais

CPIA - Curso Profissional de Intérprete Ator/Atriz

CT - Conselho de Turma

EE - Encarregados de Educação

FCT - Formação em Contexto de Trabalho

I-A - Investigação-Ação

PAP - Prova de Aptidão Profissional

PNA - Plano Nacional das Artes

UFCD - Unidades de Formação de Curta Duração

INTRODUÇÃO

Trabalhar com adolescentes e escutar as suas reflexões é sempre surpreendente. Por vezes é como ouvir o grito despropositado de uma criança, ou como escutar um velho sábio. É no instante em que um olhar se cruza com outro, que se criam possibilidades, antes impossíveis. Nesta investigação, pedi aos meus alunos, participantes, para me emprestem a sua visão. Muitas vezes gostava de lhes emprestar a minha, para saberem que têm o poder de transformar o mundo.

O início deste ano letivo, foi marcado por vivermos ainda sem saber durante quanto tempo mais, em disrupção social, causada pela pandemia Covid-19. Todas as medidas necessárias para reduzir a propagação do SARS-CoV-2 provocaram um impacto direto nas atividades, no dia a dia das escolas e até mesmo no funcionamento das aulas. Para além de se revelarem também, as consequências do impacto dos confinamentos, na saúde mental dos adolescentes (Loades et al., 2020; Rego & Maia, 2021).

Nos últimos anos, exerci a função de docente de disciplinas de componente tecnológica em cursos profissionais. Cada ano é dedicado a implementar e desenvolver inúmeros projetos com diferentes alunos e turmas. Nove anos depois de dar início a este percurso, nesta escola, é natural que se repense o passado e é também o momento de planear o futuro.

Que projetos envolvendo as turmas dos cursos profissionais de Intérprete Ator/Atriz, importa desenvolver e / ou continuar? Quais os objetivos a atingir? Devem ainda continuar as velhas propostas? De que forma se conduz um recurso para o transformar num projeto a longo prazo? Com quem chega, o que urge trabalhar?

Neste contexto singular de recomeço, passaram dois anos desde que as áreas governativas da Cultura e Educação estabeleceram as linhas orientadoras do Plano Nacional das Artes (PNA). Como docente num curso profissional de Intérprete Ator/Atriz, numa escola associada ao PNA, estou consciente de que as escolhas dos projetos a realizar influenciam, não apenas os grupos a quem se destinam, mas todo “um ecossistema complexo e abrangente” (Vale, Brighenti & Pólvora. 2019. p.23). Há questões que se impõem. Qual a perceção dos alunos acerca dos projetos em que participam? Dos muitos projetos que são desenvolvidos em contexto escolar, quais são

os que realmente marcam de forma significativa os alunos? Porquê? O que os influencia nas suas escolhas? O que os motiva? Estamos a escutar verdadeiramente os nossos alunos?

Foi desta forma que surgiu esta investigação.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. CURSOS PROFISSIONAIS

A Lei de Bases do Sistema Educativo, estipula o quadro geral do sistema educativo no território português. Nesta lei é estabelecida a universalidade, obrigatoriedade e gratuidade e define-se que na organização geral do sistema educativo a educação escolar “compreende os ensinos básico, secundário e superior (...)” (Lei nº 46, 1986, Art. 4, al.3).

No ensino secundário os cursos têm duração de três anos, organizando-se de formas diferenciadas, abrangendo cursos direcionados para o prosseguimento de estudos ou para a inserção na vida ativa. Neste contexto, ao terminar o ciclo básico de ensino, o aluno deve escolher, entre as diferentes ofertas disponíveis, aquela que pretende frequentar.

Desde 2010, Portugal tem feito uma evolução considerável no combate ao abandono precoce da educação e formação. Tendo como elementos centrais a inclusão e a criação de igualdade de oportunidades, o sistema de educação e formação profissional em Portugal pretende a participação plena, quer de alunos de grupos vulneráveis, quer de alunos de contextos socioeconómicos desfavorecidos. É no ensino secundário que está concentrada a maioria dos cursos de educação e formação. Sendo estes: cursos profissionais, cursos de aprendizagem, cursos com planos próprios e cursos artísticos especializados. A maior percentagem de estudantes está inserida nos cursos profissionais (41,3 %). Destes, a área das artes é a quarta área mais popular (12,6 %). (Cedefop, 2021).

No dia 26 de julho de 2017, foi homologado pelo Despacho nº 6478, o referencial comum do ensino e da aprendizagem na escolaridade obrigatória, o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Martins et al., 2017). Este referencial tem como implicação uma adequação dos princípios, das estratégias, e das práticas didáticas e pedagógicas. Através da visão dos princípios, das áreas de competência, e dos valores nele manifestos (que interligam as dimensões: conhecimentos, capacidades e atitudes), pretende-se alcançar o Perfil dos Alunos, numa apropriação das aprendizagens e competências desenvolvidas ao longo dos 12 anos de escolaridade obrigatória.

Todos os alunos que frequentam a escola, estão ainda abrangidos pelo Decreto-lei 54/2018 que

estabelece os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa. (Decreto-lei nº 54, 2018, Cap.I, Art. 1, al. 1).

A revisão das várias modalidades do ensino profissionalizante dá-se quando se insere, no sistema nacional de ensino, “um conjunto de novas medidas dirigidas à competitividade, ao crescimento e ao emprego, nas quais se enquadra um programa de atuação para o eixo dos jovens” (Portaria nº 74-A, 2013).

Os Cursos Profissionais (CP), são direcionados para os jovens que procuram concluir o ensino secundário (12º ano) e simultaneamente ficar associados a uma profissão que lhes permita entrar no mercado de trabalho.

Os CP são regulamentados pela Portaria 235-A/2018, de 23 de Agosto e conferem o nível 4 de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações. Pode ler-se no artigo 5 da portaria referida:

Os cursos profissionais visam proporcionar aos alunos uma formação profissional inicial e aprendizagens diversificadas, de acordo com os seus interesses, com vista ao prosseguimento de estudos e ou à inserção no mercado do trabalho, procurando, através dos conhecimentos, capacidades e atitudes trabalhados nas diferentes componentes de formação, alcançar as áreas de competências constantes do Perfil dos Alunos à Saída Escolaridade Obrigatória. (Portaria 235-A, 2018, Cap. II Sec. I, Art. 5º).

Os cursos têm a duração de três anos e com uma carga horária entre as 3100 e 3440 horas e conferem o nível 4, de acordo com o Quadro Nacional de Qualificações, uma vez que correspondem ao “Ensino secundário obtido por percursos de dupla certificação

ou ensino secundário vocacionado para prosseguimento de estudos de nível superior acrescido de estágio profissional - mínimo de seis meses”. (Portaria nº 782, 2009, anexo II).

No Curso Profissional de Intérprete Ator/Atriz (CPIA), pretende-se que os alunos desenvolvam o perfil profissional associado à respetiva “qualificação do Catálogo Nacional de Qualificações e correspondente nível do Quadro Europeu de Qualificações, instrumento de gestão estratégica das qualificações de nível não superior” (Portaria nº 235-A, 2018).

Segundo o Catálogo Nacional de Qualificações, a descrição da qualificação associada à Área de Educação e Formação: 212 - Artes do Espetáculo, Intérprete/Ator/Atriz, é “Criar e interpretar personagens, com recurso às técnicas de corpo e voz, nas diversas áreas do espetáculo, do cinema e da televisão.” (ANQEP, 2020).

São 4 as componentes de formação que fazem parte da organização de um curso profissional:

- a Formação Sociocultural, da qual fazem parte disciplinas comuns a todos os cursos;
- a Formação Científica, que compreende duas ou três disciplinas de formação científica de acordo com a formação a desenvolver;
- a Formação Tecnológica, que é organizada em Unidades de Formação de Curta Duração (UFCD) e procura o desenvolvimento e aquisição de competências que se inscrevem no quadro das competências técnicas para o exercício de uma profissão (as disciplinas de Interpretação, Voz e Movimento são disciplinas da componente Tecnológica do CPIA);
- e, por fim, a Formação em Contexto de Trabalho (FCT), que integra “um conjunto de atividades profissionais que visam a aquisição e o desenvolvimento de competências técnicas, relacionais e organizacionais relevantes para a qualificação profissional a adquirir.” (Portaria nº 235-A, 2018, Cap. I, Art. 6º, al. d).

Nesta última componente (FCT), o aluno é integrado em empresas ou outras organizações de relevo para a sua qualificação profissional, em períodos de duração

significativos para a sua formação. Pode ainda concretizar-se “através da simulação de um conjunto de atividades profissionais relevantes para o perfil profissional visado pelo curso a desenvolver em condições similares à do contexto real de trabalho.” (Portaria nº 74-A, 2013, Cap. I, Art. 3º, al. 3).

A condição de acesso aos cursos profissionais é a conclusão do 9º ano e podem-se inscrever jovens até aos 20 anos de idade. Os alunos que frequentam os cursos profissionais são, por norma, jovens adolescentes.

1.2. A ADOLESCÊNCIA

Ainda que estejamos perante a dificuldade de encontrar uma definição concisa, com referência temporal inicial e final precisa, que seja representativa para a pluralidade das áreas que a estudam e para a diversidade de universos culturais existentes (Vicente, 2014), pensar a adolescência, significa necessariamente pensar o corpo em transformação, uma vez que “Todo o desenrolar da adolescência será marcado pelos efeitos fisiológicos, mas também psicológicos e sociais dessas transformações corporais.” (Braconnier & Marcelli, 2000, p.53).

A dificuldade de, através de uma palavra unívoca, caracterizar a adolescência é, também, o que a define. O adolescer. Esta “fase” (Faial et al., 2016, p.23), “etapa” (Lois, 2021, p. 3), “passagem” (Gurski & Pereira, 2016, p. 429), este “estado de espírito” (Jerusalinsky, 2004), são apenas alguns exemplos. Adolescer. É nesta indefinição de não ser, “nem criança nem adulto” (Silva et al., 2021, p.5), e na reflexão acerca de si, dos outros, das emoções e das vivências, que é estabelecida “a identidade e o surgimento do sujeito, da sua marca, do seu lugar” (Almeida, 2019, p. 251).

Para o adolescente se conseguir estabelecer enquanto sujeito, necessita criar novas referências. “O adolescente precisa afastar-se dos pais e inventar novas respostas e novos modelos de lidar com o real, ao mesmo tempo que busca se manter no campo do Outro, no discurso cultural já estabelecido.” (Olímpio & Marcos, 2015, p. 507). Um lugar que é geralmente associado ao confronto, à rebeldia, à impulsividade e à insatisfação. Na sua dualidade, o adolescente é também associado à vitalidade, ao dinamismo e ao entusiasmo. Uma vez que este período de desenvolvimento é propício

para a construção dos projetos de vida (Vieira & Dellazzana-Zanon, 2020), com todas as possibilidades ao seu alcance, o adolescente é também símbolo de esperança.

Apesar dos diferentes entendimentos e reconstruções sociais em torno da juventude, verificadas ao longo da história, perante a impossibilidade de “questionar a existência de uma juventude homogênea no tempo e no espaço” (Cassab, 2012. p. 159), é fundamental pensar cada adolescente na contemporaneidade que o define, uma vez que a sua vivência não pode ser dissociada do seu ser social. O adolescente espelha (também) o mundo e a forma como o reflete é consequência do seu meio.

Observe-se os três eixos fundamentais apresentados por Charréu (2019): as implicações da transformação do papel do jovem na sociedade; o veloz mundo digital e visual; a cultura de prosumers (produtores e consumidores) digitais que pela primeira vez emerge fazendo submergir antigos valores.

É imerso neste contexto que o adolescente se questiona e “É diante desse cenário, de queda da função paterna e de um supereu que ordena o gozo para além de qualquer ideal, é que os jovens de hoje devem experimentar sua puberdade.” (Oliveira & Hanke, 2017, p.307). O adolescente nos tempos de hoje, vive o tempo do tempo sem tempo, numa vivência oca (Gurski & Pereira 2016).

O que os adultos identificam como essencial, aos jovens parece desnecessário. Aquilo a que os jovens chamam de realidade atual, chamam os adultos de uma sociedade em crise. Inesperadamente, parecem ter (sociedade e adolescente) uma ligação de proximidade bem maior do que aquela que se enunciaria à partida.

Na proposta de Freud, de que o desenvolvimento filogenético e ontogenético se coincidem, podemos dizer que os povos primitivos estão tão próximos do psiquismo infantil como a sociedade contemporânea está da adolescência. Crise da imago paterna, crise dos ideais, crise do Outro, enfim, muito do que afirmamos caracterizar a adolescência também caracteriza o mundo em que atualmente vivemos. (Oliveira & Hanke, 2017, p.307).

Sob este ponto de vista, importa referir Edgar Morin ao explicar as casualidades inseridas nos sistemas complexos.

A Sociedade, por exemplo, é produzida pelas interações entre os indivíduos que as constituem. A própria Sociedade, como um todo organizado e organizador, retroage para produzir os indivíduos pela educação, pela linguagem, pela escola. Assim, os indivíduos, nas suas interações, produzem a Sociedade, que produz os indivíduos que a produzem. Isto faz-se num circuito espiral da evolução histórica. (Morin, 2008, p. 126).

Neste contexto, com o corpo em visível desenvolvimento e o cérebro num amadurecimento invisível, é necessário ter em conta que “O processo biológico historicamente condicionado é compreendido a partir da premissa de que não é o cérebro, por si só, que proporciona a complexidade psíquica do ser humano, mas sim o modo de vida do indivíduo, sua atividade.” (Anjos & Duarte, 2019, p. 638). Cabe, portanto, (também) à escola estimular e desenvolver atividades que contribuam para progressivas mudanças e aumento de complexidade.

1.3. PROJETOS DE CRIAÇÃO PERFORMATIVA NA ESCOLA

De acordo com o exposto por José Eduardo Silva (2016), o teatro, pelas suas estreitas ligações com a psicologia, aparenta ser uma forma privilegiada de conhecimento, reconhecimento e reconstrução simultânea do indivíduo, da sua conexão com o outro e com o mundo. Estabelecendo uma relação reunificada, empática e multidimensional em constante desenvolvimento.

Um espetáculo de teatro (independentemente de como é feito ou por quem), constrói-se progressivamente, num processo de trabalho criativo, que procura uma materialização performativa do texto (ou de outro estímulo escolhido como ponto de partida). A sua concretização, geralmente, conta com o contributo das diferentes perspetivas (que ocorrem da participação de diferentes intérpretes e de diferentes áreas do espetáculo). Com a particularidade de que o resultado deste processo é apresentado a um público, e independentemente da quantidade de vezes que é apresentado ou da sua captação por

meios mecânicos (*e.g.*, fotografia, áudio ou vídeo), o espetáculo teatral é, na sua essência, efêmero e imaterial. Fazer parte de um espetáculo implica necessariamente uma sensação de pertença.

As expressões artísticas ajudam a explorar de diferentes maneiras e sem limitações, o nosso lugar no grupo e a encontrar o nosso papel em relação ao objetivo coletivo. Com efeito, quando o indivíduo se sente parte de um projeto é o primeiro passo para assumir responsabilidade ativamente. (Sousa, 2020, p. 9)

Ora, na adolescência a responsabilidade gerada pela pertença é imprescindível, uma vez que é nessa interação (também emocional) com o coletivo, que o adolescente encontra a sua individualidade. A qualidade dessa interação é também fundamental.

Retomando as palavras de Silva (2016) que refere Grotowski (Referência teatral incontornável no séc. XX.), mencionando o processo e a relação primordial ator ↔ espectador.

A qualidade e o sucesso de um empreendimento criativo dependem da qualidade da relação colaborativa estabelecida entre os diversos elementos que perfazem o todo. Só assim se torna possível, posteriormente, em espetáculo incluir também o espectador nesta equação, convidando para o acto partilhado da co-construção de uma realidade comum. (Silva, 2016, p. 223).

Desta forma, integrado no contexto escolar, o processo teatral (idealmente), permite aos alunos (quer aos que participam nos projetos, quer aos que a eles assistem), uma constante (re)construção da realidade coletiva e, simultaneamente, o exercício da criatividade.

A criatividade é uma capacidade pessoal que associada à imaginação permite gerar algo inexistente. A criatividade existe em todos os indivíduos, em maior ou menor grau, e por se tratar de uma capacidade, poderá ser ampliada, desenvolvida, ou seja, educada. A educação da criatividade é urgente e deverá integrar

expressamente os objetivos educativos de todos os graus de ensino e, muito particularmente, de forma mais especializada, os do ensino artístico. (Mendes, 2016, p.68).

A motivação (quer interna quer externa) assume um importante papel como motor da criação no indivíduo, tal como a emoção (com especial enfoque no afeto positivo), bem como os estados emocionais positivos. Estes, parecem flexibilizar o encontro de respostas originais e inovadoras (Aguilera-Luque, 2017). Estas premissas devem ser consideradas na promoção da criatividade através da criação de projetos performativos em meio escolar.

As aulas da componente tecnológica do CPIA centram-se, habitualmente, no desenvolvimento de atividades exploratórias (exercícios de confiança, improvisações, entre outros) e no desenvolvimento e apresentação de projetos. Caso não estejam relacionadas com um determinado projeto, as atividades exploratórias, apesar de evolutivas, geralmente inscrevem-se apenas no tempo e espaço em que se realizam. Por outro lado, o desenvolvimento dos projetos pressupõe continuidade ao longo de um determinado tempo. Todo o período em que o projeto performativo é desenvolvido, é chamado de período de ensaios. Os ensaios compreendem todas as fases do projeto antes da apresentação ao público: o trabalho de pesquisa, as conversas e a criação de um entendimento comum acerca do projeto; atividades exploratórias direcionadas para o trabalho a realizar; a materialização contínua e progressiva do projeto a apresentar, com a construção das personagens e a experimentação prática (*e.g.*, o que fazer e como fazer determinadas ações; o que dizer e como dizer determinadas frases; por onde entrar e como entrar em cena; por onde sair e como sair de cena).

Na prática da criatividade através de projetos performativos a dimensão relacional e o afeto positivo podem contribuir para o encontro do adolescente consigo próprio e com um mundo a haver. Para esse mundo a haver, deve também existir uma escola a haver em que "A reciprocidade e os fluxos de troca constantes, entre alunos e professores, estariam na base de todos os métodos de trabalho." (Almeida & Ó, 2021, p. 39). O professor de teatro seria como um construtor de atores de mundo (fazedores de mundo) de interatores de mundo (ser humano que através da prática artística do teatro age,

interativamente em várias dimensões da sociedade). Como refere Morin (2008), no seu ser, na sua sociedade, na sua espécie.

pressupondo que a educação seja pensada como um processo contínuo e a escola trabalhe com os discentes, desde o seu ingresso no ambiente escolar, com o propósito de desenvolver o exercício de refletir, favorecendo a promoção de pesquisas e questionamentos, de uma forma que o conhecimento seja apresentado como algo inacabado e em constante construção, contribuindo para o desenvolvimento do aprender a aprender, temos uma perspectiva onde o indivíduo é impulsionado a aprender sozinho e, conseqüentemente, desenvolver a autonomia e o pensar de forma crítico-reflexiva. (Guirado, Silva & Mendes, 2021, p. 68)

De forma a fazer cumprir o propósito da noção de permanente construção de conhecimento, promovendo o desenvolvimento de uma autonomia progressiva dos alunos, é fundamental que a escola repense o seu papel, uma vez que “As pessoas não aprendem da mesma forma, pelo que temos de encontrar maneiras de ensinar de modo diferente para que a escola seja para todos e não, apenas, todos para a escola.” (Vieira, 2020, p. 43). A criação e apresentação de um projeto performativo é um espaço privilegiado para a comunicação de uma mensagem. Viché (2014, 2022), assinala a importância do processo dialógico e trabalho em colaboração para construção de narrativas convergentes, no desenvolvimento emocional, na transformação da realidade social e na nossa forma de interpretar o mundo.

Associar o processo dialógico e a convergência narrativa à mensagem performativa resultante de um projeto conjunto, pode ser um exercício de cidadania democrática sem igual - a esse propósito ler Silva (2017).

Resta referir que os projetos performativos no âmbito CPIA usualmente são projetos interdisciplinares.

2. METODOLOGIA

Esta investigação inscreve-se num paradigma crítico que “se caracteriza no sólo por el hecho de indagar, obtener datos y comprender la realidad en la que se inserta la investigación, sino por provocar transformaciones sociales en los contextos en que se interviene.” (Aguillar, 2012, p. 343). Desta forma, procura-se caracterizar a realidade através da obtenção de dados fiáveis que nos permitam a compreensão para a transformação. Essa transformação, que ocorre através da investigação, deixa de ser necessária para passar a ser fundamental. Uma vez que os objetivos deste trabalho se prendem com as perspetivas dos alunos e as suas ideias, adequar práticas e implementar estratégias através de aspetos que importam verdadeiramente aos alunos, parece ser a única opção viável.

Levar a cabo uma investigação científica, cujo objetivo não é a produção de conhecimento para as comunidades científicas e educacionais, mas sim um “processo de aquisição de informação e conhecimento para ser posto ao serviço do próprio professor / investigador que o realiza” (Arends, 1995, p. 525) é uma Investigação-Ação (I-A).

Assente numa abordagem participativa, consciente e intencional, a I-A é um método, em que o investigador se distingue por ser um participante ativo, que utiliza como recurso de produção de mudanças práticas e transformações sociais a recolha (geralmente mista) e análise de dados (Traqueia et al., 2021, p. 34). Tendo em conta que o foco desta investigação é a necessidade de retratar a realidade para poder redesenhar uma contribuição pedagógica fundamentalmente centrada no aluno, a I-A é, para mim enquanto professora, sem dúvida, a metodologia mais adequada.

Apesar do paradigma crítico, no qual se inscreve a Investigação-Ação, ser, sem dúvida, um método amplamente reconhecido, deve-se simultaneamente alertar para o facto de que a proximidade entre investigador e objeto ser um dos fatores que mais limita esta investigação. Por outro lado, um trabalho de projeto em Intervenção e Animação Artísticas, pressupõe, necessariamente, o envolvimento e relação direta do investigador com outros seres humanos. Esta é, aliás, uma característica indissociável das práticas de Intervenção e Animação Artísticas, que são intrinsecamente sociais, comunitárias e é, naturalmente, o que as valoriza.

Desenvolvo e apresento este trabalho, com a intenção de uma neutralidade que se pretende e com a consciência de que, o envolvimento pessoal é um risco para essa mesma neutralidade.

2.1. OBJETIVOS E INTENÇÕES DO TRABALHO

No ensino de teatro em contexto formal e nas limitações que por vezes decorrem da sua prática, crescem possibilidades que muitas vezes extravasam o seu âmbito. Estas, coincidem com os conceitos que, segundo Pérez, delimitam a identidade da animação sociocultural.

las coordenadas de la Animación Sociocultural están delimitadas por tres conceptos clave, Democracia, Cultura y Educación, que al unirlos nos definen con claridad la finalidad última de la ASC: educar para la democracia através de la práctica cultural. Por ello, definiremos la ASC como una Didáctica de la Participación Social cuyo objeto o finalidad consiste en enseñar a participar involucrando a las personas en proyectos socioculturales de su interés para liberar y desplegar sus capacidades. (Pérez, 2016, p. 31).

Tomando a prática cultural participativa, como educação para a democracia, há ainda a referir o envolvimento dos participantes em projetos que sejam do seu interesse.

Tendo em conta que o direito de os jovens adolescentes serem escutados e a sua opinião ser levada em consideração nas questões que os afetam ou que lhes digam respeito, pode ser apenas o início de um longo processo de construção de uma autonomia que envolve identidade, empoderamento, influência e participação cívica. Tendo em conta que a criação de espaço, para dar voz à qual se escuta e o posterior processo de verificação de influência dessa ação, pode levar a uma cada vez maior e mais significativa participação. Tendo em conta as diferentes esferas sociais que podem ser influenciadas pela participação do adolescente, através do exercício de diversos modos de participação (UNICEF, 2018). Inquirir os alunos acerca das suas opiniões sobre projetos de formação e criação artística nos quais participam, não é apenas cumprir um

direito do jovem adolescente, mas iniciar um caminho que tem como meta o próprio exercício da democracia através da prática teatral.

É na construção desse caminho que encontro, no centro de todas as questões que me coloco, a minha pergunta de partida:

Como refletir as percepções, ideias e motivações dos alunos, na implementação de experiências de formação e criação artística em contexto escolar?

O objetivo geral deste estudo é refletir sobre a participação dos alunos do ensino secundário profissionalizante em projetos de formação e criação artísticas.

Propõe-se caracterizar as experiências de formação / criação artística dos alunos e, através da recolha e análise de dados, conhecer as perspetivas dos alunos sobre as suas experiências formativas, conhecer as ideias dos alunos sobre os fatores que influenciaram a sua escolha do percurso escolar; assim como os principais fatores motivacionais que influenciam os alunos ao longo do seu percurso formativo.

Na Educação, o resgate pleno do ser humano, numa visão paradigmática da complexidade, implica na expressão de novas formas de solidariedade e cooperação nas relações humanas. Para tanto, precisa contemplar uma proposta pedagógica que reconheça a diversidade de fenômenos da natureza e o ser humano como um indivíduo com multidimensionalidades, ou seja, dotado de múltiplas inteligências e com diferentes estilos de aprendizagens.” (Behrens & Oliari, 2007, P.64)

Procura-se assim, que esta investigação e as reflexões por ela suscitadas se traduzam de forma relevante, numa prática pedagógica que, mais do que integrar a compreensão do ponto de vista do aluno na sua multidimensionalidade, parte precisamente das possibilidades criadas pela escuta e entendimento da sua perspetiva. Esta compreensão do indivíduo e do grupo, inserida no seu contexto global, deve facilitar a consonância de ideias, e em simultâneo a aproximação e a cooperação professor/indivíduo/grupo, contribuindo para indicar possibilidades de construção da própria experiência de aprendizagem.

2.2. PARTICIPANTES

O grupo de participantes é constituído por 43 alunos do Curso Profissional de Intérprete Ator/Atriz de uma escola básica e secundária. Os participantes estão divididos em três turmas.

Relativamente à relação da investigadora com os participantes, este é o primeiro ano letivo com uma das turmas. Nessa turma, a investigadora é docente da disciplina de Interpretação e assume o cargo de diretora de curso.

Quanto às outras duas turmas, existe uma ligação prévia. Numa (no ano letivo anterior), foi docente da disciplina de Movimento e Interpretação, diretora de curso e responsável pela Formação em Contexto de Trabalho. Noutra (no primeiro ano), foi diretora de turma e responsável pela Formação em Contexto de Trabalho e foi docente da disciplina de Movimento nos dois primeiros anos do curso.

Também é docente da disciplina de Movimento de todos os grupos de participantes.

O total dos 43 participantes é constituído por 36 pessoas do sexo feminino e 7 pessoas do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos. A média de idades (a 15 de Setembro de 2021) é de 17 anos.

Até ao final do primeiro período letivo, houve alterações na composição do grupo. No final do ano letivo, o número total de participantes era 40.

Destes 40 participantes, 26 residem no concelho onde se situa a escola. 13 residem em concelhos limítrofes e 2 participantes residem num concelho para lá dos concelhos limítrofes (sendo que destes, 1 se deslocou para concelho onde se situa a escola, durante o período escolar, para frequentar o curso).

Segundo os dados provisórios do Censos 2021, a população residente neste município aumentou 7,6%. (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2021).

De acordo com a informação disponível (Fundação Francisco Manuel dos Santos [FFMS], s.d.), em dados referentes a 2019, a taxa de alunos do ensino secundário que reprovam ou desistem dos estudos, no município, é de 14,9%.

Ainda segundo a mesma fonte, desde o ano de 2011 (8,3%) até ao ano de 2020 (1,1%), de ano para ano, tem existido uma redução na percentagem de sessões de espetáculo ao vivo por mil habitantes. Em 2020, o número médio de espectadores por sessão de espetáculo ao vivo era de 124,7. Relativamente aos 3 últimos anos de que há registo (2017, 2018 e 2019), o município onde se localiza a escola era o município da região com a 2.^a menor percentagem de despesas da Câmara Municipal destinadas à cultura e ao desporto (FFMS, s.d.), também de acordo com a listagem, disponibilizada pela Delegação Regional de Cultura da região, não existe no concelho, nenhuma estrutura profissional de produção artística na área do teatro.

Essa ausência de estruturas profissionais de teatro na região, implica que a FCT, neste curso, seja realizada maioritariamente através de prática simulada (possibilidade referida anteriormente). Desta forma, é possível enriquecer não só a experiência performativa dos alunos, mas também contribuir para a concretização de uma escola enquanto polo cultural, conforme propõe a Carta do Porto Santo.

No mesmo sentido, alinhada com o modelo de democracia cultural, a escola deve valorizar as especificidades individuais, culturais, territoriais, e possibilitar que todos os alunos tenham acesso a variadas experiências artísticas e manifestações culturais ao longo da vida; que possam ver reconhecida a sua identidade cultural e valorizadas as expressões culturais da sua comunidade; que tenham acesso aos patrimónios e consciência da sua necessária salvaguarda; que ao longo do seu trajeto desenvolvam a criatividade e a imaginação, a sensibilidade estética e o pensamento crítico; que conheçam e efetivem os seus direitos e deveres culturais; e que descubram a sua própria forma de participação ativa na cultura de todos.

(Carta de Porto Santo, 2021, p. 10)

Sob a visão de uma escola promotora de cultura, cada vez mais comprometida, participativa e transformadora, apresentarei noutro tópico os trabalhos por projeto.

2.3. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Foram selecionados e utilizados os seguintes instrumentos de recolha de dados pelas razões descritas, depois de observadas as suas vantagens e desvantagens:

Inquérito por questionário:

Esta técnica, facilmente aplicada em contexto escolar e em trabalho com adolescentes, possibilita a recolha e análise de informação junto de um elevado número de participantes, de forma prática e exequível, apesar de os dados se referirem “a um conjunto de perguntas básicas, de forma escrita, mas que dificulta a abordagem de determinados assuntos com profundidade” (Traqueia et al., 2021, p. 44). Permite ainda, alcançar a totalidade de participantes que compõem o público-alvo desta investigação.

Entrevista semidirigida:

Para utilizar esta técnica é necessário disponibilizar de bastante mais tempo. No entanto esta permite uma recolha de dados aprofundada, centrada na interação humana e subjetiva (que pode levar à parcialidade). “A análise de respostas pode levantar problemas e a formulação das questões é sempre tão exigente como nos questionários. Mesmo assim, podemos obter material precioso a partir de uma entrevista (...)” (Bell, 2004, p. 137).

A entrevista semidirigida, segundo Quivy (1998), pretende que o investigador encaminhe o entrevistado para a informação que deseja receber, através de perguntas-guia que colocará pela ordem e da forma que melhor permita ao entrevistado falar abertamente.

Entrevista de grupo não estruturada:

(No projeto *Treza*.) Disponibiliza a interação, exposição de vários pontos de vista e permite a complementaridade de pensamento relativo a um projeto conjunto entre vários participantes, possibilitando o debate (Traqueia et al., 2021).

2.4. PROCEDIMENTOS

Um procedimento é uma forma de progredir em direção a um objetivo. Expôr o procedimento científico consiste, portanto, em descrever os princípios fundamentais a pôr em prática em qualquer trabalho de investigação. Os métodos não são mais do que formalizações particulares do procedimento, percursos diferentes concebidos para estarem mais adaptados aos fenómenos ou domínios estudados. (Quivy, 1998, p. 25).

Compreender os procedimentos desta investigação, significa, em primeiro lugar, compreender os princípios que o regeram:

Ética e autorizações

Estar inserida numa instituição de ensino e realizar uma investigação que implica recolha de perceções, é uma tarefa de grande responsabilidade ética. Essa responsabilidade é redobrada quando a recolha é realizada junto de pessoas, na sua grande maioria, menores de idade. Em alguns casos, já maiores de idade, mas que não são os seus próprios encarregados de educação. Noutros, em menor quantidade, que apesar de serem os seus próprios encarregados de educação, o são há relativamente pouco tempo.

Assim, o princípio fundamental que norteou esta investigação, passou, em primeiro lugar, por promover para os participantes, uma experiência lúdica de aproximação ao método científico, uma prática de partilha e troca de opiniões. Em suma, foi mais uma forma de aprendizagem, sempre com a atenção de cuidar, para que em nenhum momento, esta investigação (ou as opções tomadas por motivos relacionados com ela), criasse junto dos participantes qualquer tipo de desconforto, sobrecarga, ou atrito interpessoal. É de referir, relativamente ao público-alvo, que: estes participantes são globalmente empenhados e comprometidos (mas nem sempre a ponto de se lembrarem de trazer as autorizações assinadas pelos encarregados de educação); compreendem perfeitamente tudo o que lhes é bem explicado (mas que nem sempre se lembram amanhã do que lhes foi transmitido hoje e nem sempre lêem com atenção o que está escrito); e que levam a sua responsabilidade como representantes de um grupo com

muita seriedade (mas podem muitas vezes confundir o que é uma escolha representativa com uma escolha afetiva).

Assim, conduzir esta investigação sob orientação deste compromisso pessoal, aparentemente muito simples, de ser uma experiência positiva para os alunos, foi, sem dúvida, uma tarefa extremamente exigente.

De forma a respeitar, de forma inequívoca, as opções de participação, de recolha de dados e de registo de imagem, foram entregues e recolhidas, depois de assinadas, as autorizações necessárias para levar a cabo uma investigação desta natureza.

O documento *Consentimento Informado e Autorização* (em anexo), foi entregue, em primeiro lugar, à pessoa que exerce o cargo de diretor, para obtenção formal de consentimento junto da Instituição e, posteriormente à sua autorização, foi entregue aos Encarregados de Educação (EE). Em ambos, estava assente o compromisso da investigadora em respeitar as opções dos EE e dos/as alunos/as e garantir a confidencialidade e proteção de dados e imagens dos participantes (em anexo).

Aos participantes foram explicados os procedimentos (tendo em conta o público-alvo, mais do que uma vez, de formas diferentes), e esclarecidas todas as dúvidas colocadas em cada passo, dando a cada momento o direito de escolha relativa à participação.

A título de exemplo refere-se o processo para a entrevista. Enquanto era montado o equipamento de vídeo, eram explicados, mais uma vez, informalmente, os procedimentos e as opções para a salvaguarda dos dados e confidencialidade. Eram esclarecidas dúvidas que pudessem surgir. A entrevista iniciava-se com a leitura formal do início do *Guião de Entrevista Semiestruturada* (em anexo).

É também de referir que a entrevista de grupo (*Treza*) foi realizada depois de as participantes tomarem conhecimento das notas nas disciplinas (leccionadas pela investigadora), no final do 1º período.

Uma vez que foi possível, só depois de os alunos tomarem conhecimento das notas (às disciplinas leccionadas pela investigadora) do 3º período, é que foram realizadas 6 das entrevistas individuais e aplicado o questionário. Relativamente a 3 dos alunos, essa prática, foi impossível de se realizar.

Para a recolha de dados, foi adotado o seguinte procedimento:

Questionário

O questionário acerca do percurso escolar foi aplicado aos participantes de forma direta. Criado através da ferramenta *Google Forms*, diretamente associada à conta de *e-mail* da investigadora, na sua qualidade de docente da instituição, o questionário foi partilhado com os alunos através de uma *Classroom* conjunta, que tem como única docente a investigadora.

Optou-se por recolher os *e-mails* dos participantes, de forma a obter a informação necessária, nomeadamente, quantos e quais alunos, de cada turma, é que preencheram ou não preencheram o questionário.

O questionário contempla perguntas abertas e fechadas, sendo, por isso, um questionário misto. Esta tipologia é utilizada “quando o investigador quer obter informação qualitativa para contextualizar e complementar a informação quantitativa.” (Santos & Henriques, 2021). É composto por seis diferentes secções:

Na 1ª, descreve-se o âmbito e o objetivo do trabalho, o que se pretende do participante e é fornecida informação sobre o tratamento dos dados.

Na 2ª, que se refere à identificação geral, são colocadas duas perguntas, de resposta fechada.

A 3ª, refere-se às perspetivas sobre as experiências de formação / criação artística. São colocadas quatro questões abertas, uma pergunta de resposta múltipla e um espaço facultativo para observações.

Quanto à 4ª, centra-se no percurso escolar e é composta por 5 questões de resposta fechada; 1 pergunta de resposta múltipla; 2 perguntas na escala de Likert, de 5 pontos; 3 questões abertas; e 2 espaços facultativos para observações.

Relativamente à 5ª secção, motivação / desmotivação, esta é composta por 7 questões abertas; 7 questões de resposta fechada; 2 perguntas de resposta múltipla; e 1 espaço facultativo para observações.

A 6ª secção refere-se a sugestões de melhoria e outras observações e é composta por duas questões abertas.

A validação do questionário foi realizada por duas docentes. Uma com mais experiência em ensino, outra com uma faixa etária mais aproximada ao público-alvo. Ambas fizeram sugestões nos seguintes parâmetros: estrutura e clareza do questionário; correção da linguagem e adequação à faixa etária; clareza das perguntas e adequação das possibilidades de resposta; outras sugestões. Quanto aos três primeiros itens, foram alteradas todas as correções efetuadas e relativamente às sugestões, foram efetuadas alterações nas sugestões consideradas adequadas ao estudo.

Entrevista

O método adotado foi a entrevista semiestruturada individual a um *focus group*.

Para a seleção do *focus group* ser representativa de toda a comunidade estudantil deste ano letivo, neste curso, a proposta apresentada às três turmas, foi a seguinte:

A dimensão da amostra de cada uma das três turmas seria de três elementos, independentemente do número que compõe a totalidade da turma. Para garantir a representatividade e a participação de todos no processo, a seleção dos entrevistados seria realizada da seguinte forma: a primeira pessoa seria escolhida por sorteio; a segunda pessoa seria eleita pela turma; e a terceira pessoa seria escolhida pela investigadora.

Os grupos de participantes concordaram que era uma seleção suficientemente justa e representativa. Era importante para a investigadora que todos se sentissem representados e entendessem, quer relativamente ao método utilizado, quer relativamente à escolha dos entrevistados, as opções que motivaram as escolhas. A proposta tinha sido compreendida e recebia aprovação.

Relativamente ao sorteio, numa das turmas o sorteio foi realizado por uma participante, no telemóvel, através de um sorteio de nomes *online*. Nas outras duas turmas, o sorteio foi realizado através da escolha cega de papéis dobrados, com os nomes escritos.

No total, apenas 5 participantes é que não quiseram ser incluídos na seleção para a entrevista. A investigadora apurou as razões: 4 participantes referiram que não se sentiam confortáveis em ser entrevistados e 1 referiu que uma experiência prévia não tinha funcionado muito bem. A investigadora poderia ter optado por excluir a gravação em vídeo, como forma de registo da entrevista. Talvez alguns, desta forma, se sentissem

confortáveis. No entanto, uma vez que a investigadora não tem a prática necessária para tomar notas objetivas de uma entrevista que poderia ser longa e visto que os restantes elementos demonstravam muita vontade em ser seleccionados e que todos demonstravam vontade de responder ao questionário, a opção tomada, foi excluir do sorteio os 5 participantes, anteriormente referidos, e escolher apenas os participantes que queriam ser entrevistados.

Os sorteios e as seleções dos entrevistados decorreram com a normalidade expectável em cada grupo. A eleição do elemento pelo grupo foi realizada por votação individual, em voz alta, na presença dos restantes elementos. O motivo da seleção do elemento escolhido pela investigadora foi explicado a cada grupo.

Assinala-se que a pessoa entrevistada seleccionada pelo grupo, em 2 casos foi eleita por uma ampla maioria. Noutro, foi eleita por apenas mais 1 voto. Relativamente à escolha da investigadora, em 2 casos foi imediata. Noutro foi alvo de bastante reflexão. O grupo em que a pessoa foi eleita por mais 1 voto e o grupo em que a escolha da investigadora foi mais morosa, são grupos diferentes.

Nas transcrições (em anexo) mantiveram-se as marcas de oralidade dos participantes.

3. TRABALHO POR PROJETO

O trabalho de projeto em teatro (a par com o jogo simbólico; o jogo dramático; a representação intencional de histórias, acontecimentos e experiências da vida quotidiana e representação de situações imaginárias) está presente desde cedo na educação (Silva et al., 2016, p. 53). A evolução dos trabalhos de projeto participados, naturalmente varia consoante as várias faixas etárias, quer em complexidade, graus de envolvimento e poder decisório dos participantes. Paralelamente, é expectável um crescente domínio da gramática teatral, podendo incluir posteriormente o próprio espetáculo.

Tendo em conta a qualificação do Curso Profissional de Intérprete Ator/Atriz já referida anteriormente (utilização do corpo e da voz como recurso para a criação e interpretação de personagens, em diversas áreas do espetáculo) e a natureza do trabalho de um ator/atriz, assim como os conhecimentos, aptidões e atitudes que são inerentes ao seu perfil profissional e as competências que um ator deve desenvolver. O trabalho de projeto, no contexto do CPIA, é realizado geralmente por projeto performativo.

Para melhor enquadrar o trabalho desenvolvido em contexto escolar, irá realizar-se em primeiro lugar uma classificação dos projetos. Posteriormente, será realizada uma breve síntese dos projetos mais significativos (desenvolvidos no âmbito do curso), que envolveram os participantes deste estudo.

Os projetos foram classificados em quatro tipologias distintas. Os critérios de diferenciação destas quatro tipologias são, o responsável pela criação do projeto e o alcance ao nível do público.

Classificam-se como projetos externos, aqueles em que o desenvolvimento artístico do projeto é assumido por uma pessoa (ou grupo de pessoas), que não é docente da escola.

Classificam-se como projetos internos, aqueles em que o desenvolvimento artístico do projeto é assumido por uma pessoa (ou grupo de pessoas), que é docente da escola e das turmas.

O segundo critério de diferenciação nesta classificação, cinge-se aos projetos internos. Urge distinguir três tipos de projetos internos, do ponto de vista do alcance ao nível do público.

Classificam-se como projetos internos em parceria, aqueles que, sendo um projeto interno, são realizados e apresentados em parceria com entidades externas, inclusive para público externo ao agrupamento.

Classificam-se como projetos internos, aqueles que são realizados e apresentados exclusivamente na escola / agrupamento (ainda que possam contar com apresentações para familiares e amigos).

Classificam-se como projeto prova, os que são realizados e apresentados exclusivamente para júri e restantes alunos do CPIA, no âmbito dos momentos de avaliação.

Passam-se, de seguida, a apresentar os mais relevantes projetos, inseridos em três, das quatro diferentes tipologias, que são pertinentes para a análise neste estudo. Projetos externos; Projetos internos em parceria; Projetos internos.

3.1. PROJETOS EXTERNOS

3.1.1. *Clean Water Act*

O espetáculo *Clean Water Act* surge no ano de 2020, como uma encomenda de cocriação dirigido pela comunidade de um Festival à bailarina e coreógrafa Jenny O Jacobsson.

Este espetáculo teve como objetivo, pensar artisticamente na sustentabilidade e refletir sobre uma questão global, com uma séria implicação na região. O tema da proposta englobava as ações humanas e o impacto, como consequência das suas ações, sobre a água dos oceanos (Ventania, 2020). Depois de um longo percurso de criação que envolveu a comunidade local, alunos, surfistas e comunidade sénior, o espetáculo *Clean Water Act* tinha a sua estreia marcada para a semana do primeiro confinamento (devido à pandemia por Covid-19).

No ano letivo de 2021/2022, o grupo de alunos envolvidos no espetáculo anterior tinha terminado a sua formação. Os atores e músicos envolvidos no projeto já não eram os

mesmos. Com os novos alunos, o repertório musical tornou-se completamente diferente, e as coreografias também já não podiam ser as mesmas. Houve necessidade de repensar todo o espetáculo, mas a vontade de ver o espetáculo concretizado manteve-se, assim como a necessidade da criação artística como parte da essência do ser humano (Gonçalves, 2019).

Neste musical, cuja inspiração parte do texto *Romeu e Julieta* de William Shakespeare, participaram alunos do Ensino Integrado de Música e dos Cursos Profissionais: Instrumentista de Cordas e de Tecla, Jazz e Intérprete Ator/Atriz; seis bailarinos e dois docentes (pianistas), para além da equipa de docentes que deu apoio ao projeto em todas as áreas (apoio a ensaios, apoio de palco, produção, divulgação, cenografia - realizada em conjunto com alguns alunos de 9º ano, entre outros).

3.1.2. *Sem Retorno*

Estreou em 2018 no âmbito do Festival *Entre Mares*. O espetáculo foi uma produção da Associação Cultural Dancenema, com direção artística de Nilsen Jorge numa cocriação de Ana Alberto e Thora Jorge. Estas criadoras, bailarinas e professoras de Dança são licenciadas pela Escola Superior de Dança e contam com vários anos de experiência na área.

Este espetáculo, produzido no âmbito da comemoração do centenário da morte do 7º Presidente da República Portuguesa. Manuel Teixeira Gomes, foi criado a partir do universo de obras literárias do antigo presidente. No trabalho de criação, o contexto social, o mundo interior e as viagens, formaram os três pontos de convergência da pesquisa para este espetáculo que teve os jovens como público-alvo, em particular, estudantes do 7º ao 12º ano de escolaridade.

O espetáculo integrou momentos de envolvimento com a comunidade em que jovens bailarinos, estudantes de Dança ou Artes Performativas, tiveram a oportunidade de receber formação com as bailarinas da peça e integrar o espetáculo, tal como aconteceu a uma turma de alunos do CPIA, no ano letivo de 2021/2022.

A companhia Dancenema, desde 2007 tem vindo a desenvolver trabalhos que têm como principais objetivos “a promoção, divulgação e difusão de projetos culturais no âmbito

da dança, vídeo e multimédia; e ainda a interação das mais recentes formas de expressão artística como projeção do mundo pós-moderno” (Dancenema, s.d.).

3.2. PROJETOS INTERNOS EM PARCERIA

3.2.1. *Amor de Anjo*

Esta peça foi apresentada no Grande Auditório do Teatro Municipal, com alunos de duas turmas do CPIA. Esta peça da dramaturga Marta Freitas fala de amor e de pessoas que amam.

Cada personagem representa as atitudes, comportamentos e ideias de alguém que conhecemos bem, em cenas a que podíamos ter assistido ou vivido. Que assistimos e vivemos. Em cada personagem, talvez sejam as nossas próprias atitudes e comportamentos que vemos refletidas, através de diferentes pontos de vista.

Neste texto, consegue-se ver toda a sociedade, desde o modo de como cada um é, vive e decide amar, a partir do seu amor, e principalmente, da forma como reage ao amor dos outros.

Esta peça fala sobre o amor entre duas pessoas. Fala de duas pessoas que amam e do amor entre elas. Acima de tudo, fala das reações de outras pessoas a esse amor.

CENA 1 - AQUI E AGORA

Anfitriã - Boa noite. Esta peça trata de homossexualidade. Amor entre pessoas do mesmo sexo. Alguns de vocês, se calhar, já sabiam, outros ainda não... Os que não sabiam, se se sentirem incomodados podem sair agora. Preferimos que saiam agora do que a meio, incomodando aos atores que estão a representar. (Freitas, 2014, p. 41).

3.2.2. Cabeças no Ar

Apresentada em duas sessões (escolas e público em geral), este projeto teve lugar, no Grande Auditório do Teatro Municipal.

Neste projeto interdisciplinar de teatro musical, um dos protagonistas, Orlando, só vai à escola de vez em quando. Nesta escola pública, igual a tantas outras, os *Cabeças no Ar* são alunos iguais a tantos outros. Com um turbilhão de dúvidas e emoções numa roda-viva, à espera de que um milagre aconteça. Com a ajuda da estratégia de um jardineiro muito especial, o professor titular fica de baixa e desaparece.

Para transformar o dia a dia de uma escola e destes Cabeças no Ar, a chegada de um professor singular, faz esta turma abrir a “portinhola do espanto”. (Teatro Municipal São Luiz, 2007).

Mas, para a intervenção deste jardineiro estar completa, faltava apenas a descoberta do primeiro amor... Como convém num musical, com um final muito feliz. O Orlando apaixonou-se pela Sara e já não vai à escola só de vez em quando!

As três turmas do CPIA participaram neste projeto de formas muito distintas. Um dos grupos, em cena, como atores. Alguns alunos de outro grupo, em cena, como figurantes e apoio vocal e coreográfico. A maioria dos alunos desse grupo, ficou responsável pelo apoio técnico. Um outro grupo, ficou ainda responsável por criar pequenas cenas de Teatro Invisível à entrada e a meio do espetáculo.

Esta peça, onde todos os alunos se refletem, é um texto original de Carlos Tê.

3.2.3. Fábrica de Matar Baleia

Desenvolvido na Culturgest durante 12 anos, o projeto *Panos - Palcos novas palavras novas*, é agora permanente, organizado pelo Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII), com a coordenação de Sandro William Junqueira. Todos os anos o PANOS encomenda a autores reconhecidos, peças originais, com o objetivo de serem representadas por participantes entre os 12 e 19 anos (TNDM II, s.d.). A peça *Fábrica de Matar Baleia*, escrita pela criadora, dramaturga e atriz Kelly Freitas, foi a escolhida para ser desenvolvida na escola, no ano letivo de 2021/2022. Uma travessia narrada por uma personagem que se questiona acerca do mundo e da vida, depois da experiência de ver

uma baleia. Através de tudo o que há de mensurável neste mundo, o texto *Fábrica de Matar Baleia* questiona o que é possível medir, na vida (Freitas, 2021).

Os principais momentos da apresentação do projeto integraram a estreia com júri, espetáculos para famílias e comunidade, comemorações do Dia da Criança e do Dia dos Oceanos.

Numa seleção não competitiva, 6 das muitas versões dos 3 diferentes textos que integram o PANOS, desenvolvidas por participantes de todo o país, são acolhidas, num Festival apresentado no próprio TNDMII. O espetáculo desenvolvido na escola, foi um dos selecionados para integrar o *Festival PANOS - Palcos novos palavras novas*.

3.2.4. *Voz do Mar*

Com o apoio do programa cultural da Direção Regional de Cultura da região. Uma associação local, apresentou, num Monumento Nacional, com a participação de uma das turmas do CPIA, a instalação performativa e participativa, *Voz do Mar - Os segredos das profundezas*.

3.3. PROJETOS INTERNOS

3.3.1. *Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles!*

Este texto, de Sérgio Godinho, com música original de Jorge Constante Pereira, foi trabalhado por uma turma do CPIA no último período do ano letivo.

Esta peça é passada num quarto, onde estão quatro personagens, no seu quotidiano. Acontece que nesse quarto entra uma quinta personagem que ninguém consegue ver...

Este projeto foi desenvolvido nas disciplinas de Interpretação, Movimento e Voz, em dois momentos distintos, sendo aproveitados excertos dos trabalhos desenvolvidos nas três disciplinas para a apresentação final.

Os sucessivos isolamentos profiláticos impediram, nesta turma de participantes, o trabalho de contracena com regularidade e profundidade ao longo do segundo período letivo. A opção pedagógica de encenação focou-se em dois critérios: um deles a possibilidade de se continuar a trabalhar, mesmo em caso de isolamento profilático de algum dos elementos; outro, na dinâmica necessária num espetáculo que tem muitas frases curtas, semelhantes e muitos jogos de palavras, em que para a contracena é necessária uma concentração profunda. Por esse motivo, optou-se por uma curiosa distribuição das personagens.

Nas disciplinas de Interpretação e Movimento, 4 das personagens seriam interpretadas simultaneamente por 3 atrizes diferentes, num jogo conjunto de ação e reação. A indicação a nível do movimento era o jogo físico de reações (Ex.: gosto / quero ver: aproximo-me; não gosto / tenho medo: afastar-me), acentuado ao extremo.

A título de curiosidade, é de referir que a cada sessão de trabalho, o grupo, como não sabia as músicas, improvisava. Todas criações musicais originais que partiram dessas improvisações da turma, integraram o projeto final que foi apresentado num momento cultural (excertos), no Jardim de Infância e na Escola Básica do Agrupamento (para cerca de 120 crianças, em colaboração com o professor de música de duas turmas).

3.3.2. Solos de Movimento

O projeto tem sido desenvolvido desde o ano letivo 2013/2014 no âmbito da disciplina de Movimento. Ao longo destes anos, houve inúmeras variações e alterações ao projeto inicial. Descreve-se, de seguida, a motivação para a sua concretização e as linhas orientadoras gerais.

No final do Curso Profissional, os alunos apresentam uma Prova de Aptidão Profissional (PAP).

A PAP consiste na apresentação e defesa, perante um júri, de um projeto consubstanciado num produto, material ou intelectual, numa intervenção ou numa atuação, consoante a natureza dos cursos, bem como do respetivo relatório final de realização e apreciação crítica, demonstrativo de conhecimentos,

aptidões, atitudes e competências profissionais adquiridos ao longo do percurso formativo do aluno, em todas as componentes de formação, com especial enfoque nas áreas de competências inscritas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e no perfil profissional associado à respetiva qualificação. (Portaria nº 235-A, 2018, Sec. II, Art.29º, al. 2).

No decorrer deste trabalho, os alunos confrontam-se pela primeira vez com as dificuldades inerentes a um processo individual de criação. Apesar de tecnicamente o aluno estar mais apto no terceiro ano, a realização dos solos decorre no segundo ano do curso, no ano anterior à PAP, para avaliação da disciplina e é apresentado ao júri em presença de público.

Em conjunto com cada grupo, é estabelecido o ponto de partida e inspiração, a duração mínima e máxima, e são ajustadas as possibilidades musicais e de utilização de objetos. Definem-se os elementos obrigatórios.

Os principais objetivos deste projeto são: conceber e desenvolver um projeto de Movimento; desenvolver capacidades de pensar e falar acerca de movimento; desenvolver autodisciplina e automotivação; compreender as fases emocionais inerentes a uma criação artística a solo; e desenvolver capacidades físicas diversas, através do treino sistemático.

Face a uma conjuntura inesperada, o ano letivo de 2021/2022 foi o primeiro ano, desde a sua implementação, em que não houve lugar ao desenvolvimento e apresentação dos *Solos de Movimento*.

3.3.3. Palco Aberto

O *Palco Aberto* é uma atividade da FCT, que começou a ser implementada mensalmente, pela investigadora, no ano letivo de 2020/2021. O seu principal objetivo é dar espaço a trabalhos desenvolvidos de forma autónoma, pelos alunos de teatro. Este ano, o *Palco Aberto* contou com uma apresentação por período, e cada turma ficou

responsável por cada edição (organizar os ensaios, o alinhamento e tudo o que é inerente à apresentação).

Esta atividade envolveu as 3 turmas do curso. Este ano contou com a presença, colaboração e diferentes pontos de vista de 5 docentes das disciplinas tecnológicas do CPIA. Sendo uma atividade relativamente recente, as visões e expectativas dos diferentes intervenientes, relativamente ao projeto, são bastante diferentes. É um projeto cuja identidade está ainda em construção.

Tendo em conta a faixa etária dos alunos que frequentam os cursos profissionais, uma vez que “A adolescência e o modo como é vivida está diretamente relacionada com a comunidade onde o adolescente está integrado” (Ferreira & Nelas, 2016, p. 160), a investigadora pretende, através da implementação do *Palco Aberto*, contribuir para a autonomia e construção da identidade criativa dos participantes. Em suma, com o envolvimento das turmas no *Palco Aberto*, procura potenciar a realização de um conjunto de ações que permitam acompanhar a exploração e desenvolvimento ativos de competências artísticas, sociais e intelectuais de todos os alunos de teatro.

3.3.4. Projetos informais

Os projetos informais compreendem uma diversidade de projetos desenvolvidos no âmbito das disciplinas tecnológicas que podem não ter como objetivo uma apresentação formal ou, que se inserem em atividades experimentais. A título de exemplo destacam-se os seguintes:

- *Arte em Movimento* (aulas conjuntas com duas turmas), dinamizada pelas disciplinas de História da Cultura e das Artes e Movimento.
- *A Tabela Periódica*, dinamizado por duas alunas, interessadas em dirigir projetos pedagógicos de teatro, ficando a cargo destas a responsabilidade da dinamização do projeto com uma das turmas do curso, tendo sido apresentado em articulação com a disciplina de Interpretação e FQ.

3.3.5. Projetos vários

Vários projetos foram trabalhados no ano letivo de 2020/2021, por diferentes grupos de participantes. A saber: *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente; *Biodegradáveis* de Ana Vitorino e Carlos Costa; *Farsa de Inês Pereira* de Gil Vicente.

3.3.6. *Treza*

Xerazade

Para se vingar de uma, que o atraíçoa, o rei degolava todas.

Casava-se ao crepúsculo e ao amanhecer enviuvava.

Uma após outra, as virgens perdiam a virgindade e a cabeça.

Xerazade foi a única que sobreviveu à primeira noite, e depois continuou a trocar um conto por cada novo dia de vida.

Estas histórias por ela escutadas, lidas ou inventadas, salvaram-na da decapitação. Contava-as em voz baixa, na penumbra da alcova, sem outra luz que não a da lua. Sentia prazer ao contá-las, e prazer oferecia, mas tinha muito cuidado. Às vezes, enquanto narrava, sentia que o rei estava a estudar-lhe o pescoço.

Se o rei se aborrecesse, ela estava perdida.

Foi do medo de morrer que nasceu a mestria de narrar.

(Galeano, 2000, p.9).

Figura 1

Treza



Nota. Detalhe do cartaz (DC) do projeto Treza.

Objetivo geral

Implementar, durante o 1º período letivo, uma intervenção artística em contexto escolar, promovida pelas disciplinas lecionadas pela investigadora (Interpretação e Movimento), com o grupo de alunos do 10º ano da turma do CPIA.

Objetivos específicos

Criar um projeto que permita a apresentação às famílias e amigos para estes poderem acompanhar os trabalhos desenvolvidos em sala de aula.

Possibilitar a continuidade de apresentações desse projeto noutros contextos. A título de exemplo: apresentação para outras turmas em contexto escolar, noutros eventos e espaços dentro e fora do Agrupamento.

Valorizar as possibilidades interdisciplinares das disciplinas de componente tecnológica.

Reforçar a ligação escola / família e a sua importância na criação de aprendizagens conjuntas.

Dotar os participantes de ferramentas específicas de criação e experiência de palco.

Estabelecer o início de uma narrativa de grupo.

Acompanhar de forma progressiva e continuada o autoconhecimento, o crescimento e a relação da turma.

Pergunta de partida

Como potenciar, através de projetos de criação artística em meio escolar, a interação entre diferentes contextos de aprendizagem?

Participantes

No total estiveram envolvidos neste processo 15 participantes, 14 raparigas e 1 rapaz, cuja média de idades a 15 de Setembro de 2021 era 16 anos.

Ponto de partida

Tendo em conta o perfil da turma, que, excluindo inscrições de alunos que não compareceram nos primeiros 15 dias de aulas, inicialmente apenas contava 13 com participantes do sexo feminino, a investigadora decidiu trabalhar sobre o tema Mulheres Extraordinárias.

Como?

Criando uma única personagem principal, comum às 13 atrizes. De TREZE mulheres. No feminino, surge a **TREZA**. A personagem principal que todas as participantes vão ter a responsabilidade de criar, trabalhar e apresentar.

Eixos do projeto

A intervenção artística decorreu em 4 eixos / propostas, tendo em conta o ano inicial do curso e o grupo de participantes. Os participantes foram, sempre que possível, de acordo com o evoluir do projeto (e do que foi considerado adequado para as suas características, faixa etária e experiência), postos ao corrente e procurados para intervirem na formulação dos objetivos e das principais adaptações ao projeto inicial.

História

Texto e personagem

Movimento

Trabalho autónomo

Figura 2

Figura 3

Figura 4

Figura 5

Flor

Flor

Flor

Flor



Nota. DC.

Nota. DC.

Nota. DC.

Nota. DC.

Nas próximas páginas descrevem-se os procedimentos relativos ao projeto *Treza*.

De seguida, inclui-se a referência dos principais constrangimentos, bem como uma breve observação sobre a construção artística do projeto. É ainda realizada uma breve apresentação e análise dos dados obtidos através da entrevista não estruturada ao grupo de participantes.

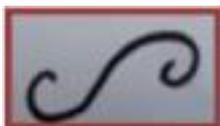
História

Foi solicitado às participantes que investigassem junto da sua família ou dos adultos do seu círculo de proximidade, histórias de mulheres extraordinárias, preferencialmente da sua família. Podendo a escolha passar também para pessoas extraordinárias, uma vez que o tema era mulheres, mas não se pretendia que fosse exclusivo, mas sim inclusivo.

Do ponto de vista da interpretação, pede-se aos participantes que selecionem uma pessoa das suas relações, que tenham vontade de escutar. Para que, depois de escutar, tenham a capacidade de selecionar e mais tarde, voltar a contar.

Figura 6

Esse

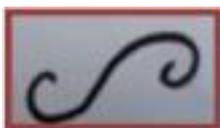


Nota. DC.

Explicou-se aos participantes que o objetivo era encontrar histórias para partilhar, em primeiro lugar em sala de aula e mais tarde, se fizesse sentido, em espetáculo. Este objetivo deveria ser transmitido à pessoa junto da qual fizessem a recolha da história. As participantes foram alertadas para o facto de numa conversa terem de saber elas próprias escolher o que era justo partilhar. Primeiro, com a turma e mais tarde em espetáculo.

Figura 7

Esse



Nota. DC.

Foi-lhes dada total liberdade relativamente à forma de como contar a história. A maioria das participantes escolheu contá-la sentada ou em pé. Uma ou duas escolheram contar a história na primeira pessoa.

Figura 8

Esse

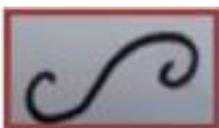


Nota. DC.

Tendo em conta o grau de partilha e o género de histórias, foi necessário interromper a sessão em que se tinha previsto que se contassem todas as histórias. O grupo pediu para não deixarem o tema das histórias de família e solicitou a uma das participantes para contar as histórias cómicas da família dela. A pretexto da intensidade das partilhas, trabalhou-se sobre o entendimento dos limites de uma privacidade familiar e pessoal, que se pretende salvaguardar, ainda que se trabalhe partindo de vivências e histórias íntimas. Ficou também combinado que o que acontecesse e se partilhasse em sala de aula, poderia ser partilhado com os encarregados de educação e diretor de turma ou direção. No entanto, pelos motivos que, naquele momento, eram óbvios para todos os participantes, as histórias não deveriam ser partilhadas com outros colegas de outras turmas, professores e/ou outras pessoas. Uma vez que a partilha emocional requer confiança e, por isso mesmo, é de uma extraordinária responsabilidade.

Figura 9

Esse

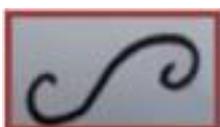


Nota. DC.

Uma das participantes por motivos diversos nunca chegou a contar a sua história até ao fim. A própria participante fez referência a esse facto e foi convidada a contar a sua história quando se sentisse preparada para a partilhar. No entanto, nunca o fez.

Figura 10

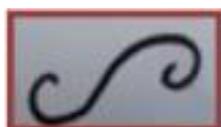
Esse



Nota. DC.

Figura 11

Esse



Nota. DC.

Figura 12

Esse

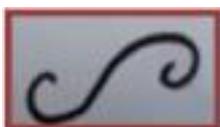


Nota. DC.

Tendo em conta este paradigma, contar histórias é algo intrínseco ao ser humano, não apenas no que diz respeito à comunicação e às interações sociais, como também à própria forma de compreender e organizar a experiência. Entendida enquanto *homo narrans*, a espécie humana afirma-se justamente pela sua capacidade de contar-se a si mesma e de entender o mundo de forma narrativa. Neste sentido, o ato de contar está presente em toda a atividade humana, em todos os aspectos da vida em sociedade. Da esfera familiar à social, do lazer à política, nos mais diversos contextos e através dos mais variados meios, o Homem conta-se a si próprio e ao mundo, o que leva a que todos os indivíduos sejam “contadores de histórias” (Carmelo, 2016, p. 15).

Figura 13

Esse



Nota. DC.

Figura 14

Esse



Nota. DC.

Figura 15

Esse



Nota. DC.

Texto e Personagem

Levando em consideração a natureza do curso e da disciplina de Interpretação, impunha-se a escolha de um texto, para ser memorizado e interpretado pelos participantes. Neste contexto (1º ano do curso e pandemia). Era necessária a escolha de textos relativamente curtos (ou que pudessem sofrer cortes) e que não necessitasse de obedecer a uma ordem pré-estabelecida. Essa escolha acertada de textos para os atores é fundamental. Tal como refere a extraordinária Carmen Dolores:

É verdade que certas personagens que já fui, parecem não se deixar abater, continuam subjacentes, a pairar algures, numa luta de sobrevivência... e eu sinto que algo me prende a elas, mesmo não tendo sido eu que as escolhi, pois foram sempre outros que as sonhavam para mim. Então sinto-me responsável e incapaz de lhes voltar as costas. (Dolores, 2017, p.90).

Durante a pesquisa de textos, bastou uma leitura do livro *Mulheres* (Galeano, 2020), para saber que era o livro certo: poético, contestatário e conhecedor.

Figura 16

Mulheres



Nota. Fotografia do livro de trabalho.

A grande dificuldade agora era, de que forma fazer a seleção destes textos. Eram bastantes textos e, todos eles, belíssimos. Quase no final da leitura a relação surgiu naturalmente e de uma forma mais ou menos direta. Havia textos para articular com todas as disciplinas, caso fosse essa também a vontade dos docentes do Conselho de Turma (CT). Assim sendo, releu-se novamente o livro, procurando satisfazer os seguintes critérios para uma primeira pré-seleção:

- Adequação à turma, às suas características e nacionalidades.
- Correspondência com o que supunha o gosto pessoal de determinados participantes.
- Textos com possibilidades de desenvolvimento cénico.
- Textos cuja articulação com outras disciplinas parecesse viável (de realçar neste ponto, a importância do trabalho informal realizado em escola, com a maioria dos professores da turma, ressalvando que este trabalho é naturalmente mais fácil, rápido e eficaz com o grupo de colegas docentes que já se conhece, com quem já se trabalhou ou com quem se tem maior afinidade).

Figura 17

Ideias



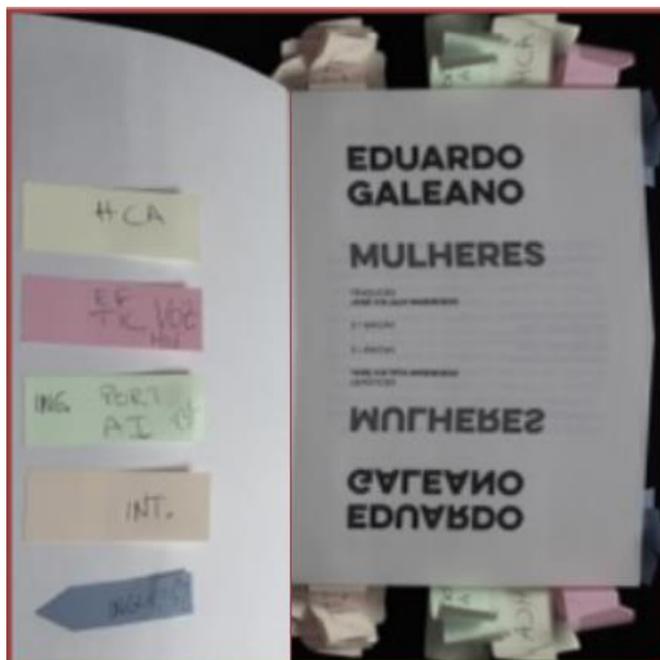
Nota. Fotografia de ideias de articulação com as disciplinas do curso (marcas).

Apesar dos textos pré-selecionados serem bastantes, este aspeto tornou-se muito positivo, pois a intenção seria precisamente explorar essa diversidade. A escolha dos textos a partir de uma seleção pessoal era impossível. Foram selecionados cerca de 3 textos por participante. Uma quantidade justa de material para seleção e também um bom trabalho de sala de aula para a prática da leitura. Esta pré-seleção foi também enviada para os elementos do CT, para o caso de quererem /poderem trabalhar em articulação.

No espaço, todas as folhas com os textos foram colocadas num grande círculo no chão, à volta da sala. Estes ficaram virados para cima e para o centro. As participantes deviam ler e escolher dois textos que gostassem. Todos os textos pré-selecionados foram trabalhados individualmente pelas alunas e lidos em voz alta em sala de aula. Foi um bom exercício prático de leitura, mas pouco eficaz para a compreensão dos textos. Quando questionadas, praticamente todas as participantes compreenderam todos os textos que leram. No entanto, foi fraca a compreensão dos textos que foram escutados. A partir desse momento, a escolha dos textos a integrar o espetáculo foi do coletivo. Dessas escolhas começaram-se a traçar ligações entre cada texto/cena.

Figura 18

Ligações



Nota. Montagem fotográfica.

Possibilidades de ligações com as disciplinas.

Para além das disciplinas de Interpretação e Movimento, as disciplinas de Inglês, Voz, Educação Física, História da Cultura e das Artes, Área de Integração e a FCT, também desenvolveram trabalho sobre os textos. Apesar de ter sido efetuado trabalho em todas as disciplinas referidas, expõem-se, de seguida dois momentos, cujo resultado esteve mais presente no trabalho que foi desenvolvido pela investigadora:

- No final do texto *Eles são elas*, uma das ligações entre textos passava por todos os participantes lerem simultaneamente um texto em inglês. A docente da disciplina de Inglês contribuiu com várias sugestões de textos a trabalhar, particularmente, sobre mulheres que se destacaram de alguma forma (e.g. pelos seus feitos, por terem sido pioneiras na sua profissão), e sobre homens que foram discriminados por gostarem de coisas ou profissões geralmente atribuídas às mulheres. O objetivo era treinar a leitura num trabalho simultâneo para as duas disciplinas. A *Treza Inglesa* acabou por não entrar no espetáculo final, mas foi parte integrante do processo e permitiu o trabalho de dicção e articulação em inglês e simultaneamente a interpretação em língua estrangeira;

- E ainda de referir, o longo e inflamado debate, sobre a discriminação feminina no desporto, depois de a docente da disciplina de Educação Física ter dedicado uma aula a essa questão, a pretexto do texto *Campeãs*.

No final da construção de cada uma das **TREZAS**, no âmbito da UFCD *Construção de Personagem*, teve lugar uma apresentação específica só para as personagens (projeto prova – apresentado exclusivamente para júri e restantes alunos do CPIA, no âmbito do momento de avaliação). Cada intérprete tinha a difícil missão de pensar na sua **TREZA** e porquê apresentar essa personagem.

Figura 19

Espetáculo



Nota. Detalhe de cartaz.

Movimento - Laços, pontos e nós

Para a disciplina de Movimento, o projeto **TREZA** partiu de quatro elementos de inspiração fundamentais:

- Uma conversa entre o público e os elementos da companhia Terceira Pessoa, após o espetáculo *Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no universo* no Festival Materiais Diversos;
- O imaginário de uma das *Cidades Invisíveis* de Italo Calvino;
- Um exercício em que a investigadora foi participante no âmbito de um workshop;
- e um excerto da coreografia *Sideways rain* da Cie Alias / Guilherme Botelho.

Como denominador comum da leitura que se pretendia entre estes elementos, encontram-se as relações interpessoais representadas por uma multiplicidade de fios. O fio como elemento simbólico na trama / teia / rede de relações. A importância do encontro com o outro naquilo que nos define enquanto indivíduos. No excerto do *Sideways rain*, que foi apresentado ao grupo de participantes e na leitura que foi proposta para a interpretação desse excerto, os bailarinos deslocavam-se de formas incomuns, sempre na mesma direção, sem se olharem e sem se tocarem. É visível que o elemento tempo influencia o movimento e que o movimento de uns, contamina os outros. Num momento fundamental, um dos bailarinos vira-se ao contrário e encontra o outro. Nesse momento as possibilidades transformam-se, tal como nos transformamos uns aos outros. Por muito distantes, estranhos ou incompatíveis que os outros nos pareçam quando ainda não os conhecemos.

Figura 20

Fios



Nota. DC.

Figura 21

Fios



Nota. DC.

Figura 22

Fios



Nota. DC.

No trabalho desenvolvido para este projeto “A dança criativa pode explorar, através de imagens, os movimentos metafóricos. Deste modo, pode-se atingir as várias potencialidades dos movimentos corporais como veículo das metáforas, tornando-os mais significativos.” (Campeiz & Volp. 2004, p.169).

Trabalhou-se a partir dos fios que nos unem, a sua in/visibilidade. Para que, partindo do estímulo do movimento, se ajude a criar no grupo de participantes uma relação interpessoal saudável, de cooperação e de confiança.

A maioria do trabalho realizado, partiu de improvisações guiadas, que foram trabalhadas numa relação intrínseca entre conteúdos programáticos da disciplina e como material metafórico de construção, de ligação e de relação do grupo.

Exemplo: Estamos todos ligados por uma infinidade de fios. De que parte do nosso corpo sai o fio que me liga a outra pessoa? De que cor é esse fio? A que parte do corpo do outro se liga? O que implica essa ligação, na minha relação com o meu próprio corpo? Vamos criar ligações arco-íris. Que partem de uma parte de um corpo e chegam a outra parte de outro corpo. Criar uma ligação única com todos os corpos na sala. Se estamos ligados, somos vários corpos ligados ou somos um só corpo?

Pretendia-se que houvesse uma troca de estímulos, de forma a viabilizar a presença de um impulso criador externo e simultaneamente criar uma ligação afetiva com o material de inspiração. Neste contexto foi pedido aos participantes que procurassem alguém (na família ou com quem tivessem uma relação de proximidade), que lhes ensinasse como se faz algo, relacionado com nós, laços, costura, redes de pesca, cestaria, entre outras, e que pudessem filmar.¹

As desvantagens desta proposta foram claras na partilha dos vídeos e dos materiais. Felizmente, nem todos os participantes responderam à proposta, uma vez que os que responderam excederam em (mesmo) muito o tempo recomendado. Outra desvantagem notória, foram as partilhas em vídeo com muita informação, que tornaram impercetível o estímulo visual que se pretendia.

¹ Os participantes foram informados que o propósito era a partilha com o grupo e que poderiam filmar em vídeo, com a duração recomendada de um minuto sem precisar de expor a pessoa, bastava, por exemplo, filmar as mãos a realizar a tarefa.

Apesar da sua duração, a partilha foi extremamente positiva. Uma vez que para o grupo, foi insubstituível ver a mãe de uma participante fazer ponto cruz, para depois ver a cara da participante quando a mãe a obrigou a fazer ponto cruz pela primeira vez. Ou, as reações de outra a tentar apressar a avó, somente porque o seu vídeo já estava muito longo. E ainda um outro episódio, da avó de mais uma participante, que enquanto cosia uma meia, dizia que a sua neta não cortava as unhas e por isso tinha um buraco tão grande na meia. No dia que apresentou o vídeo, esta Treza, tinha calçada a meia que a avó remendou. O grupo de participantes num grande círculo à volta deste pé com meia, observou que a parte que tinha sido remendada não se notava mesmo nada!

Algumas Trezas trouxeram ainda o seu próprio conhecimento: croché aprendido no *Youtube* durante o confinamento; três nós, utilizados na pesca e na amarração dos barcos (que aprendeu com o pai pescador e que, segundo outra Treza, poderia resolver o seu futuro profissional, uma vez que se não puder ser atriz estaria pronta para ser pescadora, opinião partilhada pelos restantes participantes); e uma trança para prender o cabelo (todas as raparigas o sabem fazer, mas agora, há que ensinar o rapaz).

Partir desse material e imaterial afetivo, para a exploração do corpo através desses estímulos, foi a continuidade dessa partilha. Exemplo: Ser linha a percorrer o espaço, ser corda, nó, trança, ser tecido a fechar e a abrir (O espaço como tecido. De que formas se enlaça o outro, se for fio?).

Tendo em conta a resposta do grupo às improvisações, foi-lhes lançado um desafio. Isto dito no verdadeiro sentido da palavra, pois o pouco tempo disponível para a tarefa era, por si só, desafiante. Aliava-se o pouco tempo à inexperiência. Os participantes encontravam-se num ano inicial, no primeiro período, a grande maioria sem experiência prévia em cena. Para além disso, apesar de terem trabalhado para uma coreografia de *Halloween*, como alguns elementos do grupo estavam doentes, faltaram no dia da apresentação e o grupo não tinha apresentado um primeiro projeto em conjunto.

Desafio: Uma vez que a avaliação da disciplina de Movimento ia ser apresentada no *Palco Aberto*, realizar os exercícios propostos para a prova de avaliação, mas sob forma de projeto prova. Ou seja, que nessa apresentação se tentasse construir um projeto performativo coletivo, que mais tarde poderia funcionar como cena ou pesquisa de cenas para o projeto **TREZA**. O grupo aceitou o desafio.

A adaptação ao trabalho começou desde a postura correta, a verticalidade, à exploração de diferentes formas de andar, que observamos, imitamos e voltamos a transformar, até deixarem de ser formas de andar e passarem a ser apenas deslocações. Como transformamos essas deslocações quando estamos em pequenos grupos que caminham na mesma direção? Observamos como alteramos toda a dinâmica do movimento quer individual, quer dos pequenos grupos (que acabam por transformar também o grande grupo). O mundo transforma-se porque uma pessoa pára e decide olhar para outro lado, porque olha para o mundo sob outro ponto de vista e o partilha. Através dos fios que nos unem, o movimento que fazemos cria laços relacionais.

O dia da prova foi uma boa estreia para o grupo, que recebeu bastantes elogios ao trabalho apresentado, dos colegas e do júri da prova. As reações não costumam ser tão unânimes.

Visando a liberdade individual e colectiva, a cultura é o repositório último dos valores que construíram e constroem a civilização. A arte, que é, talvez, a sua manifestação mais sublime, é sempre uma prova de que é possível criar alternativas a tudo aquilo que parece pré-determinado. O teatro, enquanto forma de arte, trata, acima de tudo, das relações humanas, num contexto de inclusão, partilha e superação. E tudo isto é precioso para nós, seres humanos, se queremos viver num mundo que não coloque sistematicamente em causa a existência. (Silva, 2015, p.2).

Figura 23

Fios



Nota. DC.

Figura 24

Fios



Nota. DC.

Figura 25

Fios



Nota. DC.

Trabalho Autónomo

A curandeira.

Uma das histórias recolhidas na pesquisa das Mulheres Extraordinárias, foi a história da bisavó de uma das participantes que era curandeira. Utilizava o seu conhecimento sobre plantas para curar as pessoas, sem pedir nada em troca.

Figura 26

Abelhinha



Nota. Detalhe de cartaz.

Foi proposto que o grupo trabalhasse de forma autónoma para uma apresentação no *Palco Aberto*.

Depois do apoio inicial, que consistiu em ajudar o grupo a organizar o horário de trabalho e a requisição de salas, foi explicado o que se pretendia com o trabalho. Sempre que necessário o coletivo solicitava apoio. Quando passava muito tempo sem isso acontecer, era solicitada uma apresentação do trabalho em curso. O trabalho autónomo decorreu ao longo de um mês, num processo de cerca de 20 horas de ensaio, para aproximadamente 5 minutos de apresentação.

É importante lembrar que, a grande maioria dos participantes não tinha qualquer experiência performativa e que na sua maioria não se conheciam antes de entrar para o curso.

A maior e mais difícil tarefa para a investigadora foi a gestão interpessoal e emocional dos participantes ao longo do processo. Uma vez que não estava presente durante o tempo do trabalho autónomo, competia à investigadora desfazer conflitos a que não tinha assistido, que não eram expressos abertamente e que na maioria das vezes apenas se podiam intuir, pela observação das dinâmicas do grupo. Paralelamente, a investigadora focava-se em manter o nível de motivação do grupo, gerir o estado emocional dos participantes numa atividade em que se pretendia que não interferisse. Melhor, numa atividade em que se pretendia que os participantes não sentissem a sua intervenção. Também, mas talvez nesta fase menos importante, se focava em acompanhar o trabalho criativo dos participantes.

Do ponto de vista da investigadora foi fundamental para a união do grupo, quando se deu conta de que o trabalho em progresso apresentado pelo grupo, não estava de todo de acordo com o que tinha sido inicialmente proposto. Ao ouvir o *feedback*, o grupo ficou extremamente desanimado, defendendo a continuidade da sua proposta, uma vez que não estava completa. O grupo teve dificuldade para explicar a sua proposta criativa. Talvez seja mais correto dizer que a investigadora teve dificuldade em entender a proposta criativa do grupo, naquele momento.

Tendo em conta a diferença de visões entre as partes, chegou-se a um acordo. O objetivo deste trabalho autónomo era integrar o projeto **TREZA** e visto que a investigadora não se identificava com o que tinha sido apresentado, mas as participantes sim e tendo-lhes sido explicado, ponto por ponto, muito detalhadamente o que não estava a funcionar no sentido que se pretendia para o projeto, foi dado às participantes toda a liberdade para a apresentação do trabalho autónomo ao público. Com a responsabilização associada a essa liberdade criativa. Ou seja, se no final do trabalho autónomo, depois de apresentado ao público, a investigadora não se identificasse com a proposta, esta seria excluída da apresentação do projeto **TREZA**.

Depois deste momento, as visões do grupo e da investigadora alinharam-se. A necessidade de gestão emocional e das relações interpessoais do grupo passou a ser cada vez menos necessária e frequente. Os conflitos tornaram-se praticamente inexistentes e

o grupo estava cada vez mais motivado. Nos momentos de encontro, foram sendo sugeridas correções, melhorias, introdução de novos detalhes e elementos. Nas sugestões de trabalho, foram valorizadas pela investigadora as relações entre espaço sonoro e movimento “For the body can become a marvellous instrument of beauty and harmony when it vibrates in tune with artistic imagination and collaborates with creative thought!” (Jaques-Dalcroze, 1912, p. 21). No final, tendo em conta o ano inicial e o facto do trabalho ser autónomo, a qualidade do trabalho apresentado superou todas as expectativas.

Este trabalho foi referido por várias participantes, na entrevista não estruturada sobre o projeto **TREZA** como o elemento fundamental de aproximação do grupo. (**Uma** “A ligação que nós temos agora e trabalho em conjunto como temos agora e acho que esse trabalho autónomo tipo, sem professores, só nós a trabalhar e ter que nos organizar, sem nos conhecermos bem eu acho que foi muito importante.” **Sete** “cada uma conseguiu entender cada pessoa como é que ela é, como é que ela age, o que é que ela sente” **Cinco** “É início do ano. Vá conheçam-se aí, façam um trabalho autónomo. (...) porque realmente juntou-nos a todas, e fez-nos assim.... Vá profissionalmente... E fez-nos acreditar no potencial umas das outras e que nós conseguimos fazer tudo o que nós estivermos juntas” **Seis** “Acho que foram as brigas que ajudaram nós a evoluirmos. (...) Foi aprender a refletir no que estamos a fazer e dar momentos de pausas de.... Ok estamos... A chatearmo-nos umas com as outras. Vamos parar. Respirar. E falar sobre o que aconteceu.”)

Figura 27

Abelhinha



Nota. DC.

Figura 28

Abelhinha



Nota. DC.

Figura 29

Abelhinha



Nota. DC.

Para terminar...

Principais constrangimentos

É importante registar que, por motivo de cancelamento de apresentação ao público, devido a prevenção pandémica, o projeto final TREZA não foi apresentado em Dezembro, como previsto. Tendo, nessa altura, sido adiada a sua apresentação final para Janeiro. Pelo mesmo motivo, aliado ao facto de não fazer sentido realizar uma apresentação ao público sem todas as participantes envolvidas, o projeto TREZA apenas foi apresentado ao público no fim do segundo período (fim do mês de Março e início de Abril.).

Do ponto de vista do registo do processo é de assinalar que nem todos os encarregados de educação tinham cedido autorização de registo de imagem e vídeo, o que dificultou o registo ao longo da construção do projeto. Note-se que durante o processo houve várias alterações à composição do grupo.

Observações

O grupo não se manteve estável com 13 elementos durante todo o projeto, houve entradas e saídas de participantes. Todas essas mudanças foram sendo integradas no processo de trabalho. A título de exemplo: A Catorze veio acrescentar a disputa sobre o protagonismo. Se são 14, quem é a TREZA, afinal? Entrou um rapaz... 15 alunos. Ficou o QUIMZE. Todas estas alterações ao grupo foram fazendo parte da construção artística. Algumas, com o objetivo de integrar, outras, para criar a memória do grupo.

Figura 30

Máscaras



Nota. DC.

Figura 31

Máscaras



Nota. DC.

Entrevista de grupo não estruturada.

São de assinar os seguintes factos:

A entrevista não estruturada foi gravada em vídeo, depois das alunas já terem tomado conhecimento das suas notas nas disciplinas de Interpretação e Movimento. As participantes foram informadas que a entrevista integrava um trabalho a desenvolver onde apenas se procura a perceção individual de cada um e que não há respostas erradas.

Três alunas não falaram durante toda a entrevista. Depois de terminar a gravação a investigadora perguntou por que motivo as participantes não se tinham manifestado, as quais responderam que não tinham nada a acrescentar ao que o grupo estava a dizer.

Deve ser ainda assinalado o seguinte constrangimento: 41 minutos depois do início da entrevista, o cartão de memória ficou cheio e a câmara deixou de gravar. Enquanto o registo da gravação efetuada era transferido para o computador e se limpou novamente o cartão para se poder continuar a filmagem, as participantes fizeram uma pausa. Quando regressaram, voltaram com outra disposição. Uma chegou mesmo a perguntar antes de recomeçarmos, se ainda ia demorar muito mais. Nessa altura a investigadora também sentia que a interrupção não tinha sido positiva. Foram apenas mais 7 minutos de entrevista, em que as participantes tentaram referir o que a câmara tinha perdido na transição, mas o próprio espírito do grupo não estava igual.

A entrevista foi gravada na sala em que a maior parte do projeto decorreu (exceção feita para as apresentações), ou seja, o espaço do grupo. Durante a entrevista, a parte exterior do edifício estava a ser alvo de limpeza, o que provocava um barulho intenso. Não era possível, em tempo útil, a deslocação para outro espaço. A entrevista foi filmada no último dia de aulas do primeiro período. Uma vez que era necessário que a mesma fosse realizada com proximidade temporal da realização do projeto, foi por isso impossível adiar a data. Grande parte da entrevista foi gravada neste contexto, ou seja, com um ambiente sonoro desadequado. Este facto também tornou a transcrição especialmente difícil. No final do ano letivo, depois de terminadas as atividades letivas, a investigadora solicitou apoio a algumas participantes para a transcrição de excertos que lhe eram impossíveis de transcrever.

Na entrevista de grupo não estruturada, as participantes revelaram uma excelente compreensão das aprendizagens realizadas a pretexto da TREZA e manifestaram a importância da interdisciplinaridade neste trabalho (**Uma** “[No curso de teatro] precisamos de tudo um pouco e precisamos de conhecimento de todas as áreas para estar aqui. E todos esses conhecimentos nos ajudam a estar aqui. Então acho muito importante.” **Cinco** “acho que me fez pôr a pensar que está realmente tudo interligado” **Seis** “noutras disciplinas tivemos também a pegar nesses textos, a maior parte foram textos e ajudámos também essas disciplinas.”).

Mencionaram um espaço de confiança e de cumplicidade (**Nove** “e eu falo por mim que eu nunca me dei tão bem com uma turma e nunca me senti tão bem acolhida numa turma, na vida. E isso é tão bom...” **Sete** “Eu acho que a gente quando está neste curso, a gente precisa de ter muita confiança umas com as outras.”).

Referiram que este projeto as marcou e que faz parte delas, porque a criação também foi sua. (**Três**, referindo-se às personalidades dos participantes “E pô-las na nossa peça. Várias personalidades que no fundo, no fundo, criam uma pessoa, que não é uma pessoa, que samos todas, ou seja, é uma confusão, que não é confusão.” **Uma** “Eu acho, eu acho bué fofo que nós como turma conseguimos construir um projeto que tenha a ver connosco.” **Nove** “Que reflete também a relação da turma que a gente sentiu, a gente pensou na nossa imaginação, a gente conseguiu transmitir isso para o público de uma forma boa.”).

Segundo a investigadora, a sua visão do projeto e a visão de cada uma das participantes, apesar das diferenças que se obviamente se impõem, é muito próxima. Esta individualidade de cada uma das opiniões, da qual também faz parte grande proximidade de pontos de vista entre todas as partes, nem sempre acontece. (**Cinco** “*Faz um gesto que engloba o grupo. Nós temos todas características diferentes, ideias, somos todas diferentes, mas conseguimos ainda assim ficar unidas, e fazer só uma pessoa. E...Uma - Ser um só.*”).

Figura 32

Cartaz Treza



Nota. O cartaz do projeto Treza foi desenhado por uma das participantes depois de um grupo de trabalho debater quais os elementos fundamentais a integrar o cartaz. Do desenho original foram ocultados o nome da escola e a turma.

O mesmo acontece na individualidade de cada um e do grupo como um só. As opiniões acerca do resultado são unânimes. (Três “Acho muito especial por esse motivo, por nós estarmos todas unidas e ser a nossa primeira peça e mostrar essa emoção porque nós aprendemos todas umas com as outras ao longo... Deste período. O que é muito bonito ver e muito bonito o resultado final.” Dez “Ficou incrível o nosso trabalho juntas”.)

As características inerentes a este projeto extraordinário são a qualidade do processo, a qualidade do resultado e as perceções.

Foi assim a **TREZA**.

Cada uma e uma só.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo, expõem-se a análise dos dados obtidos através dos instrumentos de recolha de dados.

De forma a complementar a análise de recolha de dados, pretende-se fazer um cruzamento das informações obtidas através dos instrumentos e técnicas utilizadas.

4.1. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.1.1. Questionário

A recolha de dados do questionário refere-se ao dia 22 de junho de 2022. De um universo de 40 participantes, 33 responderam ao questionário. Dos 7 participantes que não preencheram o questionário, 5 não entregaram a autorização dos EE. No entanto, os outros 2 que entregaram a autorização, não estavam presentes.

Nota prévia: Foram consideradas inválidas todas respostas ou excertos de respostas não perceptíveis como: “.”, “..”, “frab”, “a confia andre” ou “yea6”. Nas perguntas “Se quiseres acrescentar alguma observação relativa a (...) utiliza este espaço.” as respostas “não” e “não quero”, foram invalidadas.

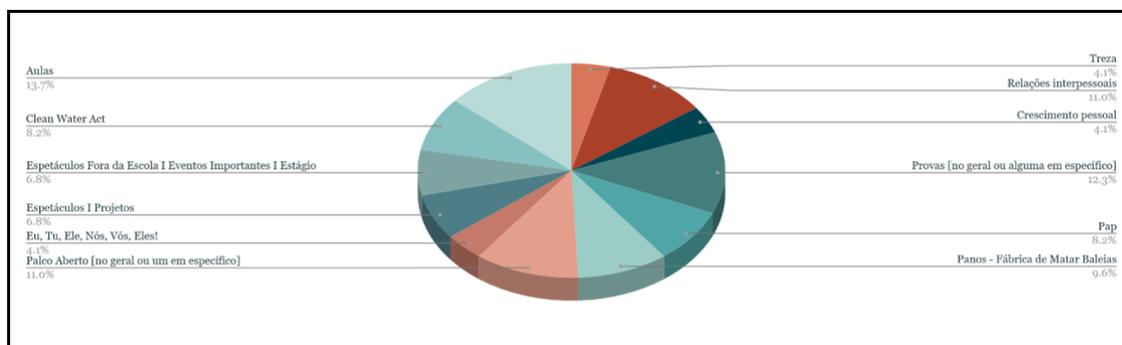
Secção 2. Identificação.

Numa dimensão de 33 inquiridos, 36,4% frequentam o 10º ano, 36,4% frequentam o 11º ano, e 27, 3% o 12º ano. São do sexo feminino 81,8% e 18,2% são do sexo masculino.

Secção 3. Perspetivas sobre as experiências de formação e criação artística.

Figura 33

Gráfico 1 - Os 3 momentos mais importantes.



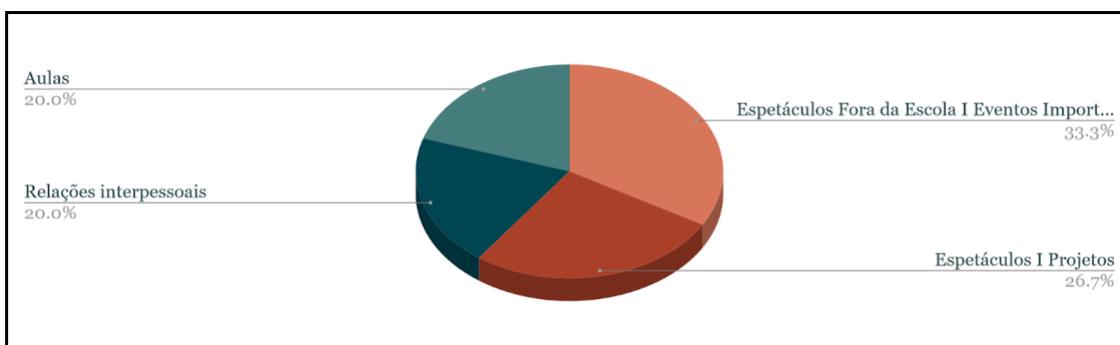
Nota. Este gráfico agrupa a resposta de todos os participantes à questão: Refere os 3 momentos que consideras mais importantes para a tua aprendizagem.

Não foram inseridas no gráfico de análise: respostas referidas 1 ou 2 vezes, a saber: Referidos 1 vez - A Curandeira. (~~Local~~). Apoio dos professores. Biodegradáveis. Contacto com o exterior. Crescimento profissional. Ensaios. Leitura encenada dos poemas do Fernando Pessoa. (~~Evento~~). Trabalhos futuros (solos de movimento). Referidos 2 vezes - Amor de Anjo. Cabeças no Ar. Quando se lê: Aulas (foi expresso em: geral, algumas, módulo específico, exercícios, improvisações, trabalho de TIC). Relações interpessoais (foi expresso em: crescer como um grupo; relação com a turma; convívios; conversas; sorrisos; desentendimentos e entendimentos entre turma e turmas; entre outros.). Crescimento pessoal (foi expresso em: crescimento mental; ter organização, foco e paciência entre outros.)

A análise do gráfico acima, revela uma grande diversidade relativa aos momentos que a globalidade dos participantes considera mais importante para a sua aprendizagem. Apesar de haver projetos que se destacam (como o *Clean Water Act*), uma vez que o projeto envolveu duas turmas, não é possível chegar a uma conclusão isenta, visto que nem todos os grupos participam nos mesmos projetos. Revela-se, pois, necessário uma análise por grupos/turma.

Figura 34

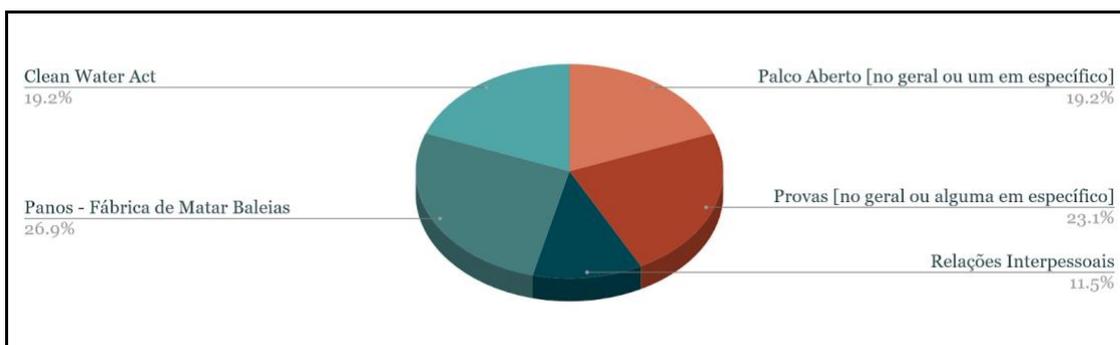
Gráfico 2 - Os 3 momentos mais importantes - grupo 1



Nota. Foram excluídas respostas referidas 1 ou 2 vezes.

Figura 35

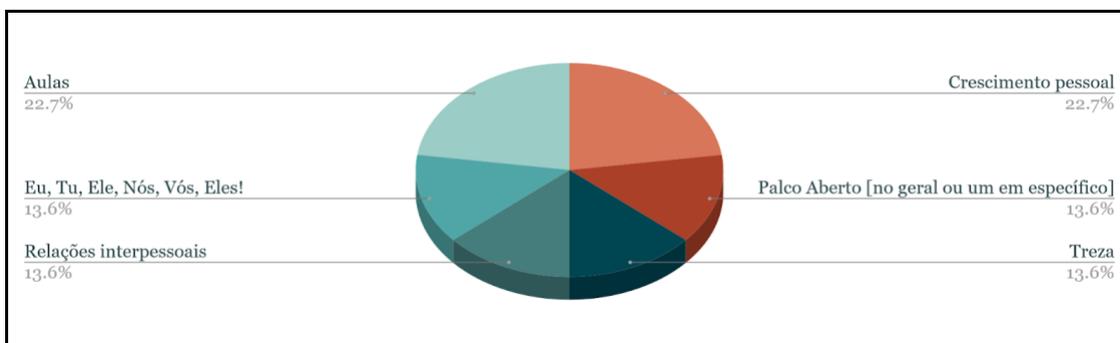
Gráfico 3 - Os 3 momentos mais importantes - grupo 2



Nota. Foram excluídas respostas referidas 1 ou 2 vezes. Quanto aos *Panos - Fábrica de Matar Baleias* (26,9%) inclui a referência específica à ida ao Teatro D. Maria II (3,8%). Das provas (23,1%), a maioria (19,25%) refere-se especificamente à prova da disciplina de Voz (Duetos).

Figura 36

Gráfico 4 - Os 3 momentos mais importantes - grupo 3



Nota. Foram excluídas respostas referidas 1 ou 2 vezes.

Como se pode verificar nos gráficos anteriores, na subdivisão dos participantes por grupos, ainda assim, não é possível estabelecer uma ligação representativa entre um grupo e um momento de aprendizagem específico.

Entre as respostas às perguntas 2 (Porquê?) e 3 (O que aprendeste com esses momentos?), estão evidenciadas essencialmente três dimensões. Seguem-se alguns indicadores:

Crescimento pessoal: 2) “senti que evoluí como pessoa”; “tornou-me uma pessoa melhor”; “Foi importante para o meu crescimento”. 3) “a crescer como pessoa”; “Cresci”; “Crescer”.

Relacionamento interpessoal: 2) “Convívio porque sem ele não saberemos trabalhar em conjunto”; “acabamos por aprender sempre qualquer coisa uns com os outros”; “as conversas que tivemos fizeram-me refletir imenso”. 3) “Respeitar melhor a opinião dos outros”; “A respeitar e a adaptar-me a opiniões diferentes”; “Que temos de ouvir as outras pessoas”.

Desenvolvimento profissional: 2) “Achei muito importante para o meu crescimento enquanto atriz”; “consegui aprender muito sobre o processo completo de criação”; “Porque ajudaram a dar ênfase na aprendizagem corrente durante as aulas, projetos e estágio”. 3) “a melhorar o meu desempenho”; “a ter uma melhor performance em palco”; “Aprendi técnicas e desenvolvi as minhas capacidades artísticas.”

Figura 37

Quadro 1 - Respostas às perguntas 2 e 3

Dimensões	Pergunta 2 - Porquê? Quantidade de Indicadores Respostas 2	Pergunta 3 - O que aprendeste com esses momentos? Quantidade de Indicadores Respostas 3
Crescimento pessoal	11	7
Relacionamento interpessoal	4	10
Desenvolvimento profissional	16	19
Dúbios	5	3

Nota. Nas respostas em que os indicadores evidenciam mais de uma dimensão, foi assinalado um indicador em cada dimensão. A título de exemplo “Fez-me crescer como pessoa e profissional”. 1 - Crescimento pessoal e 1- Desenvolvimento Profissional.

Relativamente à resposta da pergunta 4 (O que pensas acerca de trabalhar por projetos performativos, dentro do âmbito escolar?), 23 respostas revelaram concordância nas dimensões referidas anteriormente. “Faz parte para crescer”; “acho importante, é uma preparação para a vida profissional”; “Acho muito bom, porque para além de explorarmos as nossas capacidades, passamos a conhecemo-nos melhor, bem como melhorar várias questões pessoais”.

Figura 38

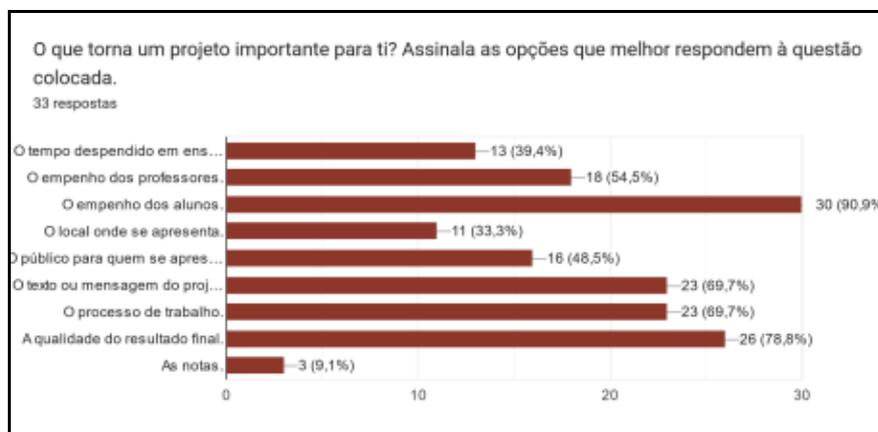
Quadro 2 - Respostas com outros pontos de vista

Outros pontos de vista
<p>“Não tenho a certeza”; “Penso que pode ter as suas vantagens e desvantagens dependendo de como é organizado. Mas no geral prefiro este método de trabalho”; “Acho que são projetos interessantes, porém pedem nos muitas coisas”; “É como tudo, tem claramente as suas coisas boas e as suas coisas más também”; “Eu acho que deveríamos trabalhar mais vezes em projetos performativos e em conjunto com todos ou alguns anos de teatro e até com pessoas de fora, pois ajuda-nos a dar um grande salto, a ter mais consciência e a ser mais profissionais”; “acho que podiam ser mais abertos a outras turmas da escola”.</p>

Abaixo, observa-se que, segundo a opinião de 90,9% dos inquiridos, o que torna um projeto importante é o empenho dos alunos. A qualidade do resultado é de 78,8%, logo seguida pelo processo de trabalho e o texto ou mensagem do projeto com 69,7% cada.

Figura 39

Gráfico 5 - O que torna um projeto importante para ti?



Secção 4. Percurso escolar.

Dos inquiridos, 60,6% já tinha feito teatro antes de entrar no curso e 94% já tinha assistido a espetáculos profissionais (66,7%, deles poucas vezes). Desde que integraram o curso, assistiram a espetáculos profissionais de forma autónoma 84% dos inquiridos (63,6% deles, poucas vezes). Numa resposta múltipla, querer ser ator/atriz foi o principal motivo apontado para o ingresso neste curso (69,7%), logo seguido do gosto pela área (63,6%).

Quanto à relação com os restantes elementos da turma antes de começar o curso, 60,6% dos questionados referiram conhecer alguns elementos, mas sem grande proximidade. Cerca de 33,3% dizem não conhecer os restantes elementos.

Relativamente à pergunta, na escala de Likert, de 5 pontos (sendo que 1 é fraco e 5 excelente), “O curso corresponde às tuas expectativas?”, observe-se abaixo o gráfico 6 e observe-se também a resposta a “Refere a importância da turma no teu percurso escolar”, notando que nas respostas relativas às expectativas do curso, o valor intermédio é predominante, deixando de o ser, quando se refere a importância da turma no percurso escolar.

Figura 40

Gráfico 6 - O curso corresponde às tuas expectativas?

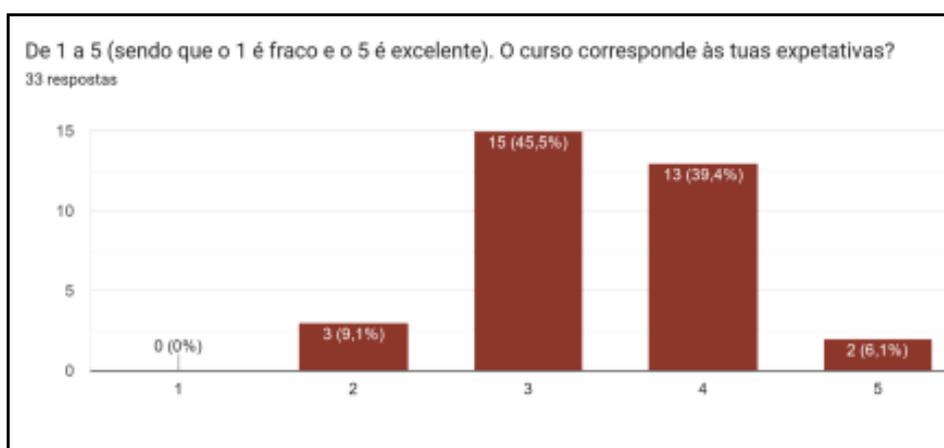


Figura 41

Gráfico 7 - Refere a importância da turma no teu percurso escolar.



Na explicação da importância da turma no percurso escolar assinaladas, encontram-se respostas muito díspares “Porque a turma rebaixa quando alguém tenta dar o teu melhor e não é bem-sucedido”; “Porque acho importante estar bem com o grupo mas as vezes é difícil”; “Neste curso o trabalho coletivo e a cumplicidade são necessárias para melhor desempenho dos projetos”; “Porque aprendemos uns com os outros e somos o apoio uns dos outros”, “Foram um grande suporte para mim”.

Entre as respostas às perguntas **10** (Para ti, o que foi mais importante aprender neste curso?) e **11** (Das competências que desenvolveste, quais as que consideras fundamentais para o futuro?), estão evidenciadas as três dimensões referidas. Seguem-se alguns indicadores:

Crescimento pessoal:**10** “Autonomia”; “Aprendeu-me a ter paciência e a saber escolher as minhas batalhas”; “A lidar com os nervos”. **11** “A sensibilidade, a maturidade e a capacidade de resolver problemas”; “Paciência, que está em desenvolvimento ainda”; “Aceitar críticas e desenvolver as mesmas”.

Relacionamento interpessoal: **10** “Trabalho de grupo, espírito de equipa”; “Aprender que é impossível agradar a todos”; “A aceitar críticas e a ser crítico”. **11** “Não interromper as conversas importantes em momentos inoportunos”; “A importância da comunicação”.

Desenvolvimento profissional: 10) “Estar em palco”; “ter paciência e que levar um não, não faz mal e que não faz mal errar porque assim e o método mais rápido de aprender”; “a técnica”. **11)** “a segurança em palco”; “Saber improvisar”; “técnica”.

Figura 42

Quadro 3 - Resposta às perguntas 10 e 11

Dimensões	Pergunta 10 Para ti, o que foi mais importante aprender neste curso? Quantidade de Indicadores Respostas 10	Pergunta 11 Das competências que desenvolveste, quais consideras fundamentais para o futuro? Quantidade de Indicadores Respostas 11
Crescimento pessoal	8	4
Relacionamento interpessoal	11	10
Desenvolvimento profissional	21	21
Dúbios	-	3

Nota. Nas respostas em que os indicadores evidenciam duas diferentes dimensões, foi assinalado um indicador em cada dimensão.

A título de exemplo “O crescimento pessoal e profissional”. 1 - Crescimento pessoal e 1- Desenvolvimento Profissional.

Secção 5. Motivação e desmotivação.

Em respostas à pergunta **1** (No teu percurso neste curso, o que mais te motivou e porquê?), podemos evidenciar, fundamentalmente, relações com projetos / atividades / técnicas (10), com relações interpessoais (6), com motivação pessoal (6) e projeto pessoal de futuro (4).

Relativamente à pergunta **2** (Quais são, para ti, os principais fatores de motivação?), as respostas que se relacionam ao projeto pessoal de futuro (75,8%), a fatores pessoais (69,7%), à relação com os outros (66,7%) e aos projetos em que participam (57, 6%), são os principais referidos.

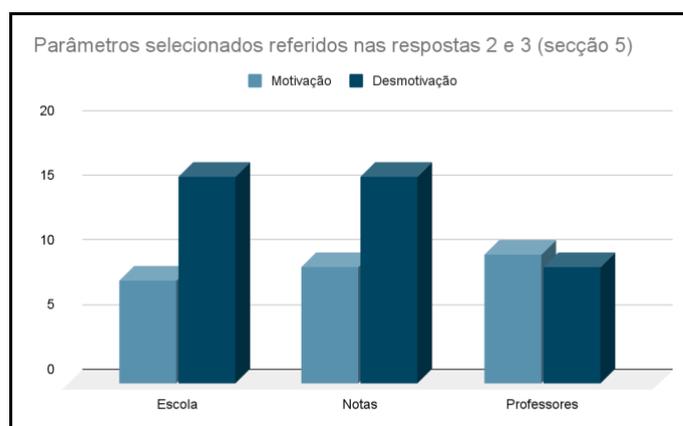
Em respostas à pergunta 3 (No teu percurso neste curso, o que mais te desmotivou e porquê?), podemos evidenciar fundamentalmente relações com a escola, professores, disciplinas, e as notas (12), com relações interpessoais (11) e relacionadas com excesso de trabalho e falta de tempo (4).

Relativamente à pergunta 4 (Quais são, para ti, os principais fatores de desmotivação?) As respostas que se referem à relação com os outros (57,6%), às notas (48,5%), à escola (48,5%), são mais assinaladas do que os fatores pessoais (36,3%).

Seguidamente, expõe-se um gráfico comparativo entre os fatores de motivação e desmotivação, assinalados pelos inquiridos nas perguntas de resposta múltipla (2 e 4) nos parâmetros: notas; professores e escola.

Figura 43

Gráfico 8 - Motivação /Desmotivação



Não pode deixar de ser assinalado o facto de que a escola e as notas são o fator mais referido de desmotivação. Bem como, os professores terem sido referidos com uma proximidade tão grande entre a motivação e a desmotivação.

Cerca de 45,4% dos inquiridos já pensou em desistir do curso (12,1%, muitas vezes). A falta de opção e/ou coragem, o retrocesso, o futuro e a motivação para a área, são os principais fatores apontados para terem mudado de ideias.

São considerados motivantes, os projetos interdisciplinares (87,9%) e os projetos com outras turmas (97%).

Relativamente às notas, 57,6% dos inquiridos considera motivante imaginar o mesmo curso, mas sem notas (33,3% indiferente e 12,1% desmotivante) e cerca de 54,5% refere uma alteração de empenho, caso não fossem atribuídas notas. Os gráficos 9 e 10 referem-se às respostas quanto à maior vantagem e maior desvantagem de não haver notas.

Relativamente à maior vantagem de não haver notas, é importante realçar que a maioria das respostas foram associadas a “Não havia” seguindo-se palavras relacionadas com ansiedade, comparação, competição, desmotivação, medo de errar, pressão (entre outras). Associadas à palavra “Havia” surgiram relações com autoestima, motivação, empenho e liberdade (entre outras). Segundo um dos participantes... “Se não houvesse notas não sentia que o ensino e o que gosto de fazer fosse uma obrigação, podendo assim fazer as minhas tarefas com mais entusiasmo”.

Quanto à maior desvantagem de não haver notas, a maioria das respostas está associada à “falta de” dedicação, empenho, rigor, motivação e finalidade (entre outras). São de referir várias observações relativamente à falta de conhecimento dos níveis de desempenho, “É um pouco difícil saber o nível a que estás, principalmente se não houver *feedback*”. A terceira resposta mais assinalada relativamente à maior desvantagem de não haver notas é “não sei”. Também são significativas o número de respostas associadas à recompensa pelo trabalho realizado, uma vez que “não seria justo por um lado pois o nosso trabalho tem de ser recompensado de alguma maneira”.

Figura 44

Gráfico 9 - Maior vantagem de não haver notas

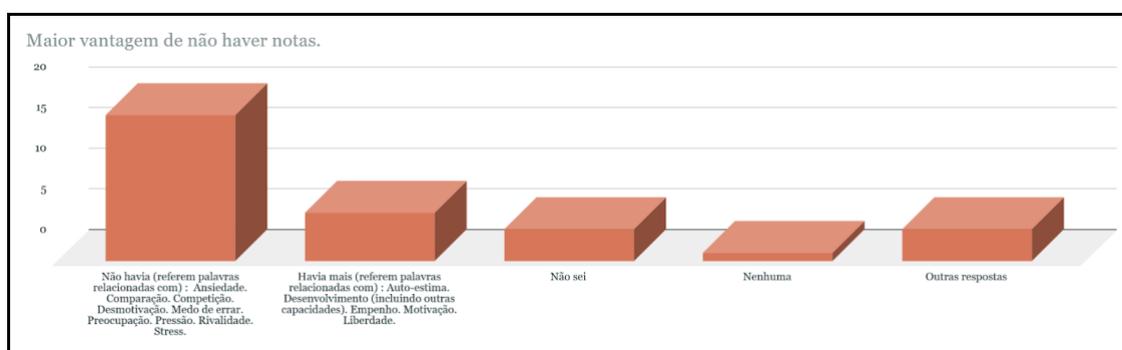
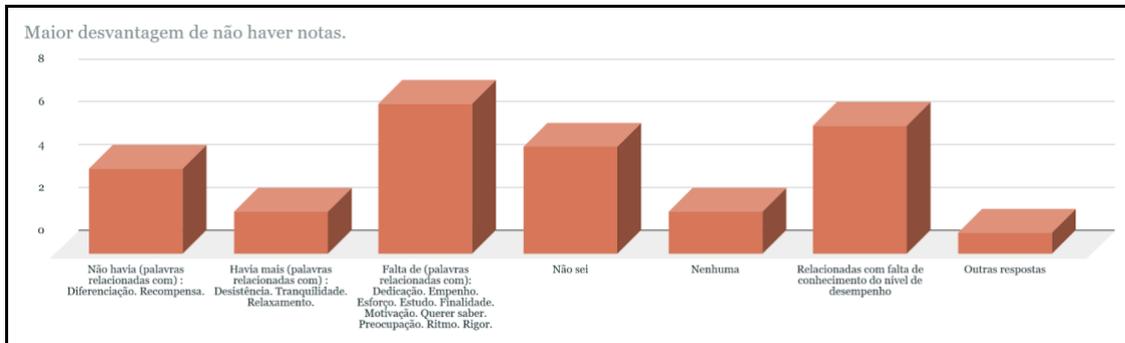


Figura 45

Gráfico 10- Maior desvantagem de não haver notas



Quanto à verificação da medida implementada pela direção da escola este ano letivo, disponibilização de fruta gratuita no bar da escola, como fator de motivação, 72,8% dos questionados já comeram a fruta disponibilizada (36,4% muitas vezes, 36,4% poucas vezes), 72,8%, quando questionados, referem a disponibilização da fruta gratuita como fator de motivação (36,4% dos questionados - Para mim não. Mas acredito que para alguns colegas sim.).

4.1.2. Entrevistas aos alunos

Expõem-se agora os quadros 4, 5 e 6, onde se cruzam evidências encontradas nas respostas das entrevistas. Essas evidências estão relacionadas com 3 categorias específicas: Perspetivas sobre experiências formativas - participação em projetos; Fatores que influenciaram a escolha do percurso; e Fatores motivacionais que influenciam ao longo do seu percurso formativo - Especificidades do trabalho em teatro.

Nos quadros abaixo, “E”, refere-se à pessoa entrevistada. O número atribuído diz respeito à ordem pela qual foi recolhida a entrevista. Assim, "E1" refere-se à primeira pessoa entrevistada, e MIAA corresponde à Mestranda em Intervenção e Animação Artísticas, a investigadora.

Figura 46

Quadro 4 - Participação em projetos

Perspetivas sobre experiências formativas. Grelha comparativa da categoria: Participação em projetos.		
Subcategorias		
Gostou mais de participar.	Teve melhor desempenho.	Relação direta entre gostar e ter bom desempenho.
E1 - “ <i>Amor de Anjo</i> Ahhh.”	E1 - “ <i>Amor de Anjo</i> . Mas... eu acho que tive mais ainda no <i>Palco Aberto</i> .”	E1 - “Portanto acho que sim.”
E2 - “não foi tanto como o <i>Amor de Anjo</i> foi o <i>Cabeças no Ar</i> ” “Também gostei dos <i>Biodegradáveis</i> .”	E2 - “ <i>Amor de Anjo</i> . Eu tive um desempenho que eu digo” “ <i>Biodegradáveis</i> .”	E2 - “Sim, eu acho que para ter um bom desempenho em algum projeto eu preciso de gostar. Isto, na minha perspetiva.”
E3 - “recentemente eu gostei muito de participar no <i>Sem Retorno</i> .” “gostei de trabalhar no <i>Cabeças no Ar</i> ”.	E3 - “ <i>Cabeças no Ar</i> porque, no início eu estava com muita dificuldade em encontrar o personagem.”	E3 - “Sim, com certeza.”
E4 - “O que eu gostei mesmo, mesmo, mesmo foi o da Jenny” [<i>Clean Water Act</i>]	E4 - “Acho que foi... No projeto da <i>Fábrica de Matar Baleia</i> ”	E4 - “Sim. <i>Pausa</i> Eu acho que sim porque se nós... ahh”
E5 - “Ahhh Talvez o <i>Clean Water Act</i> . Porquê? Porque...”	E5 - “disseram <i>Fábrica de Matar Baleia</i> ” [prof.]. “o primeiro dia do <i>Clean Water Act</i> ” [para E5].	E5 - “Acho que não.”
E6 - “ <i>Clean Water Act</i> . Ri.”	E6 - “No <i>Cabeças no Ar</i> . Quando...”	E6 - “Sim. Bastante. Sorri.”
E7 - “Eu gostei... Bastante do <i>Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles!</i> ”	E7 - “Então... Foi no <i>Eu, Tu, Ele</i> . Sim.”	E7 - “ <i>Pausa</i> . Sim. Eu acho que...”
E8 - “Ahh. Se calhar o <i>Clean Water Act</i> .”	E8 - “Sim acho que foi o <i>Clean Water Act</i> . Aquele que foi assim...”	E8 - “Então... tem esses dois lados.”
E9 - “que eu mais gostei de participar foi o <i>Clean Water Act</i> .”	E9 - “Eu acho que foi... Na <i>Treza</i> .”	E9 - “Sim. Há uma ligação.”

As perguntas foram feitas em entrevista de forma não relacional. Observe-se que, por 6 vezes, alguns dos projetos referidos como os que mais gostaram foram também os projetos em que consideram ter melhor desempenho. Inclusive para E5 (acha não ter relação) e para E8 (que vê os dois lados).

Figura 47

Quadro 5 – Fatores que influenciaram a escolha do percurso

Grelha comparativa da categoria: Fatores que influenciaram a escolha do percurso.		
Subcategorias		
Porquê este curso profissional?	Como reagiram...	Foi impulso ou decisão pensada?
E1 - “estava em Humanidades antes de vir para cá e acabei por chumbar”; “ahh eu gostei do curso e da ideia, portanto decidi experimentar.”	E1 - “Que gostava e outra que não. Mas acho que... A única opinião que eu queria ouvir era a da minha mãe. E a minha mãe e a minha avó disseram que me apoiavam. Então...”	E1 - “Foi pensada. Porque pensei”; “antes de mudar para cá e tive a ver outros cursos.”
E2 - “Mas eu quero estar ali! Quero estar ali”; “então acho que o fator que me fez sempre gostar de teatro foi acho que desde bebé desde a barriga da minha mãe.”	E2 - “A minha família sempre reagiu muito bem com isso.”; “Tanto amigos, nunca tive queixa de dizerem que, ai, isso não serve...”	E2 - “Por isso eu acho que foi de impulso, mas, sempre, toda a vida eu estive sempre a pensar em teatro.”
E3 - “é [o teatro] a forma mais... Genuína que eu consigo expressar o que eu sinto e que eu consigo expressar a minha arte.”; “a arte[...] é a minha escolha desde que eu nasci.”	E3 - “meus pais que sempre me apoiaram, com certeza isso foi um fator super importante porque se eu não tivesse tido apoio eu não entraria neste curso”	E3 - “Foi um pouco por impulso.”; “Vou para essa escola artística. Ou para esse, ou para esse curso. Ok. Não tem essa vaga aqui. Ok. Vou entrar para o outro.”
E4 - “Ahh Foi sempre uma área que me transmitiu alguma curiosidade”; “inscreveram-me no teatro e depois ahh a partir daí foi quando eu tive a certeza que queria ser atriz”	E4 - “Apesar de reagirem bem, alguns ainda acreditam que... é só uma coisa ah... entretenimento. De tempos livres. Mas as pessoas mais importantes para mim acreditam [...] Então é o mais importante”	E4 - “Foi pensada. <i>Ri</i> ... Mas acho que foi um bocadinho impulso também”; “era mais ou menos uma conversa entre o meu coração e o meu cérebro”
E5 - “desde pequenino, eu sempre quis ser ator.”	E5 - “a minha família sempre soube que eu queria ser ator [...] Eles [...] porque é que não vais para o curso de teatro”; “os meus amigos ficaram um bocadinho estranhos”	E5 - “foi... pensado. [...] Então pensei, pensei, pensei, eu até matriculei-me em humanidades primeiro e depois à última mudei. Porque pensei outra vez.”
E6 - “Eu tenho esta paixão por representar. Porque eu sinto que quero ser todas as profissões. Todas! Eu gosto de fazer tudo. Então eu sinto que aqui é que eu posso ser tudo! <i>Ri</i> .”	E6 - “Muito bem.”; “Então a minha família ficou muito contente de eu estar a seguir isto. Eles acham mesmo que eu vou ser uma estrela de cinema. Isso é muito importante para mim também.”	E6 - “Pensada e ao mesmo tempo não pensada”; “Eu às vezes pensava, [...] Não me conseguia ver em mais nada. Então meio que... Sempre tive isto no coração.”
E7 - “Eu tinha bastantes dúvidas [...] um curso profissional [...] do ramo das artes... É mais do tipo. Vais ter trabalho no futuro? <i>Ri</i> . Ahhh. Não vais ter futuro. Só que, [...], não sei quanto tempo é que eu vou estar cá, não é?”	E7 - “A minha mãe, ela concorda que nós devemos seguir aquilo que gostamos. Mas, ao mesmo tempo, ficou assim com um pé atrás”; “o meu irmão ele... [...] Então ele disse, faz aquilo que tu gostas.”	E7 - “Foi pensada, mas, de tanto pensar começo a criar dúvidas atrás de dúvidas. Então eu só... Larguei o pensamento e fui.”

E8 - “ver mais cursos e vi o curso de teatro. [...] Pensei, ok. Se calhar é isto que eu quero fazer, na escola. Não só estar sentada numa sala a escrever e fazer algo que eu gosto mesmo! 24 horas por 7.”	E8 - “os meus pais e eles fizeram... Ok, mas tens a certeza? [...] Se não gostares. Pronto, trocamos.”; “Os meus amigos também”; “felizes por eu vir para aqui, para o curso, se calhar deu-me ainda mais motivação”	E8 - “Então pensei, não... Teatro é mesmo para mim... Tipo. O palco, as performances e tudo mais, é mesmo para mim, então... Eu pensei... Pensei muito. E só depois é que eu.... Ok, vou!”
E9 - “eu voltei a fazer teatro na escola e... Acendeu uma coisa dentro de mim [...] sinto coisas e proporciona me coisas que nenhuma outra coisa consegue, então eu fiquei... é isso que eu quero!”	E9 - “a minha mãe, ela virou para mim e falou eu vou apoiar-te no que tu escolheres no que tu quiseres eu vou estar aqui do teu lado, o meu pai falou a mesma coisa e tiveram sempre do meu lado a apoiarem-me.”	E9 - Foram os dois. [...] Essa coisa mais involuntária eu quero! Mas, depois disso, eu estive a pensar eu falei sim então, tive um momento de mais involuntário, mas também tive o meu momento de reflexão”
<p>Alguns dos entrevistados tinham já, desde pequenos, o sonho ou vontade de ser atores, mas também são em número considerável os que tinham curiosidade ou quiseram trocar de curso. Todos os entrevistados têm o apoio da família mais próxima e referem esse apoio de forma significativa. Na sua maioria, os entrevistados evidenciam reflexão na escolha do curso e um misto entre uma decisão por impulso após reflexão.</p>		

Figura 48

Quadro 6 – O teatro como coletivo

Fatores motivacionais que influenciam ao longo do seu percurso formativo. Grelha comparativa da categoria: O teatro como coletivo.		
Subcategorias		
Antes de entrares no curso, o trabalho de ator era para ti um trabalho individual ou coletivo?	Qual é a tua opinião agora?	Isso é fator de motivação ou desmotivação?
E1 - “Individual. [...] Davam-me uma personagem e tenho de já saber fazer. E então eu é que estudava isso. Só a própria pessoa é que achava que tinha importância naquele ato da personagem.”	E1 - “Precisamos sempre de alguém. Vamos sempre precisar de alguém. Portanto eu hoje em dia acho que o trabalho de ator é coletivo. Para qualquer coisa.”	E1 - “É mais indiferença, mas, se calhar não motiva. Porque... Eu pelo menos quando eu às vezes ‘tou a fazer coisas sozinha [...] Fico tipo “Ai que seca!” [...] Agora quando estou com alguém é tipo, vá ‘bora fazer. Então temos ideias e as ideias são juntas.”
E2 - “Antes era ah ok! Isto é coletivo porque era sempre com pessoal, com pessoas, etc. E é preciso sempre ter um grupo, como companhias de teatro e como via sempre os espetáculos e nas telenovelas e isso.”	E2 - “Também conseguimos individualmente. Ahh... Encontrar um monólogo e fazermos mesmo.... Escrever um monólogo. Ou seja, nós conseguimos fazer uma apresentação sozinhos, muito boa. Sem precisar de alguém.”	E2 - “Porque aí podemos ter mais ideias, a história pode ficar mais elaborada em vez de ficar só muito quadrada ou se calhar é muito a minha ideia [...] em equipa acho que o trabalho fica tipo <i>pink period!</i> ”

<p>E3 - “Ambos. Eu... (pausa) Eu acho que realmente ambos. Eu via peças em que trabalhava individualmente e via peças em que trabalhavam coletivamente. Por ter esse contacto com teatro [...] Eu sempre soube que era ambas as coisas.”</p>	<p>E3 - “De certa forma nós trabalhamos individualmente e às vezes trabalhamos coletivamente. Eu acho que... é isso é. Até hoje eu continuo com essa opinião, são as duas coisas.”</p>	<p>E3 - “E enquanto você ‘tá em personagem. É o mais incrível no teatro e ao mesmo tempo eu consigo ter uma conexão com o grupo. E saber que esse grupo ‘tá interligado e ‘tá na mesma energia então. É um fator que me motiva.</p>
<p>E4 - “Pensava que era coletivo, como é óbvio. Mas, não tão coletivo como agora sei que é. Por exemplo, pensava que era só coletivo, em questão de.... Estarem todos os atores reunidos.”</p>	<p>E4 - “Eu acho que é coletivo, mas também tem uma parte individual, [...] Pronto, acho que é coletivo no sentido geral, mas tem de haver a parte individual para haver a parte coletiva.”</p>	<p>E4 - “Depende um bocadinho do projeto também. Ahh. Mas pode ser motivacional. Sim.”</p>
<p>E5 - “Fazia peças e também já uma vez atuei em (cidade), e é sempre em grupo eu nunca pensei em o teatro ser uma coisa... Individual.”</p>	<p>E5 - “E acho que é isso que é giro também, contracenar com outras pessoas e não ser sozinho no palco. Logo é, para mim.... Foi sempre uma coisa de grupo.”</p>	<p>E5 - MIAA - Isso é um fator de motivação ser um trabalho de grupo? “<i>Afirma com a cabeça</i> Hum hum.”</p>
<p>E6 - “É assim, pensava que decoravam as falas em casa, chegavam aqui, prontos, contracenavam com aquela pessoa e não acontecia mais nada.”</p>	<p>E6 - “Aqui... Aqui há muito... Há muito essa compartilha de emoção, de trabalho. Do que estamos a sentir. Ahh. Estamos todos juntos nisto, basicamente. <i>Ri</i>.”</p>	<p>E6 - “Tem tudo para ser de motivação. Esse fator tem tudo para ser de motivação. Ahh. Cabe-nos a nós e ao resto do nosso elenco. Ahh. Fazer com que isso seja motivante. <i>Ri</i>”</p>
<p>E7 - “Era individual... Eu... Assim, era coletivo. <i>Pausa</i>. Mas eu pensava que era mais individual do que aquilo que é.”</p>	<p>E7 - “Eu, eu agora entrei aqui e eu sinto... <i>Junta os braços de fora para dentro</i>. Que é muito mais um trabalho coletivo. Do que sentia antes. Mas também é individual. Tem muito dos dois lados.”; “Acho que é mais coletivo do que eu achava antes.”</p>	<p>E7 - “De motivação.”</p>
<p>E8 - MIAA - [Referindo-se ao que consta à direita] Isso é o que tu achas agora, certo? “<i>Acena afirmativamente</i>” MIAA- E já achavas isso antes de entrares no curso? Sim? “Sim sim, sempre achei! Não tenho essa dúvida.”</p>	<p>E8 - “eu acho que é mais coletivo porque nós estamos sempre a trabalhar juntos e estamos...[...] uma peça que estamos a representar sozinhos, detrás da peça nós temos imensas pessoas que também trabalharam connosco. Para... Para as luzes, para encenação, para tudo.”</p>	<p>E8 – “Também o que me motiva muito é trabalhar com outras pessoas, diferentes. Não só, por exemplo, com a nossa turma, mas sim com outras”</p>
<p>E9 - “Cada um coloca o seu trabalho individual e com aquele material todo que temos fazemos uma coisa maior. Aquela coisa toda em conjunto. Adaptamos as coisas umas às outras. Então eu acho que é importante tanto o trabalho individual quanto o coletivo.”</p>	<p>E9 – “porque o teatro, não se faz teatro sozinho. Porque seria muito chato. Só sempre alguém a fazer monólogos ou alguém a fazer algo só...seria. Porque, o teatro é mesmo estarmos naquela união e ter essa, essa conexão com as pessoas. Ter esse contacto. Então é extremamente importante estarmos todos juntos. Mas também é importante, para fazermos um bom trabalho, saber o que é que é a nossa personagem. Saber o que é que estamos a fazer. Então é isso o trabalho individual. Então os dois complementam-se “</p>	<p>E9 – “nós evoluímos com aquilo de tentar pensar para nós e quando estamos com os outros, evoluímos mais ainda. Porque nós temos outras opiniões. E abrimos aquele olhar e conseguimos ver outras coisas. E quando formos voltar a fazer o trabalho individual, já vai estar mais aberto. E conseguimos explorar mais o nosso pensamento. Então isso tudo se complementa. Então os dois são extremamente importantes.”</p>
<p>À exceção dos entrevistados que já tinham experiência prévia em teatro, a ideia sobre o envolvimento individual e coletivo no teatro, transformou-se. A maioria dos entrevistados refere, como fator motivacional, o trabalho em grupo (e os que o referem, o trabalho individual dentro do grupo).</p>		

Figura 49

Quadro 7 – Os entrevistados referem

É importante ainda para os entrevistados referir ou acrescentar que...
E2 - “Eu não vou desistir do meu sonho.”
E5 - “Eu acho que... Sendo adolescente e estando neste curso aprendi bastante sobre mim e sobre coisas que consegui fazer e não sabia que conseguia.”
E6 (para os colegas que terminam o curso) - “quero dizer às pessoas que... Que têm esta paixão para não se desmotivarem e para... Não perderem a essência. [...] Se viemos para aqui foi por algum motivo e... Não para desistir à primeira, nem à segunda, nem à terceira, nem à quarta, nem à quinta. <i>Ri.</i> ”
E7 - “O que eu posso dizer é que eu estou muito feliz neste curso.”

4.2. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.2.1. Limitações do estudo

Um projeto é muitas vezes a transformação que ocorre entre o que projetamos e o contacto dessa projeção com a realidade. Neste caso, inicialmente pretendia-se a reflexão e a análise de três projetos, dinamizados em contexto escolar, representativos do trabalho desta investigadora. No entanto, a diversidade de pontos de vista, transforma os projetos coletivos. As oportunidades surgem para os alunos e a sua dinamização passa a ser prioritária. Uma conjuntura inesperada neste ano letivo, transformou as necessidades dos alunos. O que se tinha proposto inicialmente, deixou de fazer sentido. Com a aceitação das impossibilidades que decorrem da prática e com o aproveitamento de possibilidades que desconhecemos ou que teríamos sido incapazes de imaginar, houve uma mutação da proposta inicial.

Essa mutação implicou uma reestruturação do projeto inicial numa fase já bastante tardia. O que na prática significa que, apesar do intenso ritmo de trabalho, é absolutamente impossível fazer tudo o que se pretende e como se pretende.

Também este ano escolar foi atípico e imprevisível, o que gerou vários conflitos internos (entre a professora e a investigadora). A professora salvaguardou sempre o que considerava o melhor interesse dos alunos, o que, segundo a investigadora, na maioria das vezes prejudicou a investigação.

Apesar de terem sido cuidadosamente descritos por Quivy (1998) e clarificados por Bell (2004), todos os processos inerentes a uma investigação e de ter lido cuidadosamente a descrição das etapas do procedimento, os cuidados a ter, os principais erros a evitar em relação a todas as etapas do processo, as subtilezas a gerir, enfim, todos os cuidados a observar numa investigação científica, ainda assim, parecia só ver os erros para os quais fora alertada (inclusive pela minha orientadora), depois de os cometer. Reconhecendo-os, portanto, apenas *à posteriori*.

Limitações da recolha de dados:

A transcrição da entrevista de grupo foi extremamente limitada pelo barulho que se fazia ouvir na sala, tornando a transcrição integral da entrevista num processo especialmente moroso e que se revelou praticamente impossível.

Não voltar a falar com os inquiridos depois da aplicação do questionário (por limitação de tempo), deixou questões em aberto.

As 2 últimas entrevistas foram filmadas no dia seguinte à aplicação do inquérito. Nesse momento foi claro que, para a investigação, todas as entrevistas deveriam ter sido realizadas depois da análise dos dados dos inquéritos.

Limitações do inquérito:

O questionário foi construído pela investigadora com uma grande quantidade de questões abertas. No entanto, sucessivos atrasos na aplicação do mesmo limitaram o tempo disponível para a análise comparativa.

CONCLUSÕES

Através dos dados obtidos, esta investigação possibilitou à investigadora conhecer as perspectivas dos alunos sobre as suas experiências formativas.

Ao longo deste trabalho, foram caracterizadas as experiências de formação / criação artística dos alunos de um Curso Profissional de Intérprete Ator/Atriz. Procedendo-se à classificação do trabalho por projeto em quatro tipologias distintas, diferenciadas pelo responsável pela criação do projeto e pelo alcance ao nível do público (projetos externos, projetos internos em parceria, projetos internos e projetos prova). Uma síntese descritiva permitiu uma compreensão dos principais projetos desenvolvidos.

Conheceram-se, também, as perspectivas dos alunos sobre as suas experiências formativas e verificou-se uma grande heterogeneidade de perceções, aprendizagens e afinidades dos participantes relativos aos projetos por estes participados. As suas ideias evidenciam contributos para as seguintes dimensões: crescimento pessoal, relacionamento interpessoal e desenvolvimento profissional. Conclui-se que a diversidade de projetos em que participam tem uma importância essencial para a sua aprendizagem. Nas entrevistas, quando questionados acerca do projeto que mais gostaram e menos gostaram, enquanto a maioria dos participantes entrevistados, respondia com rapidez e sem hesitações ao projeto que mais tinham gostado de participar, a grande maioria dos participantes hesitou, parou para refletir ou teve mesmo dificuldade em escolher um projeto específico que tivesse gostado menos. Para os alunos, é principalmente através do seu próprio empenho, que um projeto se torna importante.

Pela importância que lhes foi atribuída, pelos participantes e pelas aprendizagens que revelam no domínio do desenvolvimento profissional, no que concerne a projetos externos, recomenda-se um investimento na manutenção das parcerias desenvolvidas e a captação de outras entidades para a realização desse mesmo tipo de projetos. Deve ser também considerada a valorização da implementação de projetos interdisciplinares, com várias turmas de participantes.

Para fazer cumprir o sonho de ser ator/atriz, por curiosidade ou por vontade de mudar de curso (maioritariamente com o apoio da família e por impulso após reflexão), foram dadas a conhecer as ideias dos alunos sobre os fatores que influenciaram a sua escolha do percurso escolar.

Foram ainda identificados os principais fatores motivacionais, que influenciam os alunos ao longo do seu percurso formativo, sendo fundamentais como fatores de motivação: o projeto pessoal de futuro e a motivação pessoal; os projetos / atividades / técnicas; e as relações interpessoais. Como fatores de desmotivação evidenciam-se: as relações com a escola; os professores; as disciplinas; as notas; as relações interpessoais; o excesso de trabalho e a falta de tempo.

Simultaneamente, surgiram momentos associados ao crescimento pessoal e ao relacionamento interpessoal (sendo este um dos fatores fundamentais de motivação), como principais momentos de aprendizagem. Deve-se, portanto, considerar a implementação de mais momentos de convívio entre turmas como visitas de estudo (de fruição artística), valorizando a promoção do exercício do ócio valioso, “un ocio con valores positivos para las personas y las comunidades, un ocio basado en el reconocimiento de la importancia de las experiencias satisfactorias y su potencial de desarrollo social” (Cabeza, 2014, p.26).

Verificando os principais fatores de desmotivação: relação com os outros (no trabalho em teatro, em que a grande maioria dos participantes vê o trabalho coletivo como motivacional), assim como, a escola, as notas e os professores, bem como, o excesso de trabalho e a falta de tempo. Acredita-se que devem ser implementados, pela parte dos professores, mais momentos de retorno de informação do ponto de vista do desenvolvimento (individual e coletivo), e pensadas estratégias ao nível da estrutura de recompensa (particularmente individual), centradas na valorização das atitudes positivas, de forma a desvalorizar gradualmente a sensação de recompensa unicamente por classificação. Propõe-se uma seleção criteriosa de projetos a desenvolver, tendo em conta os indícios de desmotivação por excesso de trabalho e falta de tempo.

Ao analisar os projetos por si impulsionados, a investigadora apercebe-se que: praticamente todos são interdisciplinares e todos eles são projetos internos (apesar de estar envolvida de alguma forma em quase todos os outros). Ao refletir sobre esta análise, a investigadora conclui que, tal como são considerados motivantes, os projetos

interdisciplinares para os alunos (87,9%) e os projetos com outras turmas (97%), a interdisciplinaridade e o trabalho com outras turmas também fazem parte da sua própria motivação intrínseca. Mas se a interdisciplinaridade é a comunicação e “la transferencia de elementos de una disciplina a otra, la transdisciplinariedad designa la apertura de todas las disciplinas a lo que las atraviesa y las sobrepasa.” (Adame, 2011, p. 53), tendo em conta que tem vindo a desenvolver trabalho interdisciplinar nos últimos anos e as experiências positivas dos projetos informais que desenvolveu, a investigadora propõe-se agora começar por explorar projetos informais, em conjunto com áreas com menos afinidade com a disciplina que leciona (*e.g.* Matemática, Ciências, TIC), bem como a interligação entre turmas de diferentes anos de escolaridade. Quanto ao facto de privilegiar projetos internos, a investigadora concluiu que esta é uma opção que toma, uma vez que desta forma permite que o seu foco seja mais o aluno e menos o projeto. No entanto, os alunos atribuíram um grande valor também aos projetos em parceria. Desta forma, tendo em conta as perceções dos alunos e experiência prévia com o grupo de FQ (ver projetos informais), considera liderar um projeto em parceria, em articulação não só com o Centro de Ciência Viva do seu agrupamento, mas também da região.

Relativamente à análise e avaliação do projeto, do ponto de vista da promoção da mudança e da resolução da problemática apresentada, este contribuiu para um aumento da consciência crítica, derivada de uma reflexão colaborativa em eixo horizontal. Durante o presente ano letivo foi, por várias vezes observado, que esta pesquisa, para além de contribuir para projetar o futuro, possibilitou a implementação de alterações práticas e simbólicas em contexto de sala de aula. Promoveu, simultaneamente, um sentimento de valorização dos participantes, uma vez que estes, atribuíram uma importância muito acima do que era esperado por esta investigadora ao seu trabalho.

Numa recomendação para estudos futuros, sugere-se a construção de instrumentos quantitativos (uma vez que são de mais simples aplicação, análise e compreendem a possibilidade de atingir um maior número de participantes num curto espaço de tempo) que: sirvam para aferir se/ou que parte dos resultados obtidos são específicos a estes participantes e se circunscrevem apenas neste contexto local / temporal, e se/ou que parte dos resultados são comuns a outros alunos do mesmo curso; se centrem em perceber o grau de participação de alunos de teatro (de diversas escolas) nos diversos contextos da sua vida.

Esta reflexão sobre a participação dos alunos do ensino secundário profissionalizante em projetos de formação e criação artísticas, que a investigadora agora considera, sob a perspectiva de Morin (2000), é um pequeno passo que se inscreve (também) na educação para a compreensão. Parte, em primeiro lugar, de uma compreensão mútua aluno ↔ professor. No entanto, estas conclusões não se encerram a si próprias, apenas cumprem o desfecho do trabalho que as fez manifestar-se. Uma vez que “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.” (Freire, 2018, p.64). Uma vez que nas expectativas e também inquietações evidenciadas pelos alunos nesta investigação, há perceções de um, de um só e de um todo, termino este trabalho, ainda com a voz dos alunos e com o desejo, ou talvez a esperança de que todos:

- Os pais, saibam a importância que têm o seu apoio nas decisões dos seus filhos e que às vezes é importante “Abrir a mente e ouvir o filho.” (E3);

- Os Diretores escolares, assumam, que o seu perfil de liderança, a sua postura, a posição que tomam relativamente à gestão colaborativa se reflete na “motivação, no envolvimento, no sentido de pertença, entre outros, de todos os constituintes da escola (alunos, professores e funcionários) o que potencia em grande escala o empenho, a perseverança e o sentido de pertença de todos.” (Correia & Sá, 2021, p. 205). Portanto, que as direções das escolas possibilitem cada vez mais a contribuição da voz dos alunos, numa interação dialógica, uníssona, ou em contraponto, para que a construção do significado comum das palavras, escola, alunos e educação seja uma narrativa colaborativa, engajada e permanentemente motivadora e transformadora, como é recomendado pelo Conselho Nacional de Educação (Recomendação nº 2/2021);

- Os investigadores, considerem a importância de englobar cada vez mais a voz dos alunos / jovens adolescentes, em assuntos que são do seu interesse, uma vez que “Central to the right to participate is that adults listen respectfully to what adolescents have to say.” (UNICEF, 2018, P. 9);

- Os decisores, perante a dúvida de E7 “Vais ter trabalho no futuro?”, possam responder na prática, por exemplo, à necessidade da valorização dos docentes do ensino artístico. Através da criação de “um grupo de recrutamento para os

professores de Teatro, equiparando-os aos demais professores e permitindo a sua profissionalização.” (Cordeiro, 2017, p.7), assim como perante a sua afirmação “Não vais ter futuro.” (E7), sejam encontradas, soluções dialógicas a longo prazo, para reconhecer os direitos dos trabalhadores na especificidade da área artística (Felizes, 2020);

- Os leitores... Ou melhor, cada leitor individualmente. Tendo em consideração a afirmação de E2 “Portugal é que não permite que haja mais teatro”, se responda à seguinte pergunta:

Quando foi a última vez ao teatro?

BIBLIOGRAFIA

Adame, D. (2011). La reconceptualización del teatro más allá de los límites disciplinares. *Investigación Teatral 1* (1). 41-59.

<https://investigacionteatral.uv.mx/index.php/investigacionteatral/article/view/1034/1895>

Agência Nacional para a Qualificação e Ensino Profissional I.P.. (2020). *Catálogo Nacional de Qualificações*. [Intérprete / Ator / Atriz]. ANQEP.

<https://catalogo.anqep.gov.pt/qualificacoesDetalhe/7190>

Aguilera-Luque, A. M. (2017). Homo Creativus. *Publicaciones Didácticas*, 80. 734-741. https://www.researchgate.net/publication/314152439_Homo_Creativus

Aguillar, N. M. (2012). El paradigma crítico y los aportes de la investigación acción participativa en la transformación de la realidad social: un análisis desde las ciencias sociales. *Revista Cuestiones Pedagógicas de la Universidad de Sevilla*, 21, 339-355.

https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/12861/file_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Almeida, J. S. (2019) - Percursos do adolescer : da (in compreensão sobre o (in)pensável. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 10 (2), 249-279.

<http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/rpca/article/view/2784>

Almeida, T. & Ó, J. R. (2021). Para uma educação por vir. In Falcão, M.; Leite, T. Pereira, T. (Coords.) *Educação Artística*. (37-40). Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa/CIED. <https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.124>

Anjos, R. E. & Duarte, N. (2019). O Cérebro Adolescente e o Processo Biológico Historicamente Condicionado: Contribuições da Teoria Histórico-Cultural à Educação Escolar. *Atos De Pesquisa Em Educação*, 14(2s1), 622-642.

<http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2019v14n2s1p622-642>.

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. McGraw-Hill.

Behrens, M. A. & Oliari, A. L. (2007). A Evolução dos Paradigmas da Educação: Do Pensamento Científico Tradicional A Complexidade. *Revista Diálogo Educacional*, 7 (22), 53-66. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116805004>

Bell, J. (2004). *Como realizar um projecto de Investigação. Um guia para a Pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. 3ª edição. Gradiva.

Braconnieri, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Climepsi.

Cabeza, M. C. (2014). Aproximación al Ocio Valioso. *Revista Brasileira De Estudos Do Lazer*, 1(1), p. 21–41. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/432>

Campeiz, E. C., & Volp, C. M. (2004). Dança criativa: a qualidade da experiência subjetiva. *Motriz*, 10 (3), 167-172. <http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/10n3/10ECS.pdf>

Carmelo, L. C. (2016). Introdução. In *Narração oral: uma arte performativa*. (Tese de Doutoramento, Universidade do Algarve) <https://core.ac.uk/download/pdf/84111534.pdf>

Carta do Porto Santo. A Cultura e a Promoção da Democracia: Para uma Cidadania Cultural Europeia. (2021). <https://www.culturaportugal.gov.pt/media/9171/pt-carta-do-porto-santo.pdf>

Cassab, C. (2012). Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. *Locus: Revista De História*, 17 (2). 145-159. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20352>

Cedefop, (2021). *Vocational education and training in Portugal: short description*. Publications Office. <https://data.europa.eu/doi/10.2801/251891>

Charréu, L. (2019). Juventude, cultura e significado: Afinal, onde é que os jovens hoje (mais) aprendem? *INVISIBILIDADES Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura E Artes*, 11, 186-201. <https://www.apecv.pt/revista/invisibilidades/11/10.24981.16470508.11.22.pdf>

Cordeiro, M. (2017). Sobre a defesa do ensino artístico. *Instituto Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Teatro e Cinema*. <http://hdl.handle.net/10400.21/8412>

Correia, P. Sá, S. (2021). Liderança do(a) Diretor(a) escolar e a sua relação com o Clima Organizacional. *Revista Multidisciplinar Humanidades & Tecnologia*, 29, 175-209. http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/1525/1116

Dancenema. (s.d.). *A Companhia*. <https://www.dancenema.com/a-companhia>

Despacho n.º 6478/2017 da Educação - Gabinete do Secretário de Estado da Educação (2017). Diário da República: II Série, n.º 143. <https://files.dre.pt/2s/2017/07/143000000/1548415484.pdf>

Decreto-lei n.º 54/2018 da Presidência do Conselho de Ministros. (2018). Diário da República: I Série, n.º 129/2018. <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/2018-115654476>

Dolores, C. (2017). *Vozes dentro de mim*. Sextante.

Faial, L.C., Silva, R.M., Pereira E.R., Refrande, S.M., Souza, L.M. & Faial, C.S. (2016). A escola como campo de promoção à saúde na adolescência: revisão literária. *Revista Pró-UniverSUS*, 07 (2). 22-29. https://www.academia.edu/en/70601376/A_escola_como_campo_de_promo%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_sa%C3%BAde_na_adolesc%C3%AAncia_revis%C3%A3o_liter%C3%A1ria

Felizes, A. (2020). Trabalho nas artes: breve guião para reconhecer direitos. In Leão, T. (ed.) *Em Suspensão. Reflexões Sobre o Trabalho Artístico, Cultural e Criativo na Era Covid-19*. 25-29. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/129671/2/426455.pdf>

Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2016). Adolescências... Adolescentes... *Millenium – Journal of Education Technologies and Health*, (32), 141-162. <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view>

Freire, P. (2018). *Pedagogia do Oprimido*. Afrontamento.

Freitas, K. (2021). *Fábrica de Matar Baleia* (Texto não publicado). Teatro Nacional D. Maria II. Panos - Palcos novos palavras novas.

Freitas, M. (2014). Amor de Anjo. In *Longe do Corpo seguido de Amor de Anjo*, 47-78. Húmus.

Fundação Francisco Manuel dos Santos. (s.d.). *PORDATA. Estatísticas sobre Portugal e a Europa*. <https://www.pordata.pt/Home>

Galeano, E. (2020). *Mulheres*. 2º edição. Antígona.

Gonçalves, A.C. (2019). Imaginação e Criação Artística Enquanto Necessidade e Essência Humana à Luz da Teoria Histórico-Cultural. *Revista Eixo*, 8 (2),77-87. <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/778/471>

Guirado, Z. V., Silva, F. S. & Mendes, M. (2021) Educação Interdisciplinar: algumas reflexões sobre emancipação nos processos de formação de professores. *Da Investigação às Práticas*, 11(1), 59 - 79. <https://doi.org/10.25757/invep.v11i1.224>

Gurski, R. & Pereira, M. R. (2016). A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, 27(3), 429-440. <https://doi.org/10.1590/0103-656420150005>.

Instituto Nacional de Estatística. (2021). *Resultados Provisórios do XVI Recenseamento Geral da População e VI Recenseamento Geral da Habitação - Censos 2021*. https://censos.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html

Jaques-Dalcroze, E. (1912). *The Eurhythmics*. <https://archive.org/details/eurhythmicsofjaq00jaq>

Jerusalinsky, A. N. (2004). Adolescência e Contemporaneidade. In *Conselho regional de Psicologia 7ª Região. Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade*. Libretos. <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/psicanalise/jerusalinsky-adolescencia-contemporanea.pdf>

Lei nº 46/86 da Assembleia da República. (1986). Diário da República: I Série, nº 237/86 <https://files.dre.pt/1s/1986/10/23700/30673081.pdf>

Loades, M. E., Chatburn, E., Higson-Sweeney, N., Reynolds, S., Shafran, R., Brigden, A., Linney, C., MacManus, M. N., Borwick, C., & Crawley, E. (2020). Rapid Systematic Review: The Impact of Social Isolation and Loneliness on the Mental Health of Children and Adolescents in the Context of COVID-19. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 59(11),1218–1239. <https://www.jaacap.org/action/showPdf?pii=S0890-8567%2820%2930337-3>

Lois, C. T. (2021). Pensar autenticamente: apuntes sobre las narrativas adolescentes y juveniles como alternativas a los enunciados adultocéntricos. *Quaderns d'animació i Educació Social*. (33). http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/treintaitres/index_htm_files/Narrativas%20adolescentes.pdf

Martins, G.O. (coord.), Gomes, C.A., Brocardo, J. M., Pedroso, J.V., Carrillo, J. L., Silva, L.M., Encarnação, M. M., Horta, M. J., Calçada, M.T., Nery, R. F. & Rodrigues, S.M. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação. Direção-Geral da Educação (DGE). https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Mendes, A. (2016) A Educação da criatividade, in T., Pereira, A., A. Almeida, N., Vieira, M., C. Loureiro. *Atas do VII Encontro do CIED – II Encontro Internacional, Estética e Arte em Educação*. (59-70) Lisboa: CIED – Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais. <http://hdl.handle.net/10400.21/12027>

Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. UNESCO/Cortez Editora.

Morin, E. (2008). *Introdução ao pensamento complexo*. 5ª edição. Piaget.

Olímpio, E. & Marcos, C. M. (2015). A escola e o adolescente hoje: considerações a partir da psicanálise. *Psicologia em Revista*, 21 (3), 498-512. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9523.2015V21N3P498/9626>

Oliveira, H. M. & Hanke, B. C. (2017). Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20 (2), 295-310. <https://doi.org/10.1590/1809-44142017002001>

Pérez, V. J. (2016). Animación sociocultural: revisión teórica y reformulaciones actuales. *Rev. Cienc. Educ., Americana*, ano XVII, (34), 29-38. <https://core.ac.uk/download/230079162.pdf>

Portaria nº 74-A/2013 dos Ministérios da Economia e do Emprego e da Educação e Ciência. (2013). Diário da República: I Série, nº 33/2013. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Legislacao/portaria74_a_2013_15fev_ensprofissional.pdf

Portaria nº 235-A/2018 da Educação e Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. (2018). Diário da República: I Série, nº 162/2018. <https://files.dre.pt/1s/2018/08/16201/0000200017.pdf>

Portaria nº 782/2009 dos Ministérios do Trabalho e da Segurança Social, da Educação e da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. (2009). Diário da República: I Série, nº 141/2019. <https://files.dre.pt/1s/2009/07/14100/0477604778.pdf>

Quivy, L.V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª edição. Gradiva.

Rego, K. de O., & Maia, J. L. (2021). Ansiedade em adolescentes no contexto da pandemia por COVID-19. *Research, Society and Development*, 10 (6), e39010615930. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1593>

Recomendação n.º 2/2021 da Educação - Conselho Nacional de Educação. (2021). Diário da República: II Série, n.º 135/2021. <https://files.dre.pt/2s/2021/07/135000000/0007500084.pdf>

Santos, J. R., & Henriques, S. (2021). *Inquérito por questionário: contributos de conceção e utilização em contextos educativos*. Lisboa: Universidade Aberta. <https://doi.org/10.34627/3s9s-k971>

Silva, I. (coord.), Marques, L., Mata, L., Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Ministério da Educação. Direção-Geral da Educação (DGE). https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf

Silva, J. E. (2015). O teatro na arte de transformar estados de consciência. *Plataforma Barómetro Social do Instituto de Psicologia da Universidade do Porto*. https://www.researchgate.net/publication/313852127_O_teatro_na_arte_de_transformar_estados_de_consciencia

Silva, J. E. (2016). *Entre o teatro e a psicologia. Ensaios para a reunificação de corpos e mentes*. Apuro.

Silva, J. E. (2017). A Arte do teatro: Uma construção de futuros colectivos mais plausíveis e viáveis. In F. C. Sousa, J. D. Lima & M. S. Lopes (Org.) *A intervenção Teatral em Portugal no Século XXI*, 127-136. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/61391/1/SILVA%20%282017%29.%20A%20arte%20do%20teatro%20Ref.pdf>

Silva, M. W., Franco, E. C., Gadelha, A. K., Costa, C. C., & Sousa, C. F. (2021). Adolescence and Health: meanings assigned by adolescents. *Research, Society and Development*, 10 (2) <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12482>

Sousa, J. G. (2020). Emoções, artes e intervenção: Os elementos estruturantes da animação artística. In J. Sousa, M. J. Sousa Santos, & M. de São Pedro Lopes (Eds.), *Emoções, artes e intervenção* (pp. 6-15). Escola Superior de Educação e Ciências Sociais — Instituto Politécnico de Leiria. <http://hdl.handle.net/10400.8/6627>

Teatro Municipal São Luiz. (2007). *Cabeças no Ar*. <https://www.teatrosauliz.pt/espetaculo/cabecas-no-ar/>

Teatro Nacional D. Maria II (s.d.) PANOS - Palcos novos palavras novas.TNDMII <https://www.tndm.pt/pt/projetos/panos-palcos-novos-palavras-novas/>

- Traqueia, A., Pacheco, E., & Taveira, E. (2021). Reflexão crítica sobre métodos e técnicas de recolha de dados: Investigação-Ação. In Moreira, A., Sá, P., & Costa, A.P. (Coords.), *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: métodos, 1*, 33-50. https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30770/1/Metodologias%20investigacao_Vol1_Digital.pdf
- United Nations Children's Fund. (2018). *Conceptual Framework for Measuring Outcomes of Adolescent Participation*. UNICEF. <https://www.unicef.org/media/59006/file>
- Vale, P. P. (com.), Brighenti, S. B. (subcom) & Pólvora, N. (subcom). (2019). *Plano Nacional das Artes*. República Portuguesa Cultura. República Portuguesa Educação. http://dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/PNA/Documentos/estrategia_do_plano_nacional_das_artes_2019-2024.pdf
- Ventania – Festival de Artes Performativas do Barlavento (2020). *Clean Water Act: In the Make*. <https://ventaniafest.pt/2020/clean-water-act-in-the-make>
- Vicente, A. L. (2014). Teoria das Teorias da Adolescência. *Ultima década*, 22 (40), 11-36. <https://scielo.conicyt.cl/pdf/udecada/v22n40/art02.pdf>
- Vieira, G. P. & Dellazzana-Zanon, L. L. (2020). Projetos de Vida na Adolescência: uma Revisão Sistemática da Literatura. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(3), 1-12. <https://dx.doi.org/10.36298/gerais202013e15474>
- Vieira, R. (2020). Ensinar a Aprender: saberes, etnossaberes e reconstrução identitária, in Vieira, R., Vieira, A. e Marques, J. (Orgs.). *Etnocurrículo e Etnoaprendizagem: Diálogos, Investigação e (Trans)Formação*. Porto: Afrontamento, (31-44). <http://hdl.handle.net/10400.8/6543>
- Viché, M. (2014). La Dialogicidad. Metodología de una Animación sociocultural liberadora. *Quaderns d'animació i Educació Social*, 20. http://www.quadernsanimacio.net/ANTERIORES/veinte/index_htm_files/dialogicidad.pdf

Viché, M. (2022). Las narrativas de la acción sociocultural *Quaderns d'animació i Educació Social*, 35.
http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/treintaicinco/index_htm_files/Narrativas.ASC.pdf

ANEXOS

ANEXO 1 - CONSENTIMENTO INFORMADO / AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO



Consentimento Informado e Autorização

O meu nome é Joana Moleiro de Melo, sou professora de Interpretação e Movimento e estou a concluir o meu mestrado em Intervenção e Animação Artísticas na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Politécnico de Leiria. No âmbito do trabalho final, sob a orientação da Professora Sandrina Milhano, perspetiva-se realizar um projeto que tem por objetivo refletir sobre a participação dos alunos do ensino secundário profissionalizante em projetos de formação e criação artísticas.

O projeto irá decorrer no ano letivo de 2021/2022. Para a realização deste projeto é necessário recolher dados sobre os alunos do curso profissional de Intérprete Ator/Atriz (através de conversas, observação, realização de atividades e/ ou outros) incluindo fotografias e/ou vídeos. Assim, venho pedir a sua autorização para o registo e utilização de imagens em contexto escolar, comprometendo-me a respeitar as opções dos encarregados de educação e dos/as alunos/as, a garantir a confidencialidade e a proteção dos dados e de imagem de todos os participantes.

Agradecemos, desde já, a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,

Autorização

Eu, (~~nome diretor e agrupamento de escolas~~)

*autorizo / não autorizo a participação dos alunos do curso profissional de Intérprete Ator/Atriz neste projeto. *(rodeie a opção que deseja)

- Autorizo a captação de fotografias e vídeos.
- Não autorizo a captação de fotografias e vídeos.

(Assinatura)

ANEXO 2 - CONSENTIMENTO INFORMADO / AUTORIZAÇÃO EE



Consentimento Informado e Autorização

O meu nome é Joana Moleiro de Melo, sou professora de Interpretação e Movimento e estou a concluir o meu mestrado em Intervenção e Animação Artísticas na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Politécnico de Leiria. No âmbito do trabalho final, sob a orientação da Professora Sandrina Milhano, perspetiva-se realizar um projeto que tem por objetivo refletir sobre a participação dos alunos do ensino secundário profissionalizante em projetos de formação e criação artísticas.

O projeto irá decorrer no ano letivo de 2021 /2022. Para a realização deste projeto é necessário recolher dados sobre o seu educando (através de conversas, observação, realização de atividades e/ ou outros) incluindo fotografias e/ou vídeos. Assim, venho pedir a sua autorização para que o seu educando participe neste projeto, comprometendo-me a respeitar as opções dos encarregados de educação e dos/as alunos/as, a garantir a confidencialidade e a proteção dos dados e de imagem de todos os participantes.

Agradecemos, desde já, a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,

Autorização

Eu, _____ Encarregado(a)

de Educação de _____

*autorizo / não autorizo a participação do meu educando neste projeto. *(rodeie a opção que deseja)

- Autorizo a captação de fotografias e vídeos do/a meu/minha educando/a.
- Não autorizo a captação de fotografias e vídeos do/a meu/minha educando/a.

(Assinatura do Encarregado de Educação)

ANEXO 3 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE GRUPO

Informações:

- Na transcrição mantiveram-se as marcas de oralidade dos participantes.
- Os momentos de impossível transcrição estão assinalados da seguinte forma:
[impercetível, número de segundos]
- Os momentos em que a transcrição integral permite identificação direta estão assinalados da seguinte forma:
(~~permite identificação direta~~); (nome).
- Para facilitar a leitura, nos momentos em que foi possível substituiu-se o nome da pessoa participante pelo número atribuído:
Exemplo. *A Nove ia começar a falar quando a Cinco disse (...).*

Intervenientes:

Mestranda em Intervenção e Animação Artísticas (MIAA).

Treze participantes.

Observações:

No projeto TREZA, a ordem atribuída na cena *Eu sou uma... Eu sou duas... (...) Eu sou a Treza*, era a ordem de entrada em cena. Este era o momento mais simples do espetáculo e foi, muitas vezes, o que demorou mais tempo a ensaiar. Tudo o resto era, sem dúvida, muito mais complicado e foi sempre muito mais simples. A numeração das participantes nesta entrevista, faz parte da memória desse projeto e foi atribuída por ordem de “entrada em cena”.

Dia 17 de Dezembro de 2021

Projeto TREZA - Transcrição da entrevista de grupo

MIAA - O que é a *Treza* para vocês e qual é a vossa ideia sobre a *Treza*.... Não a personagem, mas o projeto.

Uma - Para mim a *Treza* é um projeto... é um projeto, mais ou menos único. Porque, porque é o que liga a nossa turma. Porque pronto. É da ideia que nós somos treze e... E eu acho fofo... Eu acho, eu acho bué fofo que nós como turma conseguimos construir um projeto que tenha a ver connosco.

MIAA - Que tenha a ver convosco?

Uma - Sim, foi uma ideia que saiu de algo que aconteceu.

Duas - Eu gostei também bastante da diversidade das Trezas. Porque cada uma conseguiu ter uma ideia completamente diferente da diferente da outra. Por exemplo, a Uma teve uma personagem mais calma mais... a conversar (~~permite identificação direta~~). Já teve a (~~nome~~) que teve uma coisa totalmente diferente, uma coisa que ela tinha muito da voz que ela gritava bastante de um lado para o outro então a personagem mais agitada. Então gostei bastante da diversidade das personagens. Conseguimos chegar tanto no, num ápice de uma coisa. *Gesto com as mãos em cima*. Como no baixo de outra. *Gesto com as mãos em baixo*. Então gostei bastante disso.

Três - Ahhh. Para mim a *Treza* foi, é muito especial porque é sem dúvida um projeto bonito e querendo ou não é o nosso primeiro projeto todas juntas que nos deu a conhecer muitas de nós, e personalidades e, mostrar personalidades mesmo! E pô-las na nossa peça. Várias personalidades que no fundo, no fundo, criam uma pessoa, que não é uma pessoa, que samos todas, ou seja, é uma confusão, que não é confusão. E... serviu também para nos unir, acho eu, tanto como turma, nos conhecermos. É... Uma peça forte que como a Duas disse tem muitos altos e baixos. Baixos isso que dizer... Ahh.

Quatro - Muita emoção?

Três - Yá. Muita emoção junta... Ahh... Sem dúvida foi, é um dos projetos que vem... Por muitos... mais anos, digo eu e... Acho muito especial por esse motivo, por nós estarmos todas unidas e ser a nossa primeira peça e mostrar essa emoção porque nós aprendemos todas umas com as outras ao longo... Deste período. O que é muito bonito ver e muito bonito o resultado final.

Pausa

Uma - Há mais perguntas stora?

MIAA - Eu tenho mais perguntas, se vocês estiverem à espera de outra pergunta para falar. Então, gostava de perceber porque no cartaz... O que grupo que esteve a pensar no cartaz, disse que era um espetáculo interdisciplinar. E eu gostava de perceber porquê.

Cinco - Bem, é um... É uma ideia interdisciplinar porque nós... Porque é um conjunto de várias matérias. Assim. Temos Inglês, temos o Desporto, porque, por causa das mulheres não poderem jogar, ah temos, tínhamos... tínhamos AI, por causa também da história e essa cena toda e acabou por juntar várias matérias e interligá-las todas, o que eu achei engraçado, porque acho que nunca tinha feito uma coisa assim. Ahh e foi ahh,

acho que me fez pôr a pensar que está realmente tudo interligado. Não é, tipo ah! Isto aqui... só está aqui por que sim e não tem nada a ver com as outras coisas. Não! Está mesmo tudo interligado! É só. Eu acho.

Seis - Então. Este projeto acho que foi por interdisciplinas, mais por causa dos textos. Inglês. De... podermos também trabalhar em outras disciplinas e podermos... evoluir. Em... Também em outras disciplinas. Como Inglês. Pudemos evoluir a nossa... Ahh. Fala e pronúncia. E não só... E também outras disciplinas como ginástica e AI. Nós conversámos em Português mas, noutras disciplinas tivemos também a pegar nesses textos, a maior parte foram textos e ajudámos também essas disciplinas.

Uma - Sim. Eu acho também que é muito importante ser um projeto interdisciplinar porque é uma maneira de mostrar que nós estamos aqui na aula de Interpretação e nas aulas de Movimento ahh, no curso de Teatro, no curso de Interpretação mas precisamos de tudo um pouco e precisamos de conhecimento de todas as áreas para estar aqui. E todos esses conhecimentos nos ajudam a estar aqui. Então acho muito importante.

MIAA - Conseguem elencar, assim resumidamente, o que é que aprenderam. Ou o que interligaram em cada disciplina. E quais foram as disciplinas com que fizeram interdisciplinaridade?

Duas - Por exemplo, Educação Física. Um dia a professora ela chegou-nos, nós ficámos em roda e, ela começou a explicar um pouco da história das mulheres, das mulheres no desporto. Que, por exemplo, nos prémios não ganham tanto como os homens, no surf, que os homens ficam nos melhores dias, que têm ondas e as mulheres ficam com o resto. Então, falámos das mulheres no desporto. Falamos em História e Cultura das Artes que até estudámos numa aula a Cleópatra. E estudamos em algumas aulas e falamos um pouco sobre mulheres. Específicas, não específicas. Mas sim, falamos sobre mulheres em algumas matérias.

Cinco - Foi aquilo que a Duas falou, mas no (~~permite identificação direta~~) texto, que era mais virado para o Inglês, (~~permite identificação direta~~). Eu tive muita ajuda. Não é não ter ajuda. Eu não tinha pesquisado muito sobre as autoras, mas o que eu tive ajuda da professora foi a pronunciar as palavras e ter outras palavras, para dizer em Inglês por exemplo, libertinas. Ahh as últimas palavras que eu digo... tinham várias maneiras de se dizer. E eu fiquei, ah! Então tem outras maneiras, e... Com outros sotaques, outras... Outras expressões e isso. E... pensava que era só... vá uma ou duas. Não, são várias!

Uma - Ahh... Eu acho... Como eu já disse, eu acho muito interessante e importante que nós saibamos interligar tudo. E... Ganhar conhecimentos. Pronto é muito bom. E como

o nosso projeto, ele, pronto, envolve um pouco a parte da mulher e da sua importância, não é a sua importância, mas, do seu papel e do que é que ela está aqui a fazer e, como ela é vista agora. De hoje em dia e coisas assim. Eu acho muito interessante, como a Duas disse, quando a professora, de, por exemplo, é só um exemplo, de Educação Física nos esteve a falar sobre a questão das mulheres no desporto. Eu acho muito importante nós termos noção deste tipo de coisas. Porque é o que nos ajuda a evoluir. E mesmo não sendo uma coisa que esteja 100% ligada com o teatro é uma coisa que nos ajuda a evoluir como pessoas em si, então eu acho muito importante.

Cinco - Podes falar, que tu ainda não falaste.

Sete - Eu acho que... é até porque nós temos um trabalho que é sobre as mulheres é sempre bom saber a história por trás do que acontecia.

MIAA - A história do?

Sete - A história por trás do que acontecia, por exemplo, como hei-de explicar... Tipo a Cleópatra. Sabermos essas histórias. E situações, para o nosso trabalho ser ainda melhor. Porque assim nós sabemos as coisas e as histórias e as ideias e pronto... sobre as mulheres e depois o trabalho fica ainda melhor.

Cinco - Uma coisa que eu esqueci-me de dizer na pergunta anterior é que... Eu acho que a *Treza* é como se... é o social, é a nossa vida social. Não dizendo literalmente, mas dizer as pessoas no dia a dia, nas pequenas coisas do dia a dia, nós somos o social aqui. *Faz um gesto que engloba o grupo.* Nós temos todas características diferentes, ideias, somos todas diferentes, mas conseguimos ainda assim ficar unidas, e fazer só uma pessoa. E...

Uma - Ser um só.

Cinco - Sim, ser um só. *A Oito acena afirmativamente sem parar de desenhar e sem tirar os olhos do desenho.* Como se nos juntássemos e fizéssemos o que é a sociedade hoje em dia. Não da má maneira, mas da maneira boa, obviamente com os seus altos e baixos, assim. Mas... Ahh... Com uma maneira tão expressiva de dizer aquilo que nós sentimos e como nós pensamos, que eu acho que a *Treza* é uma coisa que vai ficar para a história. Na nossa turma...

MIAA - Para a vossa história?

Cinco - Para a nossa história.

MIAA - Vocês sentem isso também?

O grupo responde sim, verbalmente ou com acenando com a cabeça.

MIAA - E a nível do trabalho individual que vocês fizeram com a curandeira e com as histórias pessoais. Falem-me um bocadinho sobre isso.

Uma - Eu gostei bastante de nós termos que criar logo um trabalho autónomo. Todas... A... Quando... A maior parte de nós não se conhecia. É uma coisa... Eu acho que é uma coisa difícil e desafiante. Mas eu acho que nos ajudou bastante a crescer como turma e a nos tornarmos muito mais próximas umas das outras. E eu sinceramente, acho que se não fosse esse trabalho autónomo que nós tínhamos desenvolvido... acho que se calhar a nossa... Ahh nós não tínhamos... Uma... tanta... tanta ligação. Ahh... pronto! A ligação que nós temos agora e trabalho em conjunto como temos agora e acho que esse trabalho autónomo tipo, sem professores, só nós a trabalhar e ter que nos organizar, sem nos conhecermos bem eu acho que foi muito importante. Beneficial. Benéfico.

Nove - Eu acho que ajudou bastante esse trabalho autónomo, para a gente aprender a trabalhar em grupo, mesmo a gente não se conhecendo. Para além de a gente aprender a se conhecer, a gente conseguiu trabalhar em grupo. E fazer uma apresentação boa. Na minha opinião. Para primeira vez eu acho que está muito boa. Mesmo no começo e no final. A gente conseguiu ter um bom trabalho, apresentar e deixar as pessoas... impressionadas com o nosso trabalho! Eu acho que foi muito bom para a gente e para o nosso primeiro trabalho evoluir como turma e também como pessoas, digamos assim, como foi o nosso primeiro trabalho autónomo.

Quatro - Eu acho que este trabalho também foi bastante bom para nós conhecermos os limites umas das outras. Porque... há algumas pessoas que têm menos paciência, outras que têm mais paciência. E nós também temos que saber chegar ao limite da pessoa e não... Não estar a trabalhar demais, como já vimos e exceder com tudo... E foi uma grande responsabilidade para nós e acho que nós conseguimos fazer um grande trabalho com isso.

Cinco - Quanto ao que a Nove disse que foi? Aprender a... O que é foi que tinhas dito?

Nove - Aprender a... Ahhh... Ahh... *Ri*.

Cinco - Não foi só aprender a trabalhar em conjunto, mas também aprendermos a respeitarmo-nos. Porque nós não nos conhecíamos, mas tentávamos assim respeitar a opinião umas das outras, tentávamos sempre ouvir, mesmo que tenha sido um bocadinho difícil assim todas a falar ao mesmo tempo. Tipo, ah, mas fazemos isto, ah, mas isto também fica giro. Ah! Isto também... E acabámos por fazer um bom trabalho com as ideias de todas. Obviamente... [impercetível, 4 s] ajudou muito. Ahh e é só isso, mas nós aprendemos a respeitar ao longo do tempo.

Sete - Eu acho que, como nós fizemos este trabalho logo no início, nós fomos logo aprendendo a ter disciplina e organização e entendermos as outras como vocês disseram aqui. E depois é que nós começámos a fazer a *Treza*. E eu acho que como nós fizemos o trabalho autónomo antes, a *Treza* ficou ainda melhor. Porque nós conseguimos entender as outras pessoas, uma a uma, tipo, e cada uma conseguiu entender cada pessoa como é que ela é, como é que ela age, o que é que ela sente, pronto, mais ou menos. Ahum e acho que isso foi bom e também nós tivemos ensaios onde nós não tivemos mesmo a trabalhar, trabalho mas sim estivemos sentadas, falámos o que é que nós sentimos, falámos o que é que nós achamos, as ideias, e isso tudo ajudou imenso para que o trabalho fosse disciplinado e no final muita gente disse que não estava à espera, como ficou, porque nós, estavam à espera que fosse uma coisa ... Não vou dizer... Tipo...

Alguém - Banal!

Sete - Banal yá. Porque eles, toda a gente sabia que nós [impercetível, 2 s]. Então as pessoas pensavam, ok, estão a fazer um trabalho... Autónomo... vamos ver como é que aquilo vai correr... Porque é mesmo difícil. É verdade, é mesmo difícil fazerem um trabalho sozinha e nós não conhecíamos praticamente ninguém. Ahh e ninguém estava à espera. E isso acho que é muito... *acena afirmativamente e ri-se*.

Nove - Mesmo que algumas pessoas podem achar que algumas aulas não foram produtivas, eu acho que olhando para o passado, eu acho que todas as aulas foram produtivas mesmo aquelas em que a gente só sentava e conversava. Eu acho que de certa forma também ajudou ao desenvolvimento agora no futuro. E isso é muito bom... Eu... acho que me esqueci da outra parte. *Dá a palavra à Uma*.

Uma - Sim. Eu acho que é muito importante, porque depois do trabalho autónomo que nós tivemos, aquela conversa... Uma conversa normal como nós estamos a ter agora sobre... sobre como melhorar a nossa entejuda e o nosso trabalho em conjunto e eu acho que isso foi uma conversa que desencadeou-se do trabalho autónomo e eu acho que foi muito importante e é muito importante continuarmos a ter conversas assim. Ahh, para nos entendermos melhor. E para nós sabermos, ahh, como reagir ao pé dos outros e como estar com os outros. Porque nós não sabemos e também ainda não nos conhecemos muito bem ainda, apesar de já sermos muito próximos. Há coisas que nós precisamos de falar e eu acho que é muito importante termos essa comunicação.

Quatro - Ahhh, eu acho que a parte da comunicação foi uma das coisas que nós trabalhámos mais, trabalho autónomo. Mas acho que o maior desafio que nós tivemos foi o facto de nós 'tarmos no trabalho autónomo a trabalhar praticamente com o nada.

Só com a ideia da história da (~~nome~~) e... e... E acho que esse foi o maior desafio. Até porque nós tivemos de ir buscar o que aprendemos em voz e fomos acrescentando um pouco.

Três - Ah! E especialmente eu acho que não desistir. Porque foi um processo muito complicado para todas nós. Irritámo-nos. Brincámos. Falámos. Trabalhámos. E acho que todos esses momentos são essenciais para criar um bom projeto final. E... Não desistir como eu lhe disse. Não é... Não é fácil, como alguém disse, trabalharmos com o nada, começarmos do zero, apenas com uma base... Numa história. E criámos uma coreografia dinâmica onde não só tinha movimento, mas como tinha Voz e Interpretação, ou seja... Nós conseguimos encaixar as três áreas técnicas, práticas, ahh... Numa prova que não era só prova, era um *Palco Aberto*, num trabalho autónomo. No primeiro. Sem nos conhecermos. E... Por esses motivos, por termos incluído tanta coisa em pouco tempo, sozinhas. Acho que, não desistir foi o essencial, nós... acredito que todas nós estamos aqui por um motivo e somos guerreiras e queremos todas fazer o certo e é... É de estar de parabéns porque nós conseguimos ahh... *faz sinal de aspas*. Calar muitas bocas porque ninguém estava à espera de um simples 10º ano fazer uma coisa tão... composta. *Olha para o lado à procura de ajuda*. Composta? Complexa! Exato! Então, eu acho que é isso, é sobretudo reconhecermos o nosso trabalho. E cada vez querermos melhorar e continuar neste nível, ou seja, podermos ter desentendimentos, mas saber controlá-los, falar, ter essa... Nossa reunião. Onde todas expressamos o que é que nós estamos a sentir, como é que nós iremos resolver. Ahhhh. E apesar de tudo, ser... foi o nosso primeiro trabalho, não será o último. E acho que cada vez mais a gente vai-se compreender umas às outras e vai ser mais fácil lidarmos... E espero que os nossos trabalhos só melhorem. *Vários elementos do grupo acenam com a cabeça*.

MIAA - E a nível de Interpretação o que é que sentem que aprenderam? Vocês trabalharam em conjunto e falaram muito da criação de grupo e de ter ideias. A nível individual, de Interpretação.

Quatro - Eu acho que nós aprendemos bastante em Interpretação Ahh no sentido... ok, agora vamos ao mesmo... Essa parte, mas...Ahh...A aceitar as críticas.

MIAA - A quê?

Quatro - A aceitar as críticas, por exemplo. Porque nós todas fomos... Ahh... Até tive pessoas que chegaram ao pé de mim, o que é que achas desta parte? Da personagem? E algumas vezes... O que é que achas que eu faça aqui, neste sítio, na personagem, não

sei quê? Porque nós aprendemos a aceitar as críticas umas das outras. Oh isto não está tão bom, se calhar muda ali e aqui. E isso também faz parte e talvez de início nós não éramos tão boas a fazer isso todas. Mas conseguimos aprender a fazê-lo, a aceitar as críticas e a dar as críticas para ser construtivo e não destrutivo. Ahh e também aprendemos. Eu comecei... Que... aprendemos o básico da interpretação, uma base porque é o primeiro e segundo módulo então... Não fomos ainda tão a fundo.

Três - Bem eu não diria que aprendemos... Eu é... diria que nós estamos a aprender, porque... é um curto espaço e querendo ou não, vamos sempre repetir erros que estarão presentes. Então o que eu acho, é que nós temos que aprender com esses erros. E tentar passar à frente e a lutar sempre para o mesmo sentido.

Duas - Nós também aprendemos algumas bases técnicas que nós não conhecíamos. Por exemplo: falar calmamente, falar todas as palavras corretamente. E detalhes mesmo técnicos que nós não sabíamos ou não prestávamos atenção, mas que fazem toda a diferença. São muito importantes para uma cena ser feita.

Cinco - Sim, tipo a respiração.

Sete - Eu acho que ajudarmo-nos umas às outras também ajudou imenso. Por exemplo, eu acho que cada uma vê uma personagem de uma maneira, do que a outra. E quando nós, por exemplo, vamos ajudar outra pessoa a dizer, “olha, eu acho que assim ficava melhor”. E a pessoa diz “ok, se calhar sim”. E isso, ajuda imenso depois em grupo... Tipo... só na tua personagem ou só... Tipo... O que estás a interpretar. Ajuda imenso, porque eu acho que cada uma tem... Tipo... A sua ideia e... Como... Como vê a personagem e como ela acha que devia interpretar eu acho que isso é bonito de se ver que cada uma tem... Tipo... Um mundo na sua cabeça e... sei lá! Eu acho, eu acho isso engraçado e... Bonito!

Uma - E eu aprendi, eu aprendi, ahhh que... Nem sempre nós precisamos de expressar aquilo que sentimos com palavras. E que... Não... Como é que é? Nós podemos dizer muito no silêncio. É isso. E... Também ahh, que a observação também é muito importante a observação não só tipo aqui em sala de aula, mas no nosso dia-a-dia observar os diferentes tipos de pessoa. A professora já tinha... Como a professora tinha dito, eu lembro-me que a professora disse no outro dia. A maneira estranha, mas ahh, não é exagerada, mas estranha como as pessoas são e... é estranha, mas é pequena. É um movimento pequeno ou um, uma expressão pequena. Mas diferente. E ter essa noção de que, e essa observação de cada pessoa, é uma boa maneira de nós termos a

noção como, como diferentes são as pessoas e como eu posso diferenciar talvez a minha personagem e como eu posso torná-la melhor.

MIAA - Eu agora gostava de ouvir as pessoas que ainda não falaram de todo...

Silêncio na sala. Identificam-se com as palavras das colegas? Qual foi a dificuldade que sentiram, por exemplo, e como é que a conseguiram ultrapassar? Se a conseguiram ultrapassar, como é que a conseguiram ultrapassar?

Pausa em silêncio.

Dez - Eu acho que uma das coisas que todas nós tivemos dificuldade, foi que nós que tivemos muito pouco tempo. Tivemos o quê? Duas semanas, três semanas? Até termos que apresentar tudo no dia 24 e no dia 26. E todas tivemos aquela dificuldade de... Ai! Como é que nós vamos fazer isto se nós não temos nada? Não temos nem sequer uma base, não temos isto, não temos aquilo e com apoio de todas mesmo não tendo aquela confiança, ahh, conseguimos fazer uma coisa linda. Ficou incrível o nosso trabalho juntas. E mesmo no palco a trabalharmos juntas a apoiarmo-nos umas às outras a dizer tu consegues fazer isto, tu estás a ir bem, tu és capaz de fazer isso. E acho que cada uma de nós deu esse apoio uma à outra. Mesmo às vezes não dizendo, mesmo só olhando para a pessoa já transmitindo isso. Não sei se está a dar pra entender. E é... acho que é isso.

MIAA- Acham que é importante dizer mais alguma coisa sobre a Treza?

Duas - Foi um projeto... foi um projeto que eu gostei. Porque realmente eu gostei bastante. Pelos motivos que eu já disse e também outras aqui já disseram e é um projeto que vai mesmo marcar... Para nós vai ser uma coisa marcante, nós vamos sempre lembrar. No nosso primeiro ano, no começo do ano nós fizemos aquele trabalho da *Treza*. Trabalho que foi muito individual, nós quase não tivemos ajuda da professora para fazer, então foi uma coisa bem nossa... então vai ficar mesmo marcado na nossa... nosso primeiro trabalho.

Cinco - Acho que foi uma coisa para nós nos conhecermos melhor. Propositada com a professora. A professora pensou ok, estas ainda não se conhecem... Não... é início do ano. Vá conheçam-se aí, façam um trabalho autónomo. Acho que, eu acho que na minha opinião eu acho que foi isso que a professora pensou. Não sei o que é que se passa na cabeça da professora. Mas eu acho. E, se foi isso, foi uma coisa muito bem pensada, porque realmente juntou-nos a todas, e fez-nos assim... vá profissionalmente... E fez-nos acreditar no potencial umas das outras e que nós conseguimos fazer tudo o que nós estivermos juntas.

Nove - Eu acho que a *Treza* mesmo sendo... A... Personagens individuais, continuamos sendo um grupo ahhh, porque realmente o espetáculo é a *Treza* mas nós somos as todas a *Treza* e mesmo cada uma sendo diferente com as suas qualidades, com as suas personalidades, com os tiques. Cada uma é essencial para construir aquela *Treza* que foi a principal ideia ah! Somos treze, é a *Treza*. E nessa freixa a gente conseguiu fazer todas nós uma personalidade diferente com cada uma com uma história cada uma desenvolveu mais. Algo bastante bonito que... Que reflete também a relação da turma que a gente sentiu, a gente pensou na nossa imaginação, a gente conseguiu transmitir isso para o público de uma forma boa. Mesmo com pouco tempo. Mesmo com pressão, a gente na minha opinião fez um ótimo trabalho. É isso.

Uma - Sim eu gosto bastante de como este projeto... Ahh... traduz como é que eu... Hei-de... do que acontece aqui, que é... treze pessoas diferentes formam um só e é, e é, eu acho isso bastante interessante. *Pela primeira vez, a Oito levanta os olhos do caderno. Para acenar com o lápis em concordância, enquanto acena afirmativamente. Olha para a turma e depois para a Uma. Volta a desenhar.* E eu gosto mesmo, porque traduz o que acontece aqui nesta turma que é, nós somos treze pessoas completamente diferentes. Nós não temos nada a ver umas com as outras. Mas nós juntas trabalhamos bem e trabalhamos como um só e nós, nós somos uma turma e um grupo que trabalha bem em equipa e eu gosto, eu gosto bastante como este projeto [imperceptível, 3 s] do jeito que nós somos.

MIAA - **Que momentos do vosso projeto, vocês sentem que, ou se lembram, quando referem que vos ajudou a conhecerem-se melhor e a criar mais unidade de grupo?**

Seis - Acho que foram as brigas que ajudaram nós a evoluirmos. Nós houve momentos em que para nós... Como por exemplo, a curandeira em que viemos para a sala e faltavam 10 minutos, já estava-nos no final da aula, já era de noite, já estávamos cansadas umas com as outras e chateámo-nos! Mas e depois aprendemos a.... Ao falarmos, a ter esse momento de... ok, já estamos todas estafadas, já é de noite, já estamos cansadas, estamos fartas, queremos ir para casa, temos fome... Ahh. Foi aprender a refletir no que estamos a fazer e dar momentos de pausas de... ok estamos... A chatearmo-nos umas com as outras. Vamos parar. Respirar. E falar sobre o que aconteceu. Foi mais ou menos isto!

A Nove ia começar a falar quando a Cinco disse - Não, a Onze ainda não falou!

Onze - Vai primeiro.

Nove - 'Tá bem. Ahhhh. Não só também, quando a gente fez o trabalho autónomo sobre curandeira, mas acho que também o começo das aulas, ahh os primeiros exercícios de Movimento, a gente fez Interpretação, a gente... A ler um texto à frente de várias pessoas desconhecidas. Acho que isso também influenciou bastante, depois a gente fazer o espetáculo de *Halloween*. Foi o nosso primeiro, mesmo com pouco tempo que a gente fez mesmo sem se conhecendo, depois a curandeira, e agora a *Treza*. A gente foi evoluindo de uma forma, muito bonita, na minha opinião. Enquanto turma também. Ahh, de forma que a gente se desse bem, mesmo sendo diferentes como a Uma disse, a gente consegue se encaixar e conseguimos fazer um bom trabalho.

Onze - Para mim o que mais importa aqui é cada uma ouvirmos todas, tipo, eu acho que devíamos começar... Nós precisamos todas de começar a ouvir todas umas às outras, mesmo sem vontade, tipo, cada uma pode ter ideias, mas há quem não queira saber das ideias dos outros porque só querem aquilo e pronto experimentar coisas novas... Isso vai sempre faltar aqui neste grupo, a falta de comunicação, mesmo... Mesmo assim... vai ser falta de comunicação... Mas a gente vai chegar... Sempre... vamos sempre chegar num consenso que é... Terminar o que temos a fazer.

Duas - Sim, mas tipo... Eu acho que, desde o começo nós não nos ouvíamos tanto. Ficávamos, aquele barulho de fundo ou umas a conversar pra cá. Eu acho que para cá, ainda é pouco tempo, mas tivemos uma pouca, uma evolução... zinha, que conseguimos ficar mais agora a prestar atenção sempre às outras e a escutar mais umas às outras. Mais... Melhor do que no começo. Ainda temos muito para evoluir. Mas já fizemos um grande avanço.

Uma - Eu acho, eu acho, que um projeto que ahh, um, um, uma coisa que por acaso fizemos em sala de aula e que eu acho... Eu não sei... Algumas pessoas podem-se ter sentido desconfortáveis... Mas, eu, eu, acho que é importante, porque... Foi, foi o, a, quando nós viemos aqui falar sobre mulheres da nossa, da nossa, família, importantes, ou que fizeram algo importante, ou que tiveram uma história, que tiveram uma vida difícil. Ou que foram guerreiras, pronto! Mulheres da nossa família guerreiras. É isso. Eu acho que ajudou a criar um espaço só nosso, algo, acho que ajudou a criar este... O que acontece aqui fica aqui... E este... Como é que se diz? Esta confiança entre todas e, e... está-me a faltar a palavra... Mas é ahh um, um... sim é isso, um espaço seguro. Algo que... Nós estamos aqui e estamos bem umas com as outras e podemos expressar aquilo que queremos e dizermos algo que fica aqui e, e, todas nós tentamos compreendermo-nos umas às outras e eu acho isso muito importante. E outro projeto

também que nos ajudou muito, foi o trabalho autónomo, que nós já tínhamos dito que criou, que ajudou a criar uma boa relação entre nós e um bom trabalho.

Cinco - Eu acho que, os momentos que nos ajudaram foram, as brigas, mas também quando nós errávamos. Umhas vezes nós riamos, outras vezes nós ficávamos chateadas umas com as outras, mas eu acho que o melhor era quando nós riamos. Quando nós começávamos a rir era... Um riso confortante. Que eu pensava. Ok. Eu acho que estou no sítio certo. O curso que eu quero e as pessoas que quero que estejam ao meu lado para conseguir fazer isto. Porque é um grupo que mesmo em pouco tempo conseguimos criar um laço forte ahh, e criar raízes de verdade e piadas internas. Assim...

Quatro - Cumplicidade!

Uma - Yá!

Cinco - Sim isso...

Duas - Eu vou continuar mais ou menos com o que ela disse, que é. Tem pessoas aqui, mesmo que não sabem se é este o curso que vão seguir. E essa cumplicidade, essa, isso que nós temos, de estar unidas, ajudou mais essas pessoas. Porque, ainda não saber se é isso mesmo que se vai seguir e ainda ter pessoas desagradáveis no grupo só piora a situação, e nós conseguirmos criar essa cumplicidade ajuda muito não só essas pessoas, mas como toda a gente e o ambiente de trabalho.

Nove - Eu acho que a gente se acolheu bastante desde o começo. A gente conseguiu, ahh eu não sei explicar. Mas a gente não julgava o outro por saber que a gente está no mesmo espaço. E ok. Essa pessoa é igual a mim. Também tem as mesmas inseguranças que eu. Ahhh e eu falo por mim que eu nunca me dei tão bem com uma turma e nunca me senti tão bem acolhida numa turma, na vida. E isso é tão bom... Praticamente todas, eu acho que 'tou a falar por todas eu não sei, também sentirem-se acolhidas neste espaço e dar-mo-nos todas bem. E eu falar com cada uma de vocês, ahh e eu sentir-me confortável. E também a gente, quando estamos a trabalhar em grupo, a gente não ter medo, nem sentir insegurança de falar o que a gente pensa. Algo que antes podia acontecer, mas agora já não, por estarmos seguras neste espaço que é confortante.

Sete - Eu acho que a gente quando está neste curso, a gente precisa de ter muita confiança umas com as outras. Porque sem confiança acho que o trabalho e tudo mais não fica... muito melhor do que se nós estivermos confiança e sentirmos a confiança umas com as outras. Ahhh, é isso.

MIAA - Então agora esta pergunta é para quem ainda não falou. Começa como quem ainda não falou e depois quero ouvir todos. Como é que veem a *Treza* no

futuro, vocês à bocado estavam a projetar. O que imaginam para o projeto no futuro?

Nove - Porque a *Treza* é o nosso palco é sobre as nossas personagens, acho que se foca na nossa turma, como é que nós somos, então... A gente pode fazer muitas coisas a partir daí desse projeto. Na minha opinião. Seja a interpretar uma personagem ou não... Ou mesmo, a gente... expressar o que a gente está a sentir. Para mim agora o que a gente está a fazer é a *Treza*. Estarmos todas conjuntas a falar o que a gente pensa, o que a gente pode melhorar, para mim é isso. E acho que a gente tem evoluído muito no futuro. A gente vai olhar para trás e pensar. Ah... Lembram-se da nossa primeira *Treza*, eu era tal coisa, tal coisa. Eu acho que para um projeto no futuro vai... ser muito bom, eu não digo como, porque eu não sei. Mas acho que vai ficar muito bom.

Duas - A *Treza* para o futuro, eu imagino, por exemplo, nós apresentarmos a *Treza* em vários teatros para várias pessoas verem. Por exemplo. E fazermos, não só usar o palco, mas usar o espaço da sala de teatro em si. A descer as escadas. A aparecer por cá. Umás coisas mais sérias e depois vem uma coisa engraçada para melhorar o clima e também podíamos fazer, ahh, não deixar tipo *Trezas* fixas. Mas podíamos quando chegar num nível, mais, que nós conseguíssemos e sentíssemos seguras para fazer isso... Fazer *Trezas* improvisadas, ou seja chegar lá, ter mais ou menos uma ideia e fazer improvisações com entradas e saídas de *Trezas*. Então eu acho que era engraçado fazer várias *Trezas*, não só fazer a minha *Treza*. Faz-se várias. Cada uma faz várias *Trezas* e apresentamos. Usar o espaço da sala de teatro, não só o palco.

Cinco - Era diferente, assim seria um espetáculo muito grande... mas é uma boa ideia!

Quatro - Eu gostava de ver as *Trezas* a interagirem umas com as outras. Porque são personalidades super diferentes e acho que seria um contraste ótimo de fazer. E eu gostava de ver isso no futuro. Porque temos uma diversidade tão grande. A minha *Treza* com a *Treza* da Uma, por exemplo. São coisas completamente diferentes. É... O que é engraçado de se ver.

Uma - Também gostava muito... De ver essa interação e eu espero que aconteça, espero mesmo. Gostava mesmo.

Cinco - Eu fiquei a imaginar assim... vá a da Sete com a da... *Aponta para a Três*. Que são duas pessoas que focam-se no trabalho... Assim! No trabalho... focam-se! Porque a dela 'tá a dizer "vá, vai trabalhar" ela também trabalha e sim. Coisas que temos em comuns, pequeninas, mas que conseguem interligar as personagens. Fazê-las discutir, fazê-las rir. Fazê-las assim vá, ter mais... Intimidade. Ahhh, eh... Na verdade, as

Trezas somos como nós. Ahh, *Pausa*. Um bocadinho de nós. Um bocadinho do nosso cérebro. *Põe a mão na cabeça, depois no coração*. É assim um bocadinho do nosso coração. Um bocadinho do nosso cérebro. Parte emocional e parte racional. Ahhh... E... Nós somos a *Treza*.

Sete - Eu acho que nós reparámos acho eu. Pelo menos eu reparei. Que... Cada personagem pode ligar a outra. Tipo... Não estou a dizer por exemplo... *faz gesto circular com as mãos enquanto diz a frase*. Agora a minha personagem vai ligar a todas vocês. *Ri*. Não. Mas posso dizer que... *vai apontando para várias Trezas enquanto fala*. Uma personagem pode-se ligar a outra e depois a outra, pode ligar aquela e depois chega a um ponto que nós percebemos que a Treza está toda unida, ou seja, é todas juntas. Ok. *Faz um gesto com as duas mãos como se fosse um recipiente onde coloca todas as Trezas*. A Treza une-se. A Treza é... unida.

Várias falam simultaneamente concordando e acrescentando, o que impossibilita a transcrição. Entende-se o seguinte: cheias de fios, yá!

Seis - Eu acho que todas as personagens dá para ligar umas às outras. Acho todas se dão. [imperceptível, 4 s] Dá com todas, mas se calhar de maneiras totalmente diferentes e é isso que faz ser...

A Doze avisa que a câmara deixou de gravar.

O cartão de memória estava cheio.

As participantes fazem um pequeno intervalo.

Depois do intervalo a investigadora mostra às participantes o final da entrevista que ficou gravada e pede para se iniciar com o resumo do que não foi gravado.

Duas - O que eu lembro que nós falámos foi... De... Nós falámos também que... do nosso ambiente de trabalho. Ahhh. Que temos várias coisas ainda para melhorar, mas já evoluímos, em um curto espaço de tempo já melhorámos várias coisas. Aprendemos a ouvir umas às outras. Ahhh. *Olha para todo o grupo e faz um gesto*. Me ajudem por favor...

Várias participantes riem.

Cinco - A gente também disse algumas ideias para o futuro. Tipo... juntar as Trezas.

Várias participantes falam ao mesmo tempo e riem.

Uma - Ó pá! Eu acho que nós sinceramente falámos, tipo... falámos sempre a mesma coisa. A parte que não gravou nós fomos só repetindo ideias. Que foi a parte de interagir as personagens, Ah! Eu lembro-me de uma que era... foste tu que disseste. *Aponta para a Cinco*. não sei se ficou gravado, mas era... *Várias participantes falam ao mesmo*

tempo. Era uma improvisação com essas personagens a interagir com as personagens. Várias participantes falam ao mesmo tempo.

Sete - Ahhhh. Pronto, o que eu ia dizer era... que [imperceptível, 2 s] apresentarmos nesses sítios. Em outros auditórios e... Coiso... E... Teatros. Por exemplo, nós quando fizemos a prova das personagens ficava mesmo bonito também ser tipo. Nós estarmos todos sentados nos bancos, mas só acender a luz na tua parte, tipo... Também era bonito.

Nove - Era para ressaltar prá professora que também... A gente também falou. A gente falou também as nossas Trezas, também com outros géneros. Não ser só mulheres, as Trezas. Mas também ser homem. Não-binários, não sei... vários géneros, pronto.

Várias participantes falam ao mesmo tempo.

MIAA - Não serem só mulheres.

Nove - É. é.

MIAA - Então agora vou perguntar... vocês falaram de Interpretação. E Movimento? A Treza em Movimento.

Cinco - Eu acho que... Com a personalidade de cada Treza, nós conseguimos fazer uma dança. Mas... Eu não sei... das outras, só que eu fiz como se a minha Treza estivesse a dançar. E não fosse eu ahh, [imperceptível, 2 s] mais rápido e mais calmo. E saía disparada e depois...avançava e depois... avançava, parava... [imperceptível, 4 s]

Sete - Na... Eu acho que aquilo que tu falavas, que as pausas e os movimentos [imperceptível, 4 s] acho que isso mostra a sociedade. [imperceptível, 3 s] Uns correm a vida, outros absorvem a vida, outros... [imperceptível, 4 s] Sei lá, tipo! A sociedade. Ahhh. E nos fios. Acho que os fios, acho que os fios também demonstram tipo, a Treza. Porque nós todas ‘tamos sempre unidas.

Uma - Eu acho que por exemplo. [imperceptível, 3 s] a movimento é dizer muito sem usar a palavras. Aquele momento em que a Sete estava a dizer. Nós podemos dizer muito ou, sabemos que em vez de demonstrar muito, podemos dizer muito sem dizermos absolutamente nada. E eu acho que isso [imperceptível, 2 s] Yá.

Nove - Ahhh. Ok. A curandeira, foi a parte que a gente não falou... A gente falou, que a gente usou a voz, mas foi mais o corpo... No chorar a gente usa bastante o nosso corpo. Ahhh... é! Mas é isso, essa ideia.

Duas - Uma das partes do espetáculo da *Treza* que eu mais gosto é a parte do final, a parte dos laços. Eu acho isso muito bonito de se ver. Porque é como se... *começa a desenhar no ar*. Fosse mesmo laços imaginários e nós tivéssemos com eles e

tivéssemos... Somos a Treza... somos várias Trezas. Mas depois a inter-relação ‘tamos todas ligadas... [impercetível, 2 s] Os movimentos, umas para cima, outras para baixo. [impercetível, 2 s] Gosto muito de ver a improvisação das [impercetível, 2 s] é uma das partes mais bonitas.

Sete - Ahh. Eu lembro-me no início quando a professora dizia que, ahh, para falarmos [impercetível, 2 s] ehhh, para falarmos c’os olhos, “nosjelhos” *Risos*. Ahhh. Eu acho que isso é surpreendente. Por exemplo. Eu posso estar a dançar e preciso de dizer a outra pessoa ao meu lado sem dizer. Só “cusjelhos”. *Corrige*. Com. Os. Olhos. *Risos*. Ahhh.

Várias participantes falam ao mesmo tempo.

Uma - A comunicação. A comunicação telepática! *Faz um gesto com dois dedos, da sua testa para a participante que falara anteriormente*. E é isso!

MIAA - **Mais alguém quer dizer alguma coisa que acham que ainda não tenha sido dita?**

A maioria do grupo acena negativamente. Pausa.

MIAA - **Já estão fartas?**

Risos.

MIAA - **Olhem, obrigada pela vossa participação.**

Alguns risos, algumas palmas. Começam a falar todas ao mesmo tempo.

Fim de transcrição.

ANEXO 4 - GUIÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Esta entrevista está a ser realizada no âmbito do meu trabalho conducente ao grau de Mestre em Intervenção e Animação Artísticas na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria. Pretende-se a realização de um projeto que tem por objetivo refletir sobre a participação dos alunos do ensino secundário profissionalizante em projetos de formação e criação artísticas.

Esta entrevista vai ser gravada, para facilitar a transcrição e a análise de dados. A gravação da entrevista não será disponibilizada a terceiros. A sua transcrição integral constará, sem associação direta ao nome do/a entrevistado/a nos anexos do trabalho.

A entrevista é facultativa e não é objeto de avaliação. Não existem respostas certas nem erradas. O que se pretende é entender o ponto de vista de cada aluno. Ao consentir a entrevista, consentes a filmagem e a análise de dados.

Obrigada pela disponibilidade em participar!

Para conhecer as perspetivas sobre as suas experiências formativas.

Desde que entraste neste curso, já participaste em vários projetos de formação. Sejam eles de FCT, Interpretação, Voz ou Movimento.

Qual o projeto em que gostaste mais de participar e porquê?

Qual o projeto em que gostaste menos de participar e porquê?

Qual o projeto em que consideras que tiveste melhor desempenho e porquê?

Qual o que consideras mais importante para a tua aprendizagem e porquê?

Na tua opinião há uma relação direta entre gostar de um projeto e ter um bom desempenho?

O que é para ti um bom projeto de formação?

Para conhecer as ideias sobre os fatores que influenciaram a escolha do percurso escolar.

Porque escolheste este curso profissional?

Como reagiram a tua família e amigos à tua decisão de vir para este curso?

Conhecias alguém que estivesse a frequentar o curso ou acompanhaste de alguma forma os alunos do curso? (Exemplo: como aluno/a de outros anos se assistiu a espetáculos).

Conhecias o programa de curso antes de te inscreveres?

Tens interesse em ingressar no ensino superior? Dentro da área das artes ou teatro?

Foi uma decisão de impulso ou foi uma decisão pensada?

Para conhecer os principais fatores motivacionais que influenciam os alunos ao longo do seu percurso formativo.

Até agora quais foram os fatores que mais te motivaram neste percurso?

E quais os fatores que mais te desmotivaram?

Antes de escolheres o curso, para ti, o trabalho de ator era um trabalho individual ou coletivo?

Qual é a tua opinião agora?

Isso é, para ti, um fator de motivação ou desmotivação?

ANEXO 5 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Informações:

- Na transcrição mantiveram-se as marcas de oralidade dos participantes.
- Os momentos de impossível transcrição estão assinalados da seguinte forma:
[impercetível, número de segundos]
- Os momentos em que a transcrição integral permite identificação direta estão assinalados. Seguem alguns exemplos:
(~~permite identificação direta~~); (~~nome~~); (~~local~~), entre outros.

Intervenientes:

Mestranda em Intervenção e Animação Artísticas (MIAA).

Nove participantes entrevistados.

Observações:

A numeração foi atribuída por ordem de realização de entrevista (E1 a E9).

Antes de cada entrevista foi efetuada a leitura da parte inicial do guião da entrevista.

Esse momento não será transcrito.

Entrevista a E1

Dia 13 de Maio de 2022

MIAA - De todos os projetos em que participaste qual foi o que mais gostaste e porquê.

E1 - *Amor de Anjo* Ahhh. Foi a peça que fizemos o ano passado. Ahh. Acho que... Não só pela história... Mas... Porque me uniu com pessoas do 12º da altura ahh que eu achava que era impossível eu dar-me. Ahh. E acabei por me dar no final. E... Acho que a história é muito marcante e tocava a todos por ser um tema que nós ‘tamos tão acostumados a viver todos os dias. E ahh... E pronto! Acho que foi importante, e o que eu mais gostei até hoje de fazer.

MIAA - E qual é que foi o que menos gostaste?

E1 - Ahhh. *Pausa*. Sem ser o *Sem Retorno* do estágio deste ano. Ahh. Provavelmente foi a prova...

MIAA - Sem ser?

E1 - Sem ser este, porque, (~~permite identificação direta~~) Ahhhh, mas foi a prova do 12º ano, a prova de Interpretação. Foi com a professora (~~nome~~) e... Quando ela nos deu o texto... E era para ser algo que nós tínhamos de fazer em cena. Era... ai! Ahh. *Procura a palavra*. Algo não planeado, era... Nós só... tínhamos o texto, não sabíamos o que íamos fazer na cena e tínhamos de inventar na altura, na prova. E eu não estava muito focada na escola, ahhh. Estava com alguns problemas então... Eu além de não ter gostado da proposta também não correu bem e pronto acabei por nem ter nota.

MIAA - Porque o objetivo era fazer uma improvisação a partir do texto?

E1 - Sim, era fazer uma improvisação em palco a partir só do texto e não correu bem para ninguém. Eu não gostei da proposta, foi esse o problema.

MIAA - Fala-me lá do *Sem Retorno*, o projeto de FCT.

E1 - O *Sem Retorno*, ahh é um projeto de FCT e... pois eu não gosto porque (~~permite identificação direta~~) ahh e por outros motivos como publicaram uma foto para dizer que ia ser lançado um projeto e eu não estava na foto mas estavam os restos da turma. (~~permite identificação direta~~). É por realmente não aprender nada. Nada muito mais... Porque eu achava que o estágio seria outra coisa. Eu tinha uma ideia diferente do que seria um estágio. Ahh. Acreditava que pudéssemos aprender muito com aquilo. E ter uma vivência ahh. Isto é... Ter uma vivência real de como é trabalhar, trabalhar fora. E se aquilo é, eu não gosto. *Ri*.

MIAA - Isso tem a ver... (~~permite identificação direta~~).

E1 - Também. E por... Por outras coisas, por exemplo, publicaram foto por exemplo onde eu não aparecia. (~~permite identificação direta~~). Trabalho, *faz um gesto como se estivesse a caracterizar*, nas dançarinas, *corrige*, bailarinas. *Ri*. Eu pinto elas. Eu ahh. Fiz os livros. Fiz a parte da expressão plástica. Mas... não sei, não gosto. E depois vi o trabalho da (~~nome~~) e por mais que eu não tenha percebido a história. Ahh eu gostei muito mais. A ligação toda que eles têm, com as intérpretes e com as bailarinas que estão com (~~nome~~) e com as outras ahh, do que nós temos com as do *Sem Retorno*. Porque nós não... Não acho que nós tenhamos alguma amizade. Não é amizade! Nós falamos bem! Mas não temos a mesma ligação que eles têm com a (~~nome~~)... Eles todos tiraram fotos a agradecer à (~~nome~~) e “obrigada (~~nome~~), obrigada”! Estão sempre abraçar e não acontece o mesmo no *Sem Retorno*.

MIAA - Portanto a parte afetiva é importante para gostares de um projeto?

E1 - Sim. Principalmente neste curso é. Tenho de gostar de ‘tar a fazer as coisas e com as pessoas.

MIAA - E qual é que é o projeto em que consideras que tiveste melhor desempenho e porquê?

E1 - *Silêncio. Ahh Pausa.* Acho que foi no *Palco Aberto* este ano. Quando eu fiz uma amostra do que vou fazer na PAP. Ahh. Porque eu também acho que tinha tido um bom desempenho no *Amor de Anjo*. Mas... Eu acho que tive mais ainda no *Palco Aberto* porque é algo que eu estou a criar. Vem de mim. Vem das minhas ideias. Foi algo que escolhi. Não foi “olha agora vamos trabalhar isto”. Foi algo que eu escolhi. É... É algo que eu gosto. E, pois, eu acho que tive o melhor desempenho aí. *Ri.* Por causa disso.

MIAA - Porque foi algo teu?

E1 - Sim.

MIAA - E dos projetos todos, qual é que consideras que foi mais importante para a tua aprendizagem e porquê?

E1 - *Silêncio. Sorri.* Foi... A prova de movimento, os solos. *Ri.* A prova de movimento, os solos. Porque, hoje em dia, eu olho para a minha prova e tinha feito algo completamente diferente. Ahh... Não tinha tido tanto medo de subir a um palco e dançar o que quer que seja que fosse. Ahh... Porque estava cheia de medo e sinceramente, eu gostei do que fiz, mas não gostei. Acho que podia mudar, hoje em dia, porque... Na altura, eu... recusava-me a dançar e a aprender e, hoje em dia até que entram algumas coisas. E até que eu gosto de certos estilos de dança. Acho que o que me faltou na altura foi procura. Porque eu estive mais tempo a dizer que eu não queria fazer, do que propriamente a fazer o trabalho. Portanto... *Ri-se.* Acho que foi isso que eu aprendi mais.

MIAA - Achas que há uma relação direta entre gostar de um projeto e ter um bom desempenho?

E1 - Sim. *Pausa.* Porque... Eu, eu acho. Eu só consigo desempenhar bem o meu trabalho quando estou a gostar ou do ambiente ou do projeto. Principalmente do projeto. Porque quando nós não gostamos do projeto acaba por... Ahh. Eu acho que demonstramos muito... é o que eu estou também a estudar para a minha PAP. A nossa cara e tudo, demonstra muito o que está à nossa volta. As nossas emoções. E normalmente as pessoas ficam mais rígidas, o corpo fica mais rígido, a cara e tudo. Quando o ambiente não está como nós gostamos. Ahh. As pessoas, o projeto, as ideias em si. Quando ahh... há alguma situação que nós ficamos chateados, acabamos por mostrar isso através da nossa cara. Portanto acho que sim. Há uma relação direta entre um bom desempenho e gostarmos.

MIAA - E o que é que é para ti um bom projeto de formação?

E1- Como assim?

MIAA - Quando é que tu achas, ah! Isto tem tudo para ser um bom projeto de formação. Para ti, quando te apresentam um projeto... quais são os ingredientes mágicos de um bom projeto? Isto tem tudo para funcionar porque... tem isto... tem isto... Ou faz isto ou...

E1 - Ah! Ok. Quando tem... Quando é ajuda para algo. Quando tem... Um objetivo para ajudar alguma coisa. Dá um ponto de vista a alguém. Mudar as ideias de alguém. Ou por exemplo o projeto PANOS, que é por causa das baleias. Tem um objetivo. Ahh. Acho que coisas assim, mais sociais. Ahh. Tem tudo para ser um bom projeto. Principalmente quando são temas que... Por exemplo o *Amor de Anjo*. Que era um tema que era muito sensível e que é muito próximo a todos. Que é mesmo muito próximo. Ahh, acho que... Quando tem muita... vivaci... é vivacidade. Quando... tem tudo ao mesmo tempo. Eu gosto quando as pessoas acabam por dançar ou acabam por cantar e acabam por interpretar ao mesmo tempo. Acabam por experimentar tudo um pouco. Porque às vezes, nós nem somos tão bons a interpretar ou não somos tão bons a dançar e cantar e quando conseguimos experimentar um bocadinho de todas às vezes conseguimos ver que o nosso desempenho está melhor noutras áreas. E quando o projeto tem tudo, todos conseguem sobress... realçar de alguma forma. Ahh, acho que é um bom projeto. E... Pois... Projetos sociais. Eu acho que projetos sociais é que tem tudo para ser bons projetos. [palavra impercetível] *Encolhe os ombros*.

MIAA - Agora, mudando um bocadinho. Para conhecer o teu percurso, gostava de perceber porque é que escolheste este curso?

E1 - *Ri*. Eu escolhi este curso porque, eu estava em Humanidades antes de vir para cá e acabei por chumbar. Ahh e escolhi, ahh, porque achei diferente e como era algo que eu já tinha feito e tinha gostado. Que eu sempre fui muito mais de artes do que outra coisa. Ahhh. Eu decidi experimentar. Não conhecia ninguém, não conhecia nada. Então... E depois vim à escola. O que me fez escolher foi a conversa com o professor (~~nome~~) que ele me fez ver que o mundo da arte realmente tinha uma saída e que às vezes não é preciso sairmos daqui como atores e atrizes, mas sim, podemos sair como encenadores, ahh como técnicos de luz e som, como figurinistas. Ahh, portanto, eu gostei e acabei por ver que se calhar não é esse o meu caminho. Mas, eu gostei do curso e da ideia, portanto decidi experimentar.

MIAA - Esse caminho. Ser atriz?

E1 - Sim. Ahh. Gosto mais da parte do *backstage*, ahh, do que propriamente fazer o que nós fazemos que é trabalho de palco. Não sei. Não... Se calhar foi pelas peças que nos foram dadas, mas... *Acena negativamente com a cabeça.* Não é muito a minha praia.

MIAA - E como é que reagiram a tua família e amigos à tua decisão de vires para a escola para o curso de teatro?

E1 - A minha mãe gostou. *Ri.*

MIAA - Gostou?

E1 - Sim ela “Vai, vai! Vai ser mesmo a tua cara.” Ahh. Na altura tinha algumas pessoas que diziam que isso não ia dar em nada que eu ia fazer de palhaça. Ahh e que depois falavam da escola porque é uma escola básica. E então falam muito “Ah! Porque é só putos. É só miúdos! É só miúdos! E não vais aprender nada e fazem sempre de palhaça e palhaços e eles passam vergonhas”. Mas e depois tinha outra parte dos amigos todos a dizer “Hi! Isso é bué fixe!” Tanto que... Às vezes quando me perguntam então, andas em quê? E eu digo Teatro. Toda a gente... “A sério!? Hi! Isso é mesmo fixe!” E querendo ou não... Eu tinha uma parte que dizia que... Que gostava e outra que não. Mas acho que... A única opinião que eu queria ouvir era a da minha mãe. E a minha mãe e a minha avó disseram que me apoiavam. Então... *Encolhe os ombros e ri.* Eu decidi vir!

MIAA - E conhecias alguém que estivesse a frequentar o curso ou acompanhaste outros alunos do curso antes de vir? Ou viste espetáculos de...

E1 - Vi na (~~nome do evento~~). A (~~nome~~) e o (~~nome~~). A (~~nome~~) estava a fazer de... *Pausa.* Velhota ou o (~~nome~~) estava a fazer de velhota. *Pausa.* Não me lembro. Era um deles. E eu enquanto estava distraída com o telemóvel dei um encontrão sem querer, acho que foi na (~~nome~~), não sei! Foi em quem estava vestido de velhota e do nada começou-se a chatear comigo e eu achei aquilo o máximo. Fartei-me de rir. Fartei-me de me meter com eles. Adorei e eles deram-me um papel do curso e eu assim que cheguei a casa disse “Mãe, olha que eu fui ao (~~nome do evento~~) e nãñã...” E fui lá porque tinha faltado às aulas!

Riem.

MIAA - Foste lá porque tinhas faltado...

E1 - Fui lá porque tinha faltado às aulas noutra escola e decidi ir ao (~~nome do evento~~) para ver e... Adorei. Então e depois marquei. Acho que foi passado dois meses para falar com o ‘stor (~~nome~~) porque queria saber.

MIAA - Faltavas muito às aulas?

E1 - Sim eu chumbei por faltas porque... *Acena negativamente com a cabeça.* Não... Eu fui para lá porque o meu sonho sempre foi ser psicóloga criminal. Só que... Não... Quando eu cheguei lá vi que não era aquilo que eu queria. Porque... é o ambiente. Eu não me sentia bem na turma onde eu estava. Ahhh e... O momento que eu estava a passar também não era o melhor. Aquilo acumulou-se tudo. Ahh... E eu desisti. Deixei de ir às aulas e depois juntou-se todo um acumular de situações, mas que depois acabaram quando... Quando eu saí da escola. Não sei se propriamente é aquela escola ou as pessoas que lá estão. Mas... aquilo foi acho que o meu pior ano, assim, escolar.

MIAA - Mas aqui a tua assiduidade também não é assim...

E1 - Não. A minha assiduidade não é a melhor... Mas lá eu não ia mesmo. Havia professores... houve, houve uma professora... *Ri-se a olhar para baixo.* Que me conheceu no segundo período. *Ri-se a olhar para baixo.* Eu estou-me a rir, mas... porque, *encolhe os ombros*, hoje em dia dá piada. Não sei. Não é algo que hoje em dia eu faria. Hoje em dia não teria cara de pau de chegar lá e dizer “Olá! Eu nunca apareci, mas estou aqui!”. Eu hoje já não sou capaz. Eu antes... Não queria saber. Eu ia, depois ia-me embora a meio da aula. Pegava na mochila e ia-me embora. Eu realmente não gostava de estar lá. Pronto.

MIAA - O que é que fazias quando não ias às aulas?

E1 - Ficava lá fora... com os amigos. Com os outros que faltavam às aulas também. Esse foi o problema. Eu ficava tardes inteiras... Às vezes ia só para a escola para estar com eles e depois voltava para casa. Eu realmente eu não queria ir... Mas... foi o ano. Foi... Os problemas todos que tinha à minha volta e eu acho que usei um bocado o faltar às aulas e estar com as pessoas para conseguir estar bem comigo própria. E não consegui. Tanto que depois saí e só consegui passado um ano e foi depois de estar cá. E... Hoje em dia eu vejo que não era preciso esta situação toda. Podia ter saído no início do primeiro período da (~~escola~~) e vir aqui para a escola e não ter perdido um ano. Mas pronto, são erros que eu... As pessoas aprendem.

MIAA - E vocês encontravam-se lá à porta da escola e ninguém vos mandava para a aulas ou... como é que funcionava? Ninguém vos mandava para as aulas.

E1 - Não. Porque... lá é uma escola mais... Sei lá, é só secundária. E... Vai quem quer. É mesmo assim. Toda a gente sabe. Se queres aprender e queres passar os anos tens de ir... E... Eu não! Eu... entrava na escola. Ia ao bar para ir buscar comida e depois ia-me embora. Ahh. A minha mãe sabia que eu faltava de vez em quando. Só que ela já sabia

que... pronto, eram as vezes que eu ficava em casa... Mas era mesmo pouco. Ela achava que... Eu realmente, eu mentia-lhe! Eu não queria ir. Mas não, ninguém nos mandava. Não... acho que não havia... Nunca vi o porteiro... Naquela escola. Aquilo entrava lá toda a gente.

MIAA - Achas que tinha feito diferença?

E1 - O quê?

MIAA - A tua mãe aperceber-se mais cedo que estavas a faltar tanto. Ou haver mais controle da parte da escola, ou achas que...

E1 - Acho que isso ajuda porque... O controle. Porque assusta um bocado, porque menores e a CPCJ e tal. Mas isso não ajuda a... ajuda e não ajuda, porque quem quer faltar por faltar, continua a faltar. Ahh. E o facto de a minha mãe ter percebido mais cedo ou não, acho que... ia dar ao mesmo, porque eu realmente, eu não queria estar. Tanto que me avisaram várias vezes. Havia professores que eram... Que já tinham sido meus professores, antes, quando eu era mais nova e tentaram-me ajudar, mas... Eu odiava estar ali. Tanto que eu chegava à sala e depois eu ficava na mesinha, tipo, do canto, sozinha. Eles ficavam lá todos e também obviamente eu acabava sempre por afastar-me porque quanto menos eu ia às aulas, mais eu afastava-me, deles. Mas mesmo logo no início do ano, *acena negativamente*, não sei, não gostei, nunca gostei de estar lá. Sentia-me à parte.

MIAA - E aqui gostas?

E1 - Gosto! *Pausa longa*. Porque... lá eram todos betos, mas eu não sei explicar. É um... Os únicos problemas da vida que eles tinham era uma nota, de um teste que tinha sido má. Eles viam alguém com uma roupa tipo, diferente já era um problema. Embora aquela escola seja considerada... Aquela escola é considerada de *skaters* e coisas assim do género. Mas... Mesmo assim dá, dá isso e aqui é diferente. Eu aqui usava pijama e ninguém me disse nada. *Ri*. E ninguém me disse nada! Portanto... Eu gosto bués de andar aqui.

MIAA - Porque podes andar em pijama, sem ninguém te dizer nada?

E1 - Sim. *Ri*. Também. Porque posso ser quem eu sou e sem fingir que eu estou bem... Porque às vezes só me apetece meter um lenço na cabeça e 'tá bom. Não me apetece arranjar o cabelo. E na outra escola não, tenho de arranjar o cabelo porque vou para aquela escola. Acho que é isso. A diferença das escolas.

MIAA - Não me lembro de te ver de pijama.

E1 - Eu fui com umas calças cor-de-rosa aos quadrados. *Riem*.

MIAA - Tu conhecias o programa do curso antes de te inscreveres? Ou seja, quando eles te deram o panfleto, tu lêste, viste as disciplinas?

E1 - Mais ou menos. Eu sabia que... era teatro, e vim. Eu não... A única coisa que eu sabia é que não ia ter matemática. Foi a única coisa que eu sabia. Eu não sabia que ia ter... Ah, sabia que ia ter também disciplinas práticas. Sabia que ia ter... Interpretação e Movimento não sabia da Voz. Ahh. Mas sim, vim e decidi só vir. Embora sabia que Movimento, assim que me disseram Movimento. Ahiii tenho que dançar! Comecei logo a... O meu cérebro não funcionou! Mas e depois... É. Eu gostei. Foram anos duros. Mas eu gostei!

MIAA - Tens interesse em ir para o ensino superior?

E1 - Sim. Hã, estou a pensar ir para (idade)... Em Teatro. Ahh. Só se eu não entrar em teatro, ir para línguas, Ciências da Comunicação. Mas...

MIAA - Sem ser Teatro, o quê?

E1 - Sem ser Teatro estava a pensar em ir para Ciências da Comunicação. Mas é a única universidade que eu já vi e eu sei que tenho de ter mais opções, portanto ainda tenho de ver... Mas se não for Teatro é Ciências da Comunicação.

MIAA - Vir para a escola, achas que foi uma decisão por impulso ou foi pensada?

E1 - Vir para esta escola?

MIAA - Esta escola. Para este curso.

E1 - *Pausa*. Foi pensada. Porque... pensei ou procurei em todas as escolas (~~nomes das escolas~~) antes de mudar para cá e 'tive a ver outros cursos. Não havia nenhum que eu gostasse tanto como este. Ahh. Eu ainda pensei ir para farmácia na (~~escola~~) que era o curso que me interessava. Hã... só que, também não gostava, porque e depois ia ter Química e essas coisas. Ah... Eu pensei, porque eu vi todas as disciplinas que cada curso tinha. Ahh... Até que... Mas só aqueles! Porque este aqui a única coisa que eu sabia é que ia ter só Interpretação, Movimento e que não ia ter Matemática. Matemática... era como... era uma das coisas era matemática. Era só o que eu pensava. E... A parte do teatro que era algo que eu queria experimentar de novo. Foi pensado, de certa forma.

MIAA - Até agora quais foram os fatores que mais te motivaram no percurso escolar?

E1 - *Pausa*. No meu percurso escolar? Acho que... acho que é só um. É quando eu, mesmo que não goste de um trabalho quando eu acabo por fazer e alguém... me diz que está bom.

MIAA - Isso motiva-te?

E1 - Sim. Acho que é... O maior fator. Porque, depois embora temos o apoio de outras pessoas. Algumas. *Ri*. Mas... O que motiva é quando muitas vezes eu nem gosto de um trabalho ou, é eu estou a gostar do que estou a fazer e depois estão-me a dizer que está bom e para eu tentar e continuar... Isso motiva. Porque há muitos cursos que não fazem. É, tu dás aquilo... “Olho por olho, dente por dente”. Embora aqui também seja um bocado, mas... acho que nos motivamos muito aqui dentro. Portanto...

MIAA - Quando tu dizes “nos ajudam” e “nos motivamos muito”, quem é que são os “nos”?

E1 - Ah! *Enquanto fala, faz um círculo com as mãos a fechar*. Falo tanto de colegas, uns com os outros, como os professores. Acho que... principalmente os professores das disciplinas práticas. Apoiam-nos. E ouvem-nos e aguentam-nos e motivam-nos para tudo. Eu acho que há um bom círculo de autoajuda, aqui. E de motivação principalmente. Pelo menos a mim motiva-me.

MIAA - Com a tua turma, também?

E1 - Sim, um todo. Eu falo num todo porque a turma motiva-me. Porque acreditamos muito no trabalho. Porque às vezes estamos a fazer alguma prova e... “Ai eu não consigo!” e estamos a ouvir as outras pessoas a dizer “Não, mas tu consegues sim, vá tenta, tu consegues, vai, a gente ajuda-te, tu consegues!”. E é sempre um “tu consegues” que nós ouvimos. E isso motiva-nos.

MIAA - E em relação aos colegas das outras turmas? Eles também contribuem para essa motivação?

E1 - Acho que sim. Ahhh eu sei que hoje em dia eu sou muito mais próxima de colegas do 11º que eu não era. E obviamente eu oiço agora mais comentários deles para comigo do que ouvia antes. Porque eu acho que também há um bocado a barreira do “se calhar não vou dizer nada”, porque não sabia se “hi, não sei”, mas eu genuinamente quando gosto de alguma coisa, eu gosto de dizer. Porque sei o quão bom é sentirmos quando alguém nos diz que o nosso trabalho foi bom à frente de um público. Obviamente sem denegrir o trabalho dos outros, mas realçar o trabalho de alguém é sempre bom p’á pessoa, porque nós gostamos de ouvir sempre no meio de um grupo que o nosso trabalho é bom. Portanto sim, acho que os nossos colegas de outras turmas, por pouco que digam... Mas o que dizem também nos motiva.

MIAA - E o que é que mais te desmotivou?

E1 - *Pausa.* É a competição pelas notas. Ahhh. Acho que... é uma vivência que... Tipo... É só notas em vez de estarem a viver aquilo que realmente se calhar importa. Que é o trabalho e a evolução e nãñã... é só a nota. Eu só quero a nota! E... é uma comparação, às vezes. E eu própria digo porque, eu não o fazia e hoje em dia faço. Porque como já compararam tantas vezes as minhas notas com as dos outros.... Que... Eu tenho de comparar as minhas hoje em dia para... Quando eu acho injusta a minha nota eu tenho de comparar, porque só assim é que os professores, já mudaram várias vezes as notas é comparando-as. Mas, é uma competição. Temos uma expectativa de uma nota e quando não a temos é... Acho que há muita gente que tem de ter à força e depois não gosta e acaba por dizer coisas e sentir coisas que se calhar não dizia porque... As notas não são tudo. Porque às vezes não é por eu ter tido um 18 que fiz realmente um bom trabalho. Se calhar foi porque outra pessoa fez o trabalho por mim e eu aproveitei-me do facto da pessoa ter feito. É! Mas é que é mesmo assim. Eu acho que a competição por notas... Eu vejo nesta turma. Não sei como é que é. Mas nesta turma, o que me desmotiva é isso. Porque às vezes eu sei que a minha evolução não vai contar. Porque eu sei que elas já são boas. Ahhh, O resto da turma já é bom. Eles já têm uma nota que é dada pré-fixa. Porque já estão a ocupar aqueles requisitos que é necessário na avaliação. E eu sei que muitas das vezes eu não consigo atingi-la. Mas pronto! Isso é coisas... Que eu 'tou chateada aqui da escola.

MIAA - Porque sentes que há notas que já estão pré-definidas antes de começar o processo?

E1 - Não. O que eu acho é que, por exemplo, certas avaliações, por exemplo.... Uma avaliação de Movimento. Não estou a dizer que você o faz, mas é mais fácil agora para... De Interpretação, vá! Uma nota de Interpretação. Obviamente que na avaliação há aqueles requisitos que é a dicção, articulação, projeção, postura de palco e há, obviamente pessoas que, querendo ou não, já têm boa dicção, então pronto! Já têm uma boa nota. Porque à partida não vão descer, o nível. É a mesma coisa que imagine que... Eu sou muito boa em projeção, obviamente que esperam de mim sempre mais. Então o que eu acho é que esta escola não conta pela evolução e pelo trabalho que as pessoas têm e sim vai muito pelo que as pessoas são. E... São, isto é, o que elas já sabem. De anos anteriores, ou viveram já com aquilo, ou estudam aquilo por fora. Acho que vão muito mais pelo que as pessoas fazem do que pelo trabalho e pela evolução que tiveram. É isso que me desmotiva só. *Pausa longa.* E a direção, mas...

MIAA - E o quê?

E1 - E a direção mas, isso não faz mal.

MIAA - E a direção?

E1 - Sim.

MIAA - A direção?

E1 - A Direção da escola. Acho que apoia muito mais o curso de Clássico do que propriamente o de Teatro. Mas... isso é, já é a minha visão.

MIAA - Porque é que sentes isso?

E1 - Porque em várias ocasiões, por exemplo, agora com o 11º eles precisavam dos bilhetes. A Direção, disse que não conseguia comprar, não tinha tempo para comprar. Não estava-se a disponibilizar para o fazer quando é a Direção que tem de fazer quando é uma compra de 700€ em bilhetes, por exemplo. E outras mais coisas.

MIAA - Estás a falar dos bilhetes para irem a Lisboa ao PANOS?

E1 - Sim. Acho que, do meu ponto de vista. Por exemplo, nessa altura acho que ninguém acreditava que o PANOS... Que eles iam para a frente com o PANOS. Ahh. E então não se deram ao trabalho de pensar já nas coisas. Ahh. Quando é coisas para Clássico, já está tudo pensado e há autocarro e por exemplo quando nós passeámos, para ver espetáculos. Muitos deles, a maioria deles, acho que todos! Fomos de (~~rede de autocarros~~) ao espetáculo do (~~sala de espetáculo~~) ou outras coisas. Acho que a única coisa que conseguimos agora autocarro foi para (~~local~~). Mas os de Clássico têm sempre ahh, autocarro. Por exemplo houve, nós tivemos um espetáculo... ali em (~~local~~) com o professor (~~nome~~). Não sei onde é que aquilo era mesmo... acho que é uma biblioteca. Mas, não havia autocarro para nós, tivemos de ir de (~~rede de autocarros~~). Enquanto que para o Clássico há sempre autocarro. Eu percebo que existe, os instrumentos e isso tudo, mas... somos todos alunos da mesma escola. Os projetos são todos da escola, portanto.

MIAA - Sentes uma diferenciação de tratamento, é isso?

E1 - Sim. *Pausa*. Não sei se é... De propósito, ou se é mesmo sem querer, mas nós sentimos. Eu sinto. Que há uma diferença.

MIAA - Ok... Antes de escolheres este curso para ti, o trabalho de ator era um trabalho individual ou coletivo?

E1 - Individual. Era daquela que... era um trabalho que eu já tinha que saber fazer! Davam-me uma personagem e tenho de já saber fazer. E... então eu é que estudava isso. Só a própria pessoa é que, achava que tinha importância naquele ato da personagem. São várias. E é a pesquisa e é... perguntar... precisamos sempre de perguntar e

precisamos sempre de alguém. Vamos sempre precisar de alguém. Portanto, hoje em dia eu acho que o trabalho de ator é coletivo. Para qualquer coisa.

MIAA - E isso é fator de motivação, desmotivação ou é indiferente?

E1 - É indiferente tipo... é mais indiferença, mas, se calhar não motiva. Porque... Eu pelo menos quando eu às vezes 'tô a fazer coisas sozinha fico... "Ai!" *Pendura os braços e a cabeça.*

MIAA - Ficas quê?

E1 - Fico tipo "Ai que seca!" *Repete o movimento de pendurar os braços e a cabeça e ri.* Agora quando, estou com alguém é tipo, vá 'bora fazer. Então temos ideias e as ideias são juntas. Mas claro, quando os projetos, 'tava a falar agora do *Palco Aberto*, quando o projeto é meu ahhh, com as minhas ideias, obviamente eu gosto, mas eu só conseguia fazer o projeto por causa de alguém. Porque 'tão três pessoas na PAP a fazê-lo, senão eu não conseguia. Acho que precisamos sempre de alguém, nem que seja o técnico das luzes. É coletivo o trabalho...

MIAA - Queres dizer mais alguma coisa? Que achas que não tenhas dito e que é importante dizer?

Pausa. Não, acho que 'tá tudo. Acho que já disse tudo. *Sorri e acena para a câmara.*

MIAA - Então obrigada!

E1 - De nada!

Riem

Fim de transcrição.

Entrevista a E2

Dia 13 de Maio de 2022

MIAA - Continuando a leitura... obrigada pela disponibilidade em participar!

E2 - Obrigado eu.

MIAA - Então, para conhecer a vossa perspetiva sobre as suas experiências formativas, eu gostava de saber... Desde que entraste neste curso, já participaste em vários projetos de formação. Sejam eles de FCT, Movimento, Voz, Interpretação... Gostava de saber qual foi o projeto em que gostaste mais de participar e porquê?

E2 - Gostei de participar muito no *Amor de Anjo* porque foi a primeira peça em que eu fiz uma personagem da qual, ele não está muito semelhante ao que eu sou na realidade. E consegui explorar mais, essa personagem. Fiz uma personagem homofóbica ahh, o que é o oposto do que eu sou na realidade e então foi... Um trabalho... Eu vi que foi um trabalho muito árduo! Muito cansativo! Mas que chegou lá! E que pelo menos estive lá um pouco. Que eu mostrei um pouco do trabalho que consegui, mostrei tudo, neste caso! Mas, o trabalho que eu tive notou-se nesta peça. Ahh. Que estava muito elaborado e muito bem feito. Ahhh. Para o que estava antes. Depois, uma peça que eu também possa ter gostado de ter participado, mas, não foi tanto como o *Amor de Anjo* foi o *Cabeças no Ar* isto porque foi uma peça com mais didática digamos assim, mais movimentada, sem pegar tanto num assunto muito sério. E gostei muito de também participar no *Cabeças no Ar*.

MIAA - Achas que o facto de teres gostado também teve a ver com a participação de alunos de outras turmas nesses dois projetos ou não?

E2 - Acho que também ajudou muito. O facto de ter aparecido, pronto, o *Amor de Anjo* foi com o 12º da altura, e foi... foi fixe. Foi bom. Ahh. Já no segundo houve alguns pequenos problemas, mas que depois se resolveu no *Cabeças no Ar*. Mas depois aquilo tudo meio que entrou e ficou como deve ser. Ficou tudo *pink periodt*.

MIAA - E qual foi o projeto em que tu menos gostaste de participar e porquê.

E2 - O projeto que eu menos... menos gostei de participar... Ora, a vida é um curso 'stora. Alguns *Palcos Abertos* digamos. Faz parte de um projeto. Não gostei. Achei que a nossa turma, tanto eu também, individualmente, não dei o máximo, nem sequer quase o mínimo. Para um *Palco Aberto*. Que é mostrarmos o que é que nós fazemos nas aulas e chegamos lá e não está uma coisa bem formulada, bem... bem feita. O projeto também que eu menos gostei foram algumas... uma peça que nós fizemos sobre a *Farsa de Inês Pereira*. Que foi em conjunto com português. Não gostei. Não gostei e porque não gostei? Porque eu acho que podíamos ter explorado um pouco mais e ficou... muito... Ou seja, muito curta e muito pouco explorada. Podia ter acontecido mais coisas. Ahh. As peças podiam todas ser, ter um brilho maior, se também houvesse condições para tal.

MIAA - Condições?

E2 - Condições de palco de som, condições de luz...

MIAA - Condições técnicas?

E2 - Condições técnicas, exato, condições técnicas.

MIAA - Qual é que foi o projeto em que consideras que tiveste melhor desempenho? Onde tiveste mesmo...?

E2 - *Amor de Anjo*. Eu tive um desempenho que eu digo! Que trabalhei para aquilo e sei para o qual eu trabalhei. Também gostei dos *Biodegradáveis*. Ahh. Esqueci-me de ter dito. *Faz um gesto para trás, a referir-se à peça que mais gostou*. Foi uma peça que eu gostei muito e que foi de comédia. Gostei muito. Aí também houve trabalho. Notou-se um trabalho de grupo inteiro. Houve algumas falhas como há em qualquer peça, mas... conseguimos dar a volta. Foi aí que eu também, nos *Biodegradáveis*, que eu vi também um pouco o meu desempenho na, *gesticula*, na improvi...

MIAA - Improvisação?

E2 - Improvisação. Porque, sei que era uma colega minha, pronto a (~~nome~~) enganou-se e estávamos... Assim, o que é que vamos fazer agora? E eu pronto pensei, ok! Vou usar o que eu gosto de fazer e o que mais... acho que... seja mais fácil para mim. E então usei a improvisação. E vi ok! Isto deu certo, então posso usar isto em outras peças. Com concentração.

MIAA - E o que é que consideras mais importante... qual é o projeto que consideras mais importante para a tua aprendizagem e porquê?

E2 - O projeto mais...

MIAA - Em que projeto é que aprendeste mais?

E2 - Aprendi também no *Cabeças no Ar*, técnicas de voz. E... Ahhh. Como aquilo tinha vários... Locais em que nós tínhamos de nos deslocar e pôr, então aí também aprendi um pouco nessa parte técnica. *Amor de Anjo*, volto a referir aquela peça que eu mais gostei mesmo. Foi uma peça linda, linda! E... aprendi a tirar um pouco daquele (~~diz o seu nome~~) que às vezes aparecia, de vez em quando aparece em algumas peças, aqueles gestos e isso. Porém afirmo e acredito que mesmo no *Amor de Anjo* ainda estava lá um pouco, mas, já se via uma imagem de ok! Já não se vê aqui totalmente o (~~diz o seu nome~~). Já se vê outra personagem. Por isso eu acho que nessa peça aprendi muito. Ahhh, também, pronto, o *Cabeças no Ar* como eu já referi aqui.

MIAA - São essas?

E2 - São essas. Estas aqui são as principais. Pronto e os *Biodegradáveis* também é muito bom, no entanto... Estas aqui para mim...

MIAA - Achas que há uma relação direta entre gostar de um projeto e ter um bom desempenho?

E2 - Sim, eu acho que para ter um bom desempenho em algum projeto eu preciso de gostar. Isto, na minha perspetiva. Obviamente que... Se formos... ok, dão-me um projeto. Eu não gosto! Não gosto de todo ou não tomei atenção ao que não gosto. Eu não gosto daquele projeto. Mas eu posso encontrar uma forma, ou uma solução para tentar gostar de algo, para ter um pouco de ânimo e de motivação. Se eu, realmente não gostar de todo, vai ser um pouco difícil. Ok. Mas... Depois aqui pronto, vem a pergunta, ah! Mas nem todos os trabalhos que vais ter na tua vida vais gostar. Por isso, é isso! É aprendermos a encontrarmos dentro dessa peça uma solução, que consigamos encontrar, para que consigamos ter motivação. Para... gerar o projeto. E termos algum gosto.

MIAA - O que é para ti um bom projeto de formação?

E2 - Ok! Um bom projeto de formação para mim, é aquele projeto com o qual eu tenho uma equipa e temos uma equipa, em que trabalha bem. Como deve ser. Todos os pormenores. Detalhes. Tudo bem pensado e pensar no público também. Pensar em nós. Pensar o que é que pode ser feito, o que é que fica visualmente bem feito. Haver claramente trabalho, condições técnicas, ou seja, termos a disponibilidade de eu ter luzes e condições de palco e condições de som que vai facilitar muito o trabalho e vai até gerar uma motivação. Porque nós já temos, então, a parte técnica boa, então já não precisamos de nos preocupar com a parte técnica. Porque está tudo bem. Precisamos de nos preocupar agora é connosco, no sentido... ok. Vamo-nos por aqui e aqui. Acho que um projeto de formação como deve ser é aquele projeto que deixa o público de boca aberta. Ou a chorar ou a rir demasiado. Não é aquele público de aplaudir só por simpatia.

MIAA - Agora mudando um bocadinho de tema... para perceber quais foram os fatores que influenciaram a tua escolha, está bem? Gostava de perceber... Porque é que escolheste este curso?

E2 - Escolhi este curso porque desde pequeno. Desde que me lembro que existo como (~~diz o seu nome~~). Ahh. Eu brincava em casa, eu acho que foi a úni... Pronto, o meu irmão é mais velho e não me trouxe um pouco de arte ou de teatro. Na minha casa não havia um pouco dessa educação. E meio que eu, sem saber, inocentemente já brincava e já interpretava desde pequeno. Depois quando a minha irmã (~~nome~~), nasceu. Tem quatro anos de diferença. Então comecei a brincar com ela e começamos a... Nós vestimos roupas, da minha mãe e do meu pai e brincávamos e interpretávamos. Depois ao longo da... Pronto, da minha infância eu nunca deixei o teatro de lado. Sempre

brinquei, sempre interpretei, sempre imaginei histórias e... E como fazê-las. E como deixar mais bonito. Depois ao longo do tempo, ahh, pronto. Com a escola e isso, fui perdendo um pouco do foco, deixei um pouco desse mundo para trás e... Quando eu soube que havia um curso profissional de teatro aqui eu fiquei ok. Ok! Vou tentar. Vou para o que eu gosto e sempre gostei. Vim para cá. Foi o que me motivou foi o facto de eu ter, pronto! Eu não sabia, eu não fazia ideia que aqui havia teatro. Não tinha esse conhecimento e... Depois quando eu adquiri esse conhecimento eu fiquei logo... sim! Vou mesmo. Vou porque é o meu sonho. Ahh. Depois pronto, como vi aquelas aulas com a minha mãe, na altura, quando era mais pequeno. Eu... ficava sempre “Mas eu quero estar ali! Quero estar ali”. Quando também vi algumas peças de teatro ou musicais mesmo, ficava assim... “Não! Isto é o meu mundo! Isto é o que eu gosto!” De representar de... *Acena afirmativamente*. Então, acho que o fator que me fez sempre gostar de teatro foi, acho que desde bebé, desde a barriga da minha mãe.

MIAA - Ri.

E2 - Aposto! Porque eu desde que me lembro, sempre fiz algo. Sempre! Nunca tive uma educação, nunca tive uma educação em casa em que a minha mãe dissesse “Ah! Sabes que existe teatro”, ou “sabes que existe representação”, foi... Espontâneo. Foi... Sempre fiz isso! Até com tacão alto da minha mãe eu andei! Só para ver.

MIAA - Ri. E como é que a tua família e amigos reagiram quando souberam que vinhas para teatro?

E2 - A minha família sempre reagiu muito bem com isso. A minha família nunca foi contra. Até acharam muito engraçado e... Sempre nos deixaram muito livres na nossa criatividade. Ahh. Tanto amigos, nunca tive queixa de dizerem que “Ai! Isso não serve”, para futuro, etc. esses comentários ouvia sempre de outras pessoas, nunca foi referenciado a mim numa pessoa direta a dizer “Ai! Isso não vai servir para o teu futuro”. Nunca ouvi. Mesmo que ouvisse eu ia continuar firme. Porque nós temos de ser livres e teatro não é “falta de trabalho”. Portugal é que não permite que haja mais teatro.

MIAA - Conhecias alguém que estivesse no curso, ou...

E2 - Não, não conhecia ninguém que estava no curso. Eu só soube do curso porque ahh. A minha amiga (~~nome~~). Ahhh. Ela... pronto. Como eu estava a trabalhar na (~~nome~~), ela dirigiu-me e disse vou para o teatro na (~~escola~~) e eu fiquei ali, *gestos com as mãos à volta da cabeça*. E foi ali que eu fiz ok! Vou.

MIAA - Porque tu estavas noutra curso ou...

E2 - Eu estava... Como eu tinha bem muito o conhecimento. Eu estava ahhh. A ir p'á um curso de animação sociocultural. Porque tinha também teatro e ia para esse curso, ou seja nessa altura estava no verão, ou seja, tinha acabado de sair do 9º ano para ir para o 10º. Então pronto! Foi aí que eu tive conhecimento de que aqui a (~~escola~~) também possuía um curso de teatro.

MIAA - Conhecias o programa de curso antes de te inscreveres, ou não?

E2 - Só sabia que era de teatro e... Que era representação, intérprete, por isso... Não, não conhecia mesmo nada. Conheci na entrevista com o professor (~~nome~~).

MIAA - Tens interesse em ingressar no ensino superior?

E2 - Não. Não tenho interesse em ir pra o superior, pra a Universidade, por vários fatores. Um deles que não é propriamente uma desculpa, mas é um pouco da realidade. É o facto de não ter estabilidade financeira para continuar lá. Ahh. O segundo é eu acho que... *Pausa*. Por tudo isto que passei na (~~escola~~), prefiro dar uma pausa. Ter estabilidade financeira e depois ingressar para (~~cidade~~) e aí sim, poder entrar em companhias de teatro, em agências que possam gostar de mim e entrar na televisão. Aproveitar todas as oportunidades como aproveitei a da Plural da TVI, para encarregar-me sempre que consiga ir para a televisão ou mesmo para teatro, teatro. Que é o que eu quero. Teatro de palco.

MIAA - Quando dizes por tudo o que passaste na (~~escola~~) é o curso, a aprendizagem?

E2 - Sim, o curso todo.

MIAA - Vir para este curso, para esta escola achas que foi uma decisão de impulso ou foi uma decisão pensada?

E2 - Na altura eu sempre pensei... *Gesticula*. Ou seja, explicando isto de uma forma mais... detalhada para perceberem. Eu sempre pensei ir para um curso de teatro. Depois houve aquele momento em que, agora, vou trabalhar. E a cabeça, pronto! Vou trabalhar. Depois, a (~~nome~~) deu-me a informação que havia o curso aqui e que ia para o curso de teatro e eu, ok! Vou. Ou seja, foi de impulso, porque sempre desejei ser ator. Por isso foi de impulso, é aquilo e pronto! Por isso eu acho que foi de impulso, mas, sempre, toda a vida eu estive sempre a pensar em teatro. E é isso! *Faz a pontuação com o corpo todo. Muito teatral!*

MIAA - Ri.

E2 - Oh 'stora!

Riem.

MIAA - Olha, até agora, quais foram os fatores que mais te motivaram, durante o percurso?

E2 - Que mais me motivaram?

MIAA - Motivaram, sim.

E2 - Ora a motivação, às vezes é só em alguns exercícios, em que... fomos fazendo. Para desbloquear um pouco do *stress* e da pressão. Ahh. Depois também a peça *Amor de Anjo* motivou-me ali um bom bocado. Ahh *Cabeças no Ar* gostei, não foi tanto como *Amor de Anjo*, mas gostei, também motivou-me um pouco. Mas... Se quer que lhe seja sincero a motivação pela qual eu continuo aqui. É porque quero acabar o 12º ano para ter o 12º ano acabado e finalizado e... Porque eu realmente quero ser ator. Porque se eu não quisesse mesmo ser, de todo. Se eu estivesse num curso de ciências naturais e estivesse mesmo p'a acabar, eu desistia da escola. Eu aqui continuo, porque sei que quero acabar isto, para pelo menos, poder com mais facilidade continuar nas companhias ou agências. Para ter o 12º ano e para dar alguma experiência. Como também tenho alguma experiência de... Ator.

MIAA - E o que é que mais te desmotivou? Quais foram os fatores que mais te desmotivaram?

E2 - Bom isso é de tirar a lista... *Acompanha com um gesto longo com os braços e ri.*

MIAA - Tira a lista, é isso mesmo!

Riem

E2 - Ora... *Sério.* Os que desmotivaram. A escola em geral! Isto a escola é a Direção. A falta de compreensão. A falta de senso comum de certas pessoas que trabalham nesta escola. Ahh. O facto de não nos deixarem ser livres.

MIAA - Ainda a falar da Direção ou de outras pessoas?

E2 - Estou a falar na Direção. Estou a falar, estou a dirigir-me para a Direção, como dirigem a escola. Como é a escola feita. Não estou a culpar os professores por isso. Os professores estão aqui para fazerem o trabalho deles. Se alguns métodos dos professores não são bons. É um facto! Alguns métodos não são bons, ahh... Mas isso não se enquadra ahh, tecnicamente nas disciplinas técnicas. Acho que também o que desmotivou muito e eu vejo, foi a vinda da professora (~~nome~~), que foi um conjunto com dois professores e... São cada um com a sua opinião e em vez de haver uma organização para formar os alunos existe discussões entre os professores. Existe uma falta de compreensão entre os dois e nós aqui precisamos de... Que os nossos pilares se façam entender o que é que é preciso. Ahh. Acho que essa confusão vinda dos pilares vai

desmorrar tudo, vai deixar os alunos sem saber o que fazer. Vai deixar os alunos assim um pouco... A balançar. Acho que o que desmotivou também, é o facto de não haver uma compreensão que pessoas de teatro e que estão nas artes têm direito sim, a entrar nos camarins, a terem mais contacto com o palco. A terem mais contacto e exercícios no palco. Porque nós estamos a treinar para isso. Acho que... falhou muita coisa aqui e acho que esta escola é de artes... Por título, porque por condições e por gosto não é! Porque se fosse por gosto, nós tínhamos muita coisa e acho que se fosse mesmo por gosto, não estaria a ter esta conversa. O que desmotivou também e que também é um facto foram problemas pessoais que foram acontecendo e que foram-se misturando e que foi cada vez ficando... *Faz um gesto com os braços para fora como se fosse uma balança.* Ou seja, nem dum lado estava bom, nem do outro estava bom. Então, isso acabou por também desmotivar-me um pouco. Claro que depois disso já não tem nada a ver com a escola. Os motivos pessoais. Mas na escola, de forma geral, isto tudo. Acho que é uma falta de respeito mesmo, eu não poder ser livre e não poder aproveitar aulas no auditório. Neste caso, no palco. Sendo que eu estou a... Treinar para ser ator.

MIAA - Então deixa-me ver se percebi. Na questão da Direção tem a ver com... A Direção ter limitado o acesso ao palco, aos camarins, o palco como sala de aula... Tem a ver com esse género de opções que a Direção tomou, certo?

E2 - Exato. *Acena afirmativamente.*

MIAA - Pronto. E não poderes ser tu, ou... Não poderes ser livre, que foi o que tu disseste...?

E2 - Ok. Eu explico então melhor. O facto de não poder ser livre é... Cada escola tem as suas regras. Eu super compreendo. Isto também é mais para o Ministério da Educação. Porque também eles estão a cumprir algumas coisas que o Ministério da Educação tem. O facto de não sermos livres é... Nesta escola é quase tudo interdito. Não podes passar pelo corredor, não podes fazer aquilo, não podes fazer aquilo, não podes fazer isto. *Hey!* Eu não estou numa prisão, estou numa escola! É diferente! Acho que isto aqui é sentido por todos os alunos da (~~escola~~), tanto de cursos secundários, sem ser profissionais. Ahh. Acho que é sentido mesmo por todos os alunos desta escola. Esta escola tem tudo para dar, para ser, uma escola espetacular. Mas é preciso também focarem-se e haver uma organização para tudo. Para um todo. Ou seja, nem tanto focada só no teatro e deixarem o resto de lado. Ou focada só nos de música e deixarem o teatro para o lado. É focarem-se em tudo. Ou seja, se os de música têm ti... Isto também falando dos de música. Até não têm muitas condições. Não têm muitas condições porque eu já vi e já ouvi certos

colegas de música, que eu tenho contacto. E não... Não há condições em que dê um pouco de motivação. E quando dizem “a motivação está em ti”. É um facto a motivação está em mim! Eu tenho de ir buscar a minha própria motivação. Mas eu não consigo ir buscar a minha própria motivação sem ter o material. *Pausa com um gesto a abrir as mãos.* Em que possa ser palpável e... Ok! Tenho luzes como deve ser. Então pronto! Tenho as luzes como deve ser, tenho as condições, eu não vou reclamar! Não tenho motivo para reclamar, se as luzes e isso... Se está tudo em condições, então ok! Sou eu! Quando as coisas também partem do outro lado, dificultam um pouco o nosso. É essa a minha opinião. Sobre o que desmotivou, tudo, no geral! Claro que o Covid. Pronto o Covid aqui também veio ajudar um bocado à desmotivação. Isto para tudo. Desmotivou muito o geral mesmo.

MIAA - Muitas restrições a nível de... “Podes andar. Por onde. Em que direção é que podes andar”, têm a ver com os planos de contingência, lembras-te disso, certo?

E2 - Eu sei que tem a ver com os planos de contingência, mas já não estamos com Covid e ainda continuam, certo? Já estamos em máscara, já estamos um pouco mais avançados, ainda bem, mas... *Silêncio.*

MIAA - As outras regras mantêm-se.

E2 - *Olha fixamente e acena afirmativamente.*

MIAA - Olha, antes de escolheres este curso, para ti, o trabalho de ator era um trabalho individual ou coletivo?

E2 - Coletivo.

MIAA - E agora, o que é que tu achas?

E2 - Coletivo e individual. *Levanta os braços para trás da cabeça.* Antes era ah! Ok! Isto é coletivo, porque era sempre com pessoal, com pessoas, etc. E é preciso sempre ter um grupo, como companhias de teatro e como via sempre os espetáculos e nas telenovelas e isso. Depois aqui vi ok! Também conseguimos individualmente. Ahh... Encontrar... Um monólogo e fazermos mesmo... escrever um monólogo. Ou seja, nós conseguimos fazer uma apresentação sozinhos, muito boa. Sem precisar de alguém. Mas eu acho que... Eu gosto muito mais também de trabalhar com a equipa. Sempre gostei de trabalhar com a equipa.

MIAA - Isso é um fator que te motiva? Trabalhar em equipa?

E2 - Sim. Trabalhar em equipa eu gosto, ahhh, muito. Também gosto de trabalhar individual, ahh, só que... Se porem em escolha. Individual ou em equipa? Em equipa.

Porque aí podemos ter mais ideias, a história pode ficar mais elaborada em vez de ficar só muito quadrada, ou se calhar é muito a minha ideia. Se calhar se fosse só para apresentar só uma coisa... Quando é. Ok! Hoje vais ter mesmo que apresentar uma coisa só tua. Ok. Tudo bem! Eu apresento uma coisa só minha. Mas, em equipa acho que o trabalho fica tipo, *pink periodt!*

MIAA - Achas que é importante dizeres mais alguma coisa? Ou, queres dizer mais alguma coisa?

E2 - O que eu quero dizer é... Eu não vou desistir do meu sonho. Por mais do que tudo o que nós tenhamos passado aqui, do que eu tenha passado aqui. Vou continuar sempre o meu sonho, ele nunca vai desistir, mesmo que... *Bate 3 vezes na madeira*. Eu não consiga. O sonho vai lá estar sempre. Ahhh. Mas o meu objetivo agora é focar-me numa estabilidade financeira e estabilidade mental, para conseguir depois pegar nele e tornar isto sólido. E como deve ser. E obrigado pela entrevista!

MIAA - Ri. Eu é que agradeço! Muito obrigada!

E2 - De nada.

Fim de transcrição.

Entrevista a E3

Dia 1 de Junho de 2022

MIAA - Desde que entraste neste curso, já participaste em vários projetos de formação, certo? De FCT, Interpretação, de Voz e de Movimento. Qual foi o projeto em que mais gostaste de participar e porquê?

E3 - Ok. Eu acho que recentemente eu gostei muito de participar no *Sem Retorno*. Porque... foi um projeto que trabalhámos em âmbito profissional e conseguimos ver como funciona na prática e sem ser em contexto de escola. Em contexto de escola, gostei de trabalhar no *Cabeças no Ar*. Porque... foi um projeto da nossa turma que estava ligada à nossa união. Ele... foi complicado o processo criativo e no fundo, no final deu tudo certo e eu acho que o que mais me deixou intrigada nesse projeto e que eu mais gostei, que de um processo criativo que não foi tão bom, é... No final deu tudo certo! Mesmo que algumas coisas não tenham dado tão certo como nós esperávamos. Mas foi... aconteceu! E ter ido ao (~~Teatro Municipal~~) e ter visto acontecer realmente foi... muito gratificante. Então esse foi um dos projetos que eu mais gostei.

MIAA - E qual é que menos gostaste de participar e porquê?

E3 - Ah... Humm Isso é difícil! *Pausa para pensar. Fala baixinho para si. Pausa.* Eu acho que quando a gente acabou a pandemia, não foi bem ter acabado. Mas o *Amor de Anjo* eu gostei muito de participar. Mas... Eu não tive um projeto que eu não gostei de participar. Gostei de todos. Mas, foi um processo mais doloroso. Pegou um pouco da pandemia... aí foi um processo que foi todo feito em casa. Eu não tive um papel muito ativo dentro do *Amor de Anjo*. Eu acho a peça incrível, mas querendo ou não, não conseguimos aproveitar. Porque é também em ensino remoto. Então isso dificultou bastante, então talvez tenha sido o *Amor de Anjo*. O que eu menos gostei.

MIAA - Em qual projeto é que achas que tiveste melhor desempenho e porquê?

E3 - *Cabeças no Ar* porque, no início eu estava com muita dificuldade em encontrar o personagem. Estava com muita dificuldade, porque é uma personagem parecida comigo. E então eu estava com muita, muita, muita dificuldade em encontrar o personagem. E então no final eu consegui e acho que foi um desafio. Então foi o que eu trabalhei melhor e eu acho que os professores também reconheceram isso, o momento em que eu trabalhei melhor. Eu também gostei de fazer muito os solos de movimento. Porque eu não estava à espera de conseguir ter criado algo e no meu processo criativo aconteceram muitos percalços e no fundo eu consegui apresentar. Então também... Talvez não tenha sido o meu melhor desempenho, mas tenha sido uma maturidade muito grande em relação à criação. Porque cinco minutos antes de entrar eu fiquei ok eu consigo fazer isso. E eu fiz. Mas foi... me mostrou que estava preparada para isso.

MIAA - E qual é que consideras que foi o mais importante para a tua aprendizagem e porquê?

E3 - *Põe o tronco para trás e sorri.* Acho que todos fazem muita parte da... Da aprendizagem. E claro que uns mais que outros. Por exemplo, no solo é que eu aprendi a trabalhar sozinha. E... Não só autonomamente, mas só de pensar... A ideia era toda minha e me preparou agora para a PAP. Eu também acho que é o projeto mais importante para mim. Quero mesmo que esteja concluído, mas é o mais importante. Mas eu acho que, em relação a crescer mais e ver por outro nível... O de FCT agora, o *Sem Retorno* porque... Se você olhar de uma forma global assim, você vê as pessoas trabalhando naquilo. E a mim, me ajudou a crescer principalmente porque, eu não estou fazendo o papel principal ali, não estava sendo protagonista, mas eu estava fazendo uma parte importante de um espetáculo. Uma peça quase que a título mundial ali também porque era uma parte importante do espetáculo. Eu vi isso, que talvez eu não precisava

de fazer o melhor papel ou ser protagonista de algo para ser importante para um espetáculo. Me deu também um pouco de humildade para saber qual é o seu papel dentro de um projeto e entender que todos os papéis são importantes. Então abriu um pouco minha mente para ok. O que é a arte? O que é um processo criativo e o que eu faço dentro do projeto artístico? Acho que é mais por aí.

MIAA - E achas que há uma relação direta entre gostar de um projecto e ter um bom desempenho?

E3 - Sim, com certeza. Eu posso dar um exemplo da minha PAP agora. Que é o trabalho que eu estou fazendo. Trabalhar na PAP está sendo muito árduo, mas eu, para fazer a minha PAP, pelo menos a parte teórica dela, eu trabalhava nisso e eu nem cansava. Ficava doze horas seguidas trabalhando naquilo e ficava dias.... Só que era uma coisa que eu gostava. Eu gosto de aprender, sobre o meu tema. E eu gosto de trabalhar naquilo, então automaticamente, por tanto trabalho que eu tive que fazer é... Se eu nunca escolhesse uma coisa que eu não gostasse... Se eu escolhesse um tema que eu não me agradasse, com certeza ia ser muito, muito mais difícil. Então eu acho que gostar de um projeto é muito importante para você conseguir ter uma boa... fazer bem o projeto. Porque, se você não gosta você não consegue. Eu por exemplo, não só daqui da escola, com os meus projetos fora da escola. Eu já fiz muitos projetos com os meus amigos e projetos com a Câmara e... Tudo o que eu faço gostando do tema e tudo o que eu faço desenvolvendo... fazendo pesquisa em desenvolvimento do tema que eu gosto. Sai muito melhor do que os projetos que eu não estava muito ali ahhh... Que eu não tava muito bem com o tema.

MIAA - O que é para ti um bom projeto de formação?

E3 - Ahhh só na parte de organização do projeto ou... Como assim?

MIAA - Quando tu sentes que é um bom projeto para a tua formação.

E3 - Para a minha formação? Ah ok. Eu... Quando eu consigo aprender algo. E... aquilo está organizado de forma a que exista uma troca entre as pessoas. Eu acho que você consegue ouvir e você consegue falar ao mesmo tempo e dentro do mesmo projeto então você aprende e você ensina para essas pessoas. Você tem uma participação ativa, dentro do projeto, então... Não que você tenha de se sentir importante. Mas eu acho que... Eu aprendo com um projeto. Eu acho que um projeto é bem desenvolvido quando eu consigo levar algo meu e me sentir peça daquilo. Eu me sinto inclusa dentro daquilo e eu consigo também e pegar muito do que as pessoas me dão naquele projeto. E claro que o próprio projeto tem os ensinamentos. Tem bem... A parte teórica bem explicada e

tem bons oradores, para ensinar e não só tratando de oradores. Nem sempre os projetos, principalmente artísticos vão depender de oradores. Mas quando ok. Tem um espetáculo e eu consigo ver aquilo ali dando certo e eu consigo ver o desempenho das pessoas. Eu consigo ver a responsabilidade. Então... Um bom projeto para mim é isso. Eu consigo... Eu posso falar... resumindo é: Uma boa participação dentro do projeto. Uma contribuição. Um bom projeto é o que tem uma boa contribuição para mim e para as pessoas que estão participando no projeto.

MIAA - E agora para conhecer as tuas ideias sobre os fatores que influenciaram a escolha do percurso escolar. Porque escolheste este curso?

E3 - Bom eu sempre fui ligada à arte. Eu não consigo imaginar a minha vida sem arte. Eu não consigo imaginar outro caminho para seguir e de qualquer forma isso sempre vai estar na minha vida. E eu sei disso desde que eu era pequena. Eu tinha seis anos de idade e eu entrei para o *ballet*. Por influência da escola e por influência dos meus pais que sempre me apoiaram, com certeza isso foi um fator super importante porque se eu não tivesse tido apoio eu não entraria neste curso. E a partir do dia que eu comecei a conhecer a arte eu nunca mais parei. Então... Eu não podia fazer nada mais que não fosse isso. É... E o teatro foi... Eu acho que é a forma mais... Genuína que eu consigo expressar o que eu sinto e que eu consigo expressar a minha arte. Porque... Eu mesma... Eu podia escolher por exemplo, fazer um curso de música, mas eu acho que, eu não conseguiria... A minha forma de expressão não conseguiria ser tão expressa como consigo no teatro, então foi essa... Por isso a minha escolha. Mas escolher a arte em geral, sempre havia de ser a minha escolha. Sempre. Não tinha outra opção, era isso e pronto! Vai sempre uma escolha e é a minha escolha desde que eu nasci. *Ri*

MIAA - E conhecias alguém que estivesse a frequentar o curso ou acompanhaste de alguma forma os alunos do curso? Se viste algum espetáculos...

E3 - Não. Primeiramente pelo fato de ter chegado do (país). Então... Eu cheguei à procura de escolas. Então eu não conhecia ninguém. Então. Eu sabia que tinha uma escola aqui em (cidade) que tinha um curso de teatro. Tinha o curso de teatro, que era uma escola artística. E pronto, a partir daí eu vim, vi o folhetinho e falei ok. É isso que eu quero, e fui. Mas eu não tinha muito contato. O único contato que eu tinha com o teatro era no (país). Era o contato que eu tinha com o teatro enquanto eu fazia aula de *ballet*, eles faziam teatro na sala ao lado e de vez em quando eles invadiam a sala de *ballet*. E eu ficava... Uau, isso é incrível! Então... Quem não teve esse contacto... Eu tive contato com teatro. Eu tive contato com esse tipo de arte, o que me influenciou.

Porque também se eu não tivesse esse contato, eu, ok. Teatro. ‘Tá bom, mas eu não sei, não conheço muito então não vou entrar. Então esse contacto me influenciou. Foi essa influência. Não tão aqui em Portugal, mas sim no (país).

MIAA - Não conhecias ninguém que estivesse a acompanhar, a frequentar o curso ou os alunos. Não conheceste mesmo nada, nada?

E3 - Antes de entrar, não.

MIAA - Consultaste o programa de curso quando te inscreveste ou não?

E3 - Consultei. A história é meio engraçada. Porque é assim. Eu tinha o panfletinho da escola e tinha lá os cursos. Tinha um curso de Contemporâneo que eles não tinham autorizado no folheto ainda. Então tinha um curso de Contemporâneo. Tinha curso de Jazz. Tinha um curso de Cordas e Teclas e tinha um curso de Teatro. Eu no (país). tocava violino então foi ok. Deixa eu entrar para uma coisa que eu mais ou menos conheço e ‘tá bom. Mas eu não queria muito, por isso que eu já expliquei. Porque eu acho que é um pouco limitante para mim. Mas ok. Se tiver que ser n’ê, vou continuar com o que eu já fiz. Só que eu cheguei aqui e não tinha vaga. E eu falei... ok, ainda bem. Eu quero teatro! E aí ela falou ok. Para teatro tem vaga. E eu entrei para o teatro. Mas sempre sabendo que aquilo, talvez fosse o meu destino e que eu realmente queria fazer aquilo.

MIAA - Tens interesse em ingressar no ensino superior?

E3 - Muito.

MIAA - Dentro das áreas do teatro e...

E3 - Eu tenho muito interesse em ir para o ensino superior. Exatamente nas áreas de teatro. Não só teatro, mas em arte. Ah bom eu sempre soube que o que eu gostava de... A minha arte ela é uma arte de intervenção social. Eu... Eu não julgo nenhuma das artes. Eu acho que toda a arte é válida. Porque arte é subjetiva e é tudo válido. Mas a minha forma de arte não é uma forma de arte de entretenimento. Eu não quero fazer entretenimento para as pessoas. Eu não quero ir para a televisão, eu não quero nada disso. A única coisa que eu quero também, é mudar o mundo com a minha arte. Eu quero mudar o mundo com o que eu faço. Então, se eu não conseguir entrar na Universidade de Artes, na que eu quero, n’ê, que é (~~nome do curso~~). Se eu não conseguir entrar nessa Universidade, eu vou entrar numa Universidade ligada à Educação Social. Coisas que mudam o dia a dia das pessoas. Que eu consigo ter uma conexão com o mundo, que eu consigo ter uma conexão com a minha comunidade. Para falar sobre o racismo, falar sobre os problemas enfrentados pelos imigrantes, falar sobre

as necessidades das crianças, falar sobre as necessidades dos idosos. A melhor forma que eu ia conseguir fazer isto era em Intervenções Sociais e Artísticas que é o que eu amo. É a Arte. Então eu queria unir as duas coisas que eu gosto. Mas se eu não conseguisse entrar no ensino superior de teatro, eu com certeza entraria no ensino superior de Educação Social.

Alguém abre e fecha a porta da sala.

MIAA - A decisão de entrar no curso foi pensada, ou seja, estiveste a ver outras escolas, outro curso ou foi assim mais... É para aqui. Impulso?

E3 - Foi um pouco por impulso. Acho que tudo na minha vida é por impulso, para ser sincera. Desde o início, desde as decisões de entrar... em todas as escolas que eu entrei. As decisões de, vim para Portugal, foi completamente ok. “(~~Diz o seu nome~~), você quer vir para Portugal?” E eu: “Sim, ’tá bom, eu vou”. E foi, eu não pensei muito tempo. Eu não... Em relação a algumas coisas eu não costumo pensar muito. É para entrar neste curso foi a mesma coisa. Foi uma coisa... ok tou aqui? Vou entrar. E eu não visitei nenhuma escola. Eu cheguei. Ok. Tem uma escola artística. Vou para essa escola artística. Ou para esse ou, para esse curso. Ok. Não tem essa vaga aqui. Ok. Vou entrar para o outro. E foi tudo muito... só vou. E eu acho que então eu sou um pouco assim tipo. Vou fazer, se amanhã não der certo, troco. Eu vou pelo menos tentar fazer isso que eu vou fazer agora. É viver de momento. Às vezes isso não é tão bom isso, mas... é o jeito que eu sou! *Encolhe os ombros e sorri.* Então... é a minha expressão.

MIAA - E a tua família o que é que achou?

E3 - A minha família... Eu tenho muita sorte. Que a minha família ela... Ela sempre me apoiou, em muita coisa principalmente minha mãe. A minha mãe, ela fala ok. “Filha, estude. A única coisa que eu quero que você faça é estudar. Independente do que você for estudar. Eu quero que você estude. É a única coisa que eu quero mesmo que você faça. Agora, o que você gosta e o que você vai decidir é contigo.” Então, sempre tive apoio. Tanto da minha mãe como do meu padrasto. Da minha avó então, tive muito apoio, então... E acho que é super importante. Muitas das pessoas e eu vejo isso com muita pena. Muitos muitos adolescentes e jovens eles se sentem perdidos porque não têm o apoio da família. Então eles pensam que têm de seguir uma regra social, que a família impõe e eu acho que é nisso que eles se perdem. Eles não têm apoio. Então e ainda bem que eu tive esse apoio. Sou muito feliz por isso.

MIAA - O que é que recomendavas aos pais, no geral?

E3 - Eu recomendava uma mente mais aberta. Porque hoje em dia... Eu vejo isso tipo. Eu tenho amigadas muito próximas que sofrem com isso. Que deixaram os sonhos porque, ok. O meu pai quer que eu faça medicina ou, o meu pai quer que eu faça advocacia ou, coisas assim... E a pessoa se exclui dela própria. Ela se perde. Então acho que talvez se os pais soubessem e tivessem mente aberta sobre as coisas e saíssem da caixa porque... A coisa mais... A sociedade nos colocam em caixas e a sociedade faz com que... nos fazem trilhar um caminho que não é nosso e os pais, obviamente, mandam a gente trilhar esse caminho. Eu então, acho que eles precisam ler, estudar e conhecer coisas. Eu acho que viver é importante. E muitos pais não fazem isso, não têm mente aberta, não querem conhecer outras coisas. Muitos pais vivem naquela mesma coisa que ok. Isso é certo, isso é certo, isso é certo e você tem de seguir isso, isso e isso. É mente a... Abrir a mente e ouvir o filho. Ouvir o que ele quer e respeitar. Não. Sair dessa idealização de hierarquia de que ok. Eu mando em você. Você tem de fazer o que eu quero. Se os pais deixarem. Sentarem com os filhos, conversarem e abrirem a mente, eu tenho a certeza absoluta que eles entenderiam. Então eu acho que é isso. É escuta e mente aberta.

MIAA - Agora, para conhecer os fatores motivacionais que te influenciaram. Eu gostava de saber quais foram os fatores que mais te influenciaram neste percurso?

E3 - Ok. Então. Primeiramente eu acho que desde que eu era criança. Minha mãe, ela. Quando eu tinha sei lá, seis, cinco anos. Minha mãe, ela me deu um livro, de quebra-cabeças, de *ballet*. Vinha com um cd. E eu escutava aquele cd todo o santo dia. Então acho que o primeiro fator que me influenciou a seguir o que eu sigo hoje é a família. Acho que isso nasce muito do berço. E pronto. Eu acho que a minha família me influenciou bastante nisso. Eu acho que a minha família ela não tem artistas. A minha família ela... Nunca foi muito rica, então a gente sempre teve de trabalhar. A minha avó sempre trabalhou. O meu avô sempre trabalhou. A minha mãe sempre trabalhou, no que dava. Então não tinha aquela coisa ok. Vamos na Universidade, vamos ser artistas, vamos tocar um instrumento não. Então... A minha mãe sempre me influenciou para eu seguir esse caminho porque ela não teve essa oportunidade. Ah... Depois, meus amigos e a escola. A escola, a primeira vez que eu entrei, conscientemente, tirando pronto, quando eu entrei no conservatório, porque a minha avó me levava para o conservatório e tal... tirando essa parte da família. Na escola, eu tinha saído do conservatório e foi uma senhora, dona de uma escola de música, e foi chamar alunos e deu bolsa de estudo para

alunos, e eu fui uma dessas pessoas que ganhou essa bolsa. E eu fiquei naquela escola durante cinco anos e foi ali que eu fiquei. Uau, eu amo isso, eu quero isso para a minha vida! E eu tinha dez anos, doze anos de idade. Quando eu fiz catorze ia dar uma monitoria de *ballet* para as criancinhas de três anos. Então. É essa coisa. Alguém me puxou para ter uma oportunidade para ter uma bolsa. Então a sociedade influencia e a... Isso foi o segundo fator. A escola que tive contacto com ela, depois a senhora que foi quem me deu a oportunidade e meus amigos estavam ali, tipo. Eles respiravam a mesma coisa que eu respirava que era a arte. Então. Eu sempre tive essa influência. Então. Foi muito importante. Esse é outro fator. E hoje em dia, tipo. Os meus professores me influenciam. As coisas que eu escuto me influenciam. Hoje em dia eu faço os meus fatores. Então, eu vou a um espetáculo. É um fator que me influencia. Eu leio um livro, é um fator que me influencia. Mas eu já faço isso conscientemente. Ah... então. Então são esses fatores. O fator a família. O fator amigos e escola, educação, sociedade e o fator (~~diz o seu nome~~)! *Ri... continua a rir, mas menos.* É o fator... *Séria.* Eu que faço as minhas influências. São esses fatores muito importantes, são as influências.

MIAA - E quais os fatores que mais te desmotivaram?

E3 - *Ri. Murmura qualquer coisa ininteligível. Ri.* Bom. Acho que o primeiro fator que desmotiva qualquer ser humano é uma... é uma parte da sociedade que preza, as caixas e o dinheiro e infelizmente é assim! Porque, é muito desmotivante para a gente é, entrar por um caminho que você não sabe se vai ter certeza ou não. Porque, você não sabe se vai ter certeza se vai ganhar um ordenado ou não. Porque você não sabe se vai ter a certeza se vai ter que conseguir ter uma casa. Se vai ter um emprego com um contrato então acho que é o primeiro fator. Porque você é obrigado a, querendo ou não, a sociedade ok. Suas expectativas é: estuda; faz a faculdade; tem um emprego fixo; fica cinquenta anos nesse emprego, tem uma família e pronto! Sua vida é incrível! Agora se você sair desse... Disso. Desse ideal, você é um completo fracassado. Então, esse é o primeiro fator que desmotiva: o futuro. E as expectativas que colocam em cima. Do nosso futuro. É o primeiro fator que me desmotiva muito. Segundo fator que desmotiva é a falta de apoio. Na arte e na cultura. Nós não temos apoio. Tipo. É muito difícil você conseguir apoio para fazer um espetáculo. É muito difícil você conseguir apoio para comprar uma câmara. Ou, apoio para fazer... Um... Teatro. É muito difícil. Então, a falta de apoio é o que mais desmotiva, nesse aspeto. E... No meu caso não, não me desmotivou muito. Mas, críticas! Pessoas que falam que, a arte é para burros e pessoas que têm a ideia que artistas são preguiçosos e que isso não é trabalho de verdade. Então.

Esses fatores que mais me desmotivam. E que com certeza desmotivam outras pessoas no mundo.

MIAA - Estavas a dizer como primeiro fator as expectativas que os outros colocam em nós. Não são expectativas que tu colocas em ti própria?

E3 - Também são. Mas nós colocamos essas expectativas é... Eu coloco muito. Mas, eu sou uma máquina de criar expectativas e ficar com medo de me frustrar. Mas... da onde é que saem as nossas expectativas? Do nosso meio. Do que nós escutamos. Do que nos é passado. Então. Indiretamente, as expectativas dos outros influenciam muito as nossas expectativas. Logo, é um fator que desmotiva é as expectativas dos outros sobre nós.

MIAA - E antes de escolheres o curso, para ti, o trabalho de ator era um trabalho individual ou coletivo?

E3 - Ambos. Eu... *Pausa*. Eu acho que realmente ambos. Eu via peças em que trabalhava individualmente e via peças em que trabalhavam coletivamente. Por ter esse contacto com teatro já, com a parte das minhas aulas de *ballet* e tal... Eu sempre soube que era ambas as coisas.

MIAA - E agora, continuas com a mesma opinião, ou não?

E3 - Continuo. Ahhh. De certa forma nós trabalhamos individualmente e às vezes trabalhamos coletivamente. Eu acho que... é isso é. Até hoje eu continuo com essa opinião, são as duas coisas.

MIAA - Isso é um fator de motivação ou desmotivação?

E3 - Acho que é de motivação. Porque, você... pelo menos para mim. Eu sei que consigo trabalhar autonomamente. Consigo criar, comigo mesma. Eu consigo... O teatro dá essa liberdade. Você pode ser o que você quiser. Você pode fazer o que você quiser. E enquanto você 'tá em personagem. É o mais incrível no teatro e ao mesmo tempo eu consigo ter uma conexão com o grupo. E saber que esse grupo 'tá interligado e 'tá na mesma energia então. É um fator que me motiva.

MIAA - Há mais alguma coisa que aches que é importante dizer?

E3 - Acho que não. Acho que está tudo.

Fim de transcrição.

Entrevista a E4

Dia 21 de Junho de 2022

MIAA - Desde o início do curso, já participaste em vários projetos, de FCT, de Movimento, de Voz e de Interpretação. Gostava de saber qual foi o projeto em que mais gostaste de participar e porquê.

E4 - Eu gostei de participar em todos. Mesmo naqueles mais pequeninos. Por exemplo. Ahh. Aquele que nós fomos a... A Sagres com a professora (~~nome~~). Mas acho que... O que eu gostei mesmo, mesmo, mesmo foi o da Jenny porque tivemos uma experiência diferente ahh apesar de... ser em contexto escolar acho que tivemos uma ideia de como é trabalhar com profissionais. E os horários que os profissionais costumam trabalhar. E acho que também foi o projeto que me motivou mais. Acho que foi isso, o da Jenny.

MIAA - Qual o projeto em que gostaste menos de participar e porquê.

E4 - Ahahah. Foi o de Sagres. *Ri.*

MIAA - O que menos gostaste?

E4 - Sim. Porque... foi muito... Ahahaha... Como é que eu posso dizer? Foi talvez o projeto mais desorganizado que eu participei. Porque... Eu só soube o que eu tinha de fazer, dez minutos antes de entrar em palco. Porque eu tinha uma ideia do que é que estava a acontecer, mas... Nunca levou assim um acompanhamento... direto. Era muito cada um por si. E então acho que fo... Acho que, em geral, foi o projeto em que eu menos interesse e motivação tive.

MIAA - Qual é que consideras que foi o projeto em que tiveste melhor desempenho e porquê.

E4 - Acho que foi... No projeto da *Fábrica de Matar Baleia*, que foi a... A Lisboa, ao Teatro D. Maria. Porque... acho que... No início não correu assim... Não foi o que melhor desempenho eu tive. Porque estava também desmotivada. Ahhh... Entretanto quando nós soubemos que íamos a Lisboa. Acho que... foi o sentido de responsabilidade que fez com que eu ficasse mais motivada e que... Desse depois o melhor de mim. Porque... então, a primeira vez que nós fizemos na escola para os pais já, já correu bem. Ahhh. Foi muito melhor. O meu, a minha... sinto que dei. Comecei a dar mais de mim, nesse espetáculo e depois, no Teatro D. Maria, sinto que foi... O melhor. Eu sinto... O meu sentimento Ahhh. interno, que eu sinto, que eu senti enquanto estávamos no palco era... Ahhh.. Estava muito orgulhosa do meu trabalho e de estar ali. E acho que isso fez com que se visse no meu desempenho.

MIAA - E qual é que consideras que foi mais importante para a tua aprendizagem e porquê.

E4 - Isso é difícil. *Suspira...* Eu acho que todos tiveram um bocadinho... De uma importância para a minha aprendizagem... Mas talvez... O da Jenny ou o de Lisboa porque foram os mais... foram os trabalhos em que nós trabalhamos mais com... Os projetos em que trabalhámos mais com pessoas profissionais. E num ambiente mais profissional e não escolar. Portanto acho que esses dois foram os mais importantes.

MIAA - Na tua opinião há uma relação direta entre gostar de um projeto e ter um bom desempenho?

E4 - *Pausa.* Sim. *Pausa.* Eu acho que sim porque se nós... Ahh... Por exemplo, se eu não tiver... Se eu não gostar de uma proposta ahh que me estão a fazer, acho que não vou ter motivação e depois não vou... Por consequência não vou ter um bom desempenho. Portanto acho que sim.

MIAA - O que é, que é para ti, um bom projeto de formação?

E4 - Eu acho que é quando temos ahh contacto direto com pessoas profissionais. Que estão habituadas a trabalhar ahh no mundo do espetáculo. Ahh em diferentes áreas, pode ser encenador, técnico de luz, técnico de som. Ou até mesmo alguém que está habituado a trabalhar noutra sítio, não tão diretamente à ahh... *Pausa.* Por exemplo a Laura. Nós estivemos a trabalhar com ela. Ela, não era a encenadora principal, mas era também uma... Uma... Como é que hei-de dizer? Uma ajuda e foi também importante para nós. E depois também consequentemente o (~~bailarino do Clean Water Act~~), porque também fazia parte do meio mas não era tão profissional como ela. E acho que pa... Acho que para isso é importante termos o contacto direto com... Com as pessoas e também com o meio. Por exemplo, teatros maiores como o (~~Teatro Municipal~~). Ahh. O Teatro D. Maria que também fomos lá. E assim... Teatros maiores. *Faz um círculo abrindo os braços para cima e fechando em baixo.*

MIAA - Quando um aluno não está motivado com um projeto. O que é que tu achas que... Como é que tu achas que se pode chegar a essa motivação?

E4 -Acho que, primeiro, é preciso... Ahh. Quando eu estou desmotivada sinto que preciso de encontrar alguma coisa no texto, ou no projeto, ahh... depende também se é Movimento ou Interpretação. Mas, preciso de encontrar... Ahh... Alguma coisa naquilo que me motiva, ahh. Ou seja, tento associar alguma coisa do projeto a alguma coisa que me transmita motivação. Ahh. Acho que é um bocadinho difícil essa pergunta. *Ri.* Mas... *Pausa.* Sim, eu pelo menos, eu tento encontrar a motivação. Tento pensar... Para

que é que me vai servir aquilo. Qual será o objetivo. Ahh. Tento-me basear também... Que é uma experiência, que é mais uma e depois, ahh... Depende das vezes que nós... apresentamos ao público, mas ahh. Pelo menos... Ahh Como é que eu hei-de dizer? *Ri e leva a mão à testa.* Isto deve estar tão confuso! Ahh *Pausa.* Deixe-me pensar. *Pausa.* Por exemplo nós ahh... recebemos alguma proposta para um projeto e não temos ahh, motivação. Porque não nos identificamos com o projeto. Eu tento procurar alguma coisa, nem que seja a nível pessoal, dentro do projeto que me vá motivar. Ahh. Para o meu empenho ser maior. E depois acho que... vai crescendo, ou diminuindo, depende, mas... vai crescendo conforme, também aquilo que eu penso. Porque se eu já estiver desmotivada e, *Faz várias vezes um gesto repetitivo com a mão para a frente,* continuar a insistir que... pronto, não estou motivada com o projeto, que não me interessa, e assim essas coisas, eu acabo por ficar mais desmotivada. Então é tentar contrariar aquilo que eu estou a pensar.

MIAA - Portanto isso é um processo pessoal de cada aluno?

E4 - Sim. Acho que sim. E acho também que tem a ver com a disponibilidade de cada um. Se calhar há pessoas que não têm, ahh... Olhe, *Faz um gesto cruzando os braços no ar como que a encerrar a explicação.* Não sei explicar! *Ri.*

MIAA - Tenta.

E4 - Não sei explicar muito bem porque acho que é mesmo a ver com cada pessoa. Eu, no meu caso, funciona assim, para outra pessoa pode ser totalmente diferente.

MIAA - Portanto depende de pessoa para pessoa.

E4 - Sim.

MIAA -E agora relativamente aos fatores que influenciam a tua escolha no percurso escolar. Porque é que escolheste este curso?

E4 - Ahh Foi sempre uma área que me transmitiu alguma curiosidade. Eu ficava sempre muito... Ahh... curiosa e muito... entusiasmada ao ver um a... Ao ver filmes, peças de teatro, ahh e foi... acho que o principal que me motivou foi *Faz um gesto com as mãos para cima, perto da cara, que repete,* o teatro e telenovelas porque são coisas que nós vemos. Ligamos a televisão e pronto. Está a dar aquilo que nós vemos. Ahh Mas depois... O que está por trás. O trabalho que os atores têm a, a estudar o texto, em construir a personagem... Isso nunca me passou pela cabeça, quando eu era criança. Pensava que aquilo era muito natural! Então... pronto! Começou-me a criar alguma curiosidade e a minha mãe e o meu pai inscreveram-me no teatro e depois ahh a partir daí foi quando eu tive a certeza que queria ser atriz. E depois, no secundário eu ia para

(cidade), para uma escola de teatro. Mas, depois aconteceram algumas coisas pessoais e decidi ficar aqui. Então entre humanidades e escola (~~nome~~) *Ri*. Preferi este curso.

MIAA - E a tua família e os amigos como é que reagiram à tua decisão de vir para este curso?

E4 - Ahh. Em geral, toda a gente reagiu bem, porque é sempre alguma coisa nova. Não é ser médico, não é ser contabilista, esses cargos assim mais... *Faz sinal de aspas, com os dedos*. Importantes, entre aspas, para a sociedade. Então foi... Apesar de reagirem bem, alguns ainda acreditam que... é só uma coisa ahh. De entretenimento. De tempos livres. Mas as pessoas mais importantes para mim acreditam no mesmo que eu, e defendem que eu continue a estudar isto, e que eu siga isto como profissão. Então é o mais importante.

MIAA - Conhecias algum aluno que estivesse a frequentar o curso ou acompanhaste de alguma forma os alunos do curso: Viste espetáculos dos alunos ou...

E4 - A escola era-me totalmente desconhecida. E... Eu sabia que existia a escola, mas não sabia que tinha este curso, nem que era direcionada para cursos artísticos. Ahh. Depois, uma amiga da minha mãe tinha cá o filho e ela começou-me a explicar melhor o que é que havia aqui. Começou-me a mostrar alguns vídeos... Ahh. E pronto! E depois quando cheguei à escola, na minha turma estavam pessoas que eu já conhecia ahh de vista, alguns tinham... Um colega meu tinha andado comigo no teatro. Então... foi curioso. E também noutras turmas também encontrei algumas pessoas. Foi curioso...

MIAA - E conhecias o programa do curso antes de te inscreveres?

E4 - Minimamente. Eu vi, eu... foi um bocado estranho porque eu parecia que... *Faz movimentos ondulantes com as mãos*. Estava numa onda. E depois quando a onda rebentou. *Afasta as mãos para os lados*. Eu calhei aqui!

MIAA - *Ri*.

E4 - Eu... fazia muita confusão, mas por outro lado era... Um sentimento de tranquilidade pen... saber que era assim. Ahh. Porque... Eu n... Eu só soube da minha turma, do meu horário, das minhas disciplinas, ahh no mínimo uma semana antes da escola começar. E... Foi... Por um lado, foi bom porque consegui não criar muitas expectativas em relação à escola e ao curso. Mas, por outro lado, foi aquele sentimento de... Ans... Ansiedade, como é que será que vai ser? E depois, pronto! Cá estou eu! *Ri*.

MIAA - Tens interesse em ingressar no ensino superior?

E4 - Sim.

MIAA - Dentro da área das artes, teatro?

E4 - Eu ahh no início tinha a intenção de... ir para a escola de teatro... E cinema. Para a Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Mas, entretanto, acho que estou a mudar de ideias, porque... Eu, eu tenho interesse em várias, em várias, áreas profissionais. Ahh A principal é comunicar e... E representar... Mas também tenho interesse noutras áreas, então... Eu, estou a pensar, ainda não decidi, mas... Como já no secundário fiz... Já comecei a estudar teatro. Agora queria estudar outra coisa, para depois continuar a estudar teatro e... Outras coisas que apareçam, então... acho que... Não iria estudar, no ensino superior, teatro.

MIAA - E em que tipo de área é que estás a pensar mais?

E4 - Estou indecisa ainda.

MIAA - Estás indecisa.

E4 - Sim. Mas posso dizer que é entre a comunicação e a psicologia.

MIAA - Vir para aqui foi uma decisão de impulso? Ou pensada?

E4 - Foi pensada... *Ri*. Mas acho que foi um bocadinho impulso também. Porque... foi pensada porque eu não queria... Eu estava indecisa, se queria um curso de, por exemplo, de humanidades, ou um curso profissional. Mas por outro lado, foi um impulso porque era esta área que eu queria. Então, era mais ou menos uma conversa entre o meu coração e o meu cérebro de... Tens de ir para ali porque... vai garantir o teu futuro... Entre aspas. Mas depois o meu o meu coração dizia, não. Tens de ir para a (~~escola~~) porque... é lá que está o curso que tu queres e... Pronto, foi uma... acho que não diria impulso, mas sim intuição. Acho que pode dar o mesmo, mas pronto.

MIAA - E agora para conhecer os principais fatores motivacionais que te influenciaram ao longo do percurso formativo. Até agora quais foram os fatores que mais te motivaram neste percurso?

E4 - O principal, é o fato de eu querer ser atriz. Ahh. Depois outro, acho que tem muito a ver com... Ahh. As fases da minha vida, e com aquilo que me vai motivando de fora. Acho que *Pausa*. Não sei muito precisar, mas acho que é importante estarmos atentos aquilo que nos rodeia para podermos procurar motivação. Ahh. Para aquilo que nós fazemos na nossa... na nossa vida. E aqui foi um bocadinho difícil, confesso porque... Nem sempre as coisas correram... Ahh. Como nós pensávamos e talvez também como nós merecíamos. Porque... pronto! *Faz gestos com as mãos*. Coisas da vida. Então foi muito desmotivante em algumas fases, mas mesmo nessas fases o que me motivava era

ser atriz e ser bem-sucedida. Não sei se consegui cumprir. *Ri*. Mas acho que... *Afirmado com a cabeça*. Minimamente.

MIAA - Quando dizes que vocês mereciam...?

E4 - Nós, na nossa turma... Ahh. Nós temos muito... Talvez pode ser mania da perseguição, mas nós... Ahh. Por exemplo... Ahh. Como é que eu posso explicar isto sem *Murmura palavras ininteligíveis*. Ahh Às vezes nós sentimos que, por exemplo, nós no 10º ano, nós pensávamos ok, ahhh. Para o ano vai ser outro ano, como já vai ser, como vai ser um ano à frente vamos fazer mais coisas. Vamos trabalhar talvez projetos mais difíceis. Ahh. E depois chegámos ao 11º, ficámos sem professor de Interpretação durante algum tempo. Depois ahh, quando veio uma professora substituí-lo, ahh. As nossas expectativas também eram altas, mas depois ficaram... Foram mais baixas. E pronto, ao longo do ano, nós fomos sentindo que... Que não merecíamos muito aquilo que estava a acontecer porque acabou também por nos desmotivar. O facto de não termos professor e depois de termos, mas os projetos não, não, não eram muito desafiantes... E acho que é por aí. Assim.

MIAA - Quais foram os fatores que mais te desmotivaram?

E4 - Foi o facto dos projetos não serem muito... Ahh. Desafiantes, pelo menos no início. No início é sempre, começarmos do zero, porque, por muito que nós tenhamos uma ideia, nós temos de ir alimentando com... Ahh. Ideias de encenação. Ideias de cenário. Ideias de figurinos e... Isso é que vai alimentando a nossa motivação e nós, eu sinto que ficámos muito tempo no início dos projetos. Nem... Não em todos, mas a maior parte dos projetos que fizemos este ano, sinto que... perdemos muito tempo no início, com coisas que talvez não alimentaram muito... nada! *Enquanto ri*. Alguma coisa há-de ter alimentado! *Séria*. Mas olhando assim para trás, sinto que se tivéssemos começado mais cedo o processo criativo, ficávamos mais motivados e o desempenho tinha sido melhor.

MIAA - Antes de escolheres o curso, para ti o trabalho de actor era um trabalho individual ou coletivo?

E4 - Eu sabia que era coletivo, mas pensava que... Era muito... Eu pensava que recebiam o que... Ou seja, faziam... *Faz um gesto como se folheasse um livro*. Como é que hei-de explicar? Ahh. Que era muito mais fácil. Pensava que era coletivo, como é óbvio. Mas, não tão coletivo como agora sei que é. Por exemplo, pensava que era só coletivo, em questão de... estarem todos os atores reunidos. E depois ter toda uma parte que não... Que nós não sabemos. Por exemplo. Aqui na escola, ahh, somos nós e depois têm os

professores, que no caso são os encenadores e os dirigentes e eu não tinha a noção de que... Esse trabalho fazia parte do trabalho final do ator. Eu acho que faz.

MIAA - O facto de haver um encenador.

E4 - Sim.

MIAA - A dirigir o coletivo.

E4 - Sim.

MIAA - É isso que queres dizer quando dizes que é mais coletivo do que o que imaginavas?

E4 - Sim.

MIAA - Portanto agora, na tua opinião é mais individual ou mais coletivo?

E4 - Eu acho que é coletivo, mas também tem uma parte individual, porque... da disponibilidade... Ahh. Da parte de decorarmos as falas. Da parte de... Também na parte de movimento. De fazermos o nosso... darmos o nosso melhor para apanharmos os outros. Pronto, acho que é coletivo no sentido geral, mas tem de haver a parte individual para haver a parte coletiva.

MIAA - Isso é um fator de motivação ou desmotivação, para ti?

E4 - Depende um bocadinho do projeto também. Ahh. Mas pode ser motivacional. Sim.

MIAA - Queres dizer mais alguma coisa acerca destes assuntos?

E4 -Não.

Riem.

E4 -Acho que está tudo.

MIAA -Muito obrigada!

E4 -Obrigada.

Fim de transcrição.

Entrevista a E5

Dia 21 de Junho de 2022

MIAA - Desde que entraste neste curso, já participaste em vários projetos de formação. Sejam eles de FCT, Interpretação, Voz ou Movimento. Eu gostava de saber qual foi o projeto em que mais gostaste de participar e porquê.

E5 - Ahhh Talvez o *Clean Water Act*. Porquê? Porque... Porque acho que tinha, eu gosto sempre de misturar os três Interpretação com Movimento e... Voz e acho que aí nesse projeto consegui meio que misturar os três juntos e... Acho que também a nossa turma cresceu bastante porque... *Faz um gesto com o braço de fora para dentro*. Foi uma pessoa vinda de fora. Então nós tivemos que lidar com ela, e aprender e... E era... Tínhamos de comunicar em outra língua, logo acho que foi bom para a nossa jornada profissional. Mas foi tipo, *enquanto faz um gesto com o braço do centro para a frente*, um passo para o nosso crescimento.

MIAA - E em qual é que gostaste menos de participar e porquê?

E5 - *Pausa longa*. Não sei. *Murmura palavras ininteligíveis*. Eu acho que não gostei muito da baleias. *Ri*. Pelo menos as das de Sagres. Yá. Foi. Nós no início fomos para Sagres, primeiro antes de decidirmos a peça final das baleias. E eu não gostei nada de fazer isso. Tanto que eu nem participei.

MIAA - Mas não gostaste porquê?

E5 - Porque... Nós primeiro tínhamos uma ideia em que eu e mais a (~~nome~~) e a (~~nome~~) e não sei quem era a quarta pessoa, éramos os únicos que tínhamos texto e íamos... ter personagens. Éramos os únicos que tínhamos personagens. Depois elas faltaram. Depois elas tiveram covid. E... Tipo. *Faz um gesto com o braço de cima para baixo*. Aquilo foi tipo meio que. Água... oi? *Repete o gesto com o braço de cima para baixo*. Água para baixo... Que é tipo, para o poço. E... Não sei. Acho que depois perdi bué a motivação. Foi... Não foi um projeto cativante.

MIAA - E qual foi o projeto em que consideras que tiveste melhor desempenho e porquê.

E5 - Ahhh em Lisboa... Provavelmente. *Murmura palavras ininteligíveis*. Pelo que me disseram, acho que... A 'stora de Voz, por exemplo, disse que quando ela viu, viu um (~~diz o seu nome~~) diferente que, tipo, nunca tinha visto antes. Eu não senti assim, mas, pelo que me disseram, acho que foi a minha melhor atuação até hoje.

MIAA - E qual é que tu sentes que foi a tua melhor atuação?

E5 - Provavelmente o primeiro dia do *Clean Water Act*, que o segundo já não foi assim tão bom.

MIAA - Porquê? O que é que sentiste?

E5 - Não sei, acho que eu senti, segurança pelo... Nos projetos anteriores eu nunca sentia 100% seguro, porque eu às vezes não sabia o que é que estava a fazer e nesse projeto... *Faz sinal de aspás, com os dedos de uma mão*. Estudei. Tanto que... acho que

senti segurança. Sabia o que é que estava a fazer. Sabia para onde é que tinha de ir. Sabia as canções e as danças. Então senti que fiz um bom trabalho.

MIAA - Qual o que consideras que foi mais importante para a tua aprendizagem e porquê.

E5 - Então... gosto, se calhar do primeiro, *Auto da Barca do Inferno* porque... Eu não tive falas, muitas falas, porque também não quis. Mas eu tive... bastante no palco, mesmo com poucas falas, então eu tinha de fazer alguma coisa. Eu acho que isso foi importante para eu perceber o que é que se pode fazer no palco, tipo, movimento, sem ter falas. Acho que isso foi importante para os projetos a seguir.

MIAA - Na tua opinião há uma relação direta entre gostar de um projeto e ter bom desempenho?

E5 - Eu acho que quando nós gostamos de uma coisa vamos ter automaticamente... Talvez, vamos ter um melhor empenho. Nem que seja a motivação vai ser melhor. Mas eu acho que no final acho que às vezes não. Não quer dizer grande coisa. Porque eu vejo atores que eu gosto, por exemplo na... No mundo de *Hollywood*, que eles não gostam da série ou de filmes que eles estão a trabalhar e eles estão tipo incríveis! Uau! Depende de pessoa para pessoa, acho eu.

MIAA - Como é que sabes que eles não gostam?

E5 - Porque eles... Tipo, quando eles saem, eles falam abertamente que não gostaram.

Riem.

MIAA - Ok. O que é que é para ti um bom projeto de formação?

E5 - Como assim?

MIAA - Espera, deixa-me voltar um bocadinho atrás. Estavas a dizer a opinião em relação aos atores de *Hollywood*, mas, para ti. A nível da relação entre gostar de um projeto e ter um bom desempenho, tendo em conta a tua experiência...

E5 - Acho que não. Porque eu não gostei da peça das baleias nunca. Tipo. No mesmo barco que as outras pessoas eu não gostava, e acho que tive um bom desempenho.

MIAA - Ok. E agora, o que é para ti um bom projeto de formação? Quanto te apresentam um projeto... Ou quando tu estás no projeto, não precisa de ser logo no início. Quais são os elementos que achas que são fundamentais para fazer um bom projeto?

E5 - Ter um bom encenador é um grande começo. Ahhh. E sentir que me cativa. Porque eu... Para sentir que estou a fazer um bom trabalho e que é um bom projeto eu tenho de estar cativado. E também ter ideias novas porque senão, eu não sinto que é grande coisa.

MIAA - Como é que um projeto chega a tantos alunos diferentes?

E5 - Eu acho que, às vezes, não é logo no início, mas... No processo de... Encenação, etc... Acho que tipo. É aí que as pessoas se começam a interessar mais. Porque quando nós estamos parados a ler, às vezes pode não ser muito interessante e pode ser um bocadinho aborrecido. Então é... Quando tipo, *faz um gesto com o braço de fora para dentro*, os alunos começam a mandar ideias e ah! Isso é fixe! Podemos manter. Acho que é isso que toda a gente se une e como é... Fica só uma cabecinha a pensar o mesmo e tipo, gostamos todos, acho eu.

MIAA - Então tem a ver com o grupo...

E5 - Sim.

MIAA - A motivação...

E5 - *Acena afirmativamente.*

MIAA - Para ti?

E5 - Yá!

MIAA - E agora mudando de assunto, para conhecer os fatores que influenciaram a tua escolha do percurso escolar. Porque é que escolheste este curso?

E5 - Ahhh. Desde que eu me lembro, desde pequenino, eu sempre quis ser ator. Então. Eu antes, não ia para este curso. Nem sabia que existia, sinceramente. Mesmo andando nesta escola. Não sabia que havia um curso de teatro. Mas, quando eu soube, eu pensei... Não é bem teatro que eu quero. Mas acho que posso... ir para teatro porque é um daqueles... onde se começa, e posso aprender vindo desse curso. Então... vim para aqui porque sempre quis ser ator.

MIAA - Estavas na escola e não conhecias o curso de teatro?

E5 - Não. No 7º ano, no 8º. Eu só tomei conhecimento do curso no 9º ano. Eu vinha ver espetáculos aqui à escola, mas eu pensava que eram pessoas de fora.

MIAA - Ok. Ri. E como é que reagiram a tua família e os amigos, à tua decisão de vires para esse curso?

E5 - Bem, a minha família sempre soube que eu queria ser ator, então não foi grande surpresa. Eles também deram a ideia porque é que não vais para o curso de teatro, então. Tudo normal. Foi tipo, apoiaram-me e disseram vai. Também porque é a mesma escola, então é mais fácil. Agora os meus amigos ficaram um bocadinho estranhos, “como assim vais para teatro?” Porque eu... O nosso plano era tipo, irmos todos para a mesma turma, íamos todos para humanidades. Mas eu decidi ir para teatro. Mas, agora, estão bem, acho eu.

MIAA - Agora?

E5 - Já. Eles até vêm ver os meus espetáculos. Eles gostam, acho eu.

Riem.

E5 - É o que eles dizem...

MIAA - E tu, portanto, viste os espetáculos dos teus colegas e pensavas que eram pessoas que vinham de fora. Não conhecias os teus colegas de outros anos, não falaste com ninguém...

E5 - Não.

MIAA - Como é que soubeste do curso, então?

E5 - No 9º, a (~~nome~~) tipo. Começou a ficar amiga das pesso... de pessoal do 10º que já estava em teatro. Que é o 12º agora. E foi aí que eu os conheci. Porque, eu conhecia e perguntava em que curso é que estavam. Estamos em teatro. E foi aí que eu conheci o curso.

MIAA - E tu conhecias o programa de curso antes de te inscreveres?

E5 - *Faz cara de surpreendido. Murmura. Não! Enquanto nega com a cabeça. Ri.*

MIAA - Mas falavas com os teus colegas? A perguntar que disciplinas tinha, como é que era?

E5 - Perguntei à (~~nome~~) a que ela perguntou a outras pessoas. E a única coisa que eu sabia é que íamos ter... Línguas. Tipo Inglês, Português. E... Interpretação e Movimento e Voz. Não sabia mais nada.

MIAA - À (~~nome~~), à tua colega da turma?

(~~permite identificação direta~~).

MIAA - Tens interesse em ir para o ensino superior?

E5 - Ahh. Isso depende do momento. Eu no início do 10º não, mas a partir do 11º comecei a ter interesse em ir para o ensino superior e tentei melhorar a minha média, mas agora já não quero ir outra vez. *Ri.* Depende donde eu estou. *Leva a mão à cabeça.* Mentalmente.

MIAA - E quando pensas que gostavas de ir para o ensino superior pensas que é dentro da área de teatro, das artes, ou é noutra área?

E5 - É na área de teatro, nas artes para já. Mais cinema, mas sim.

MIAA - Achas que vir para teatro foi uma decisão de impulso ou foi uma decisão pensada?

E5 - *Pausa.* Acho que foi... pensado. Porque eu desde o início do 9º ano, quando nós fazíamos aqueles *quizzes* e etc. ia sempre para artes, então eu já estava tipo ok, então eu

vou para teatro. Então pensei... pensei... pensei... Eu até matriculei-me em humanidades primeiro e depois à última mudei. Porque pensei outra vez. Se eu tivesse ido para humanidades é que seria mais impulso, porque os meus amigos estão lá, é uma escola nova. Mas pensei e vim para teatro.

MIAA - Quais foram os fatores que mais te motivaram ao longo deste percurso?

E5 - Hum. *Pausa.* Acho que... sendo que estou neste curso e, às vezes não estou a gostar das coisas que estou a fazer, eu penso sempre... O que é que eu quero para o futuro. E se é... O meu futuro é ser ator, então... Preciso de estar aqui e de aprender e... Tipo. Eu penso sempre o que é que eu quero para o futuro. Por exemplo, donde é que eu vou estar daqui a cinco anos, por exemplo. E eu penso que vou estar sempre... A ser ator e a representar, que é o que eu gosto de fazer. Então é isso que me mais motiva. E também agora, conhecer outras áreas, porque eu... Antes não gostava assim tanto de dançar e agora gosto bué de dançar por causa do curso.

MIAA - E quais são os fatores que mais te desmotivaram?

E5 - Pfff... Para ser sincero, acho que a turma, ou pelo menos o ano passado, desmotivou-me bastante. Porque eu às vezes sentia que era a ovelha negra da turma... Que eu era, mas... Este ano tentei melhorar, mas, não sei... E também, o ano passado eu não estava nada motivado nem os projetos me motivavam, então... acho que eu próprio também me desmotivei, bastante. Que eu fui a causa do meu desmotivamento.

MIAA - Que tu foste a causa do teu desmotivamento?

E5 - Sim.

MIAA - E agora estás a trabalhar sobre isso, é isso?

E5 - *Afirma com a cabeça.* A tentar. *Ri.*

Duas pessoas batem à porta e entram na sala, a falar muito alto. Apercebem-se que estamos a gravar. Ficam atrapalhados. Pedem desculpa. Não faz mal... Todos riem. Saem a falar muito, muito baixinho.

MIAA - Ainda a rir. Ahhh. Olha... Antes de estares no curso, o trabalho de ator era um trabalho individual ou coletivo?

E5 - Como assim?

MIAA - Se quando pensavas no teatro, no trabalho de ator.

E5 - Ah. Se era... Em grupo?

MIAA - Imaginavas que era um trabalho mais de grupo ou individual?

E5 - Eu antes de vir para este curso já tinha feito teatro. Ahh. Fazia nas escolas, por exemplo. Tipo na escola. Fazia peças e também já uma vez atuei em (~~loca~~), e é sempre

em grupo eu nunca pensei em o teatro ser uma coisa... individual. Porque eu não gosto até de estar sozinho no palco. Gosto sempre de ter pessoas ao pé de mim. E acho que é isso que é giro também, contracenar com outras pessoas e não ser sozinho no palco. Logo é, para mim... foi sempre uma coisa de grupo.

MIAA - Então... Isso é um fator de motivação, ser um trabalho de grupo?

E5 - *Afirma com a cabeça.* Hum hum.

MIAA - Queres dizer mais alguma coisa, (nome)?

E5 - Não sei, acho que não. *Ri.*

MIAA - Sobre a motivação, sobre o percurso, sobre os projetos...

E5 - Ah!! Neste curso eu acho. Estando neste curso... Mas também é mais a puberdade. Eu acho que... sendo adolescente e estando neste curso aprendi bastante sobre mim e sobre coisas que consegui fazer e não sabia que conseguia. Por exemplo. Eu, ahh, no *Clean Water Act*, eu pensei em mim como, acho que até... acho que... Ai! Como é que eu hei-de dizer isto? Acho que sou até um bom encenador, e agora estou até a ter as ideias para a minha PAP. E sou eu que vou escrevê-la, até foi isso que mais me motivou para escrever a minha própria PAP. Por que eu acho que tenho... Eu sempre tive boas ideias, *i guess*. Mas, este curso explorou as minhas ideias e tipo... Graças a este curso não é tipo, ter uma ideia ahh, ok e depois, *faz um gesto para cima com a mão* largar. Tenho uma ideia, primeiro sou realista com a ideia. Vejo se consigo fazer e não consigo fazer e depois, sim, concretizo a ideia.

MIAA - Obrigada!

Fim de transcrição.

Entrevista a E6

Dia 22 de Junho de 2022

MIAA - Continuando a leitura... obrigada pela disponibilidade em participar!

E6 - De nada!

MIAA - Para conhecer o teu ponto de vista sobre as experiências formativas, gostava de saber. Desde que entraste neste curso, já participaste em vários projetos

de formação de Movimento, Interpretação, FCT, Voz, etc... Qual foi o projeto em que mais gostaste de participar e porquê?

E6 - *Clean Water Act. Ri.* Que fo... Foi o último projeto que nós fizemos. Ahhh. Eu não sei bem explicar porquê, mas... Eu acho que... foi uma mistura de coisas, porque... englobou muita dança e quando a Jenny chegou à escola e nos mostrou aquelas danças, foi... foi um pouco desafiante e eu não sabia bem se iria... Bem... Ahhh. Entrar nisso, nas danças, porque... Desde que eu entrei na escola a disciplina de Movimento sempre foi... Não foi algo que eu tinha inseguranças, mas foi algo que eu achava que ia estar um pouco mais presa, ou não tão segura em relação a isso... E... E a Jenny chegou e mostrou-nos algumas coreografias e ao início assustou-me um pouco. Mas... Ahhh. Mas depois ao longo da experiência... Ahhh. Fui-me adaptando e ver também que os meus colegas também tinham certas... As mesmas dificuldades que as minhas, e conseguimos superar todos em conjunto. E depois foi um projeto em que estivemos todos... Ahhh. Houve altos e baixos... Houve... Experiências diferentes, entre cantar, interpretar. Porque, também fomos muito livres, a Jenny deixou-nos escolher a nossa personagem e fomos muito livres em relação a isso. E... E havia dois grupos que era os *expats* e os locais mesmo assim nós ajudávamo-nos todos uns aos outros. Ahhh. E também foi incrível porque a Jenny não sabia falar Ahhh. Português, só falava Inglês, e eu como fiquei na parte dos *expats*, também senti que durante esse período cresci um pouco nessa língua. Ahhh. A me desenrascar para falar com a Jenny e percebi que afinal até percebia algo de Inglês. E então foi, foi isso... adorei! Também tivemos a, partilhámos o palco com o 10º ano. E coisa que... foi a primeira vez que... fizemos alguma coisa com o 10º ano. Então foi por isso que eu gostei muito. *Sorri.*

MIAA - Qual foi o projeto em que gostaste menos de participar e porquê?

E6 - *Olha para cima. Pausa.* Tenho que pensar um bocadinho. *Olha para baixo.* O projeto que eu gostei menos de participar... Talvez o último. Não foi bem projeto foi prova de Interpretação, do *Clown*, em que nós fizemos a prova... No *Palco Aberto*, aqueles dois grupos. Eu... Não foi bem eu não gostar, mas eu senti que foi... Que foi um pouco para despachar... E que foi um pouco porque tinha de ser feito. Nós tínhamos acabado de... De acabar o *Clean Water Act* e... E de ter saído de Lisboa. E a prova tinha mesmo de ser feita. Tivemos pouco tempo, mas houve coisas muito engraçadas em aula. Mas eu acho que o que aproveitámos para meter em prova, não foi... Não foi talvez a coisa mais interessante que tínhamos encontrado em aula. Então eu acho que... Com o que eu vi na aula e com o que eu me ri na aula e o que nós trouxemos em palco não

foi... Não foi de todo... O nosso melhor. Ou podíamos ter pensado fazer... Trazer de melhor.

MIAA - Qual é o projeto em que consideras que tiveste melhor desempenho e porquê?

E6 - No *Cabeças no Ar*. Quando... Quando eu fiz (~~permite identificação direta~~). E... E eu senti que... sinto agora, que consegui então foi uma conquista enorme para mim, porque... Eu.... Quando a professora me ligou eu aceitei, porque eu não conseguia dizer não à professora. E achei que... fui logo ver as falas e analisei bem aquilo e pensei, não professora, eu acho que consigo. Primeiro comecei a decorar as falas e... E depois entrar na personagem. Então eu acho que... senti-me realizada por ter feito isso em tão pouco tempo. E... Acho que já respondi à pergunta. *Ri*.

MIAA- Qual é o projeto que consideras que foi mais importante para a tua aprendizagem e porquê?

E6 - O *Panos*. O *Panos*. Porque quando nós começamos a encenar a peça eu... Nunca tinha feito uma coisa assim. Ahh. Toda a gente em palco, nós sempre em cena, muitos objetos, uma coisa muito física, muito dinâmica... Não havia *blackouts*, não havia saídas nem entradas, não havia fechar pano e abrir. Humm. E foi algo muito confuso que eu ao início pensei... Não sei se... Se estamos a ensaiar isto da melhor maneira. E quando nós acabámos o projeto e apresentámos o projeto. Humm. Nós meio que demos aquilo como encerrado. E não estávamos à espera de ganhar. Quando a professora chegou ao pé de nós a dizer que nós tínhamos ganho. Ahh. Humm, foi algo que me surpreendeu, porque eu não estava mesmo nada à espera. Ahh. Então eu acho que, com isso aprendi que, devemos mais confiar em nós e... Se os outros ganham, nós também podemos ganhar, tal como os outros perdem, nós também podemos perder. Então com isso aprendi que... pronto. *Ri. Que...* Não sei como é que hei-de dizer. *Pausa. Suspira em ai. Enquanto olha para o lado.* Não sei mesmo o que é que hei-de dizer. Qual era a pergunta? Que é para eu mais ou menos coiso?

MIAA - Qual é que foi mais importante para a tua aprendizagem e porquê?

E6 - Ah! Ok. Sim, foi isso. Porque nós fomos a Lisboa e ganhámos e... E com isso aprendi que.... Sim, devemos confiar em tudo que fazemos, Não no que só no que achamos que está a ser bom. Devemos confiar mais nisso, no processo e em nós. *Acena afirmativamente.*

MIAA - Na tua opinião há uma relação direta entre gostar de um projeto e ter um bom desempenho?

E6 - *Pausa. Acena afirmativamente.* Sim. Bastante. *Sorri.* Eu acho que sim. Eu acho que... Quando nós gostamos de algum, de um projeto que estamos a fazer, que nos é proposto, eu acho que a motivação parte daí. Se... Se eu me interessar por um projeto, se eu começar a ter ideias... é algo que me vai motivar, logo faz bastante diferença no... No desempenho do projeto. Se for algo que eu não me interessa, logo não vou ter muitas ideias, não vou ter tanta motivação. Logo é preciso gostar do que estamos a fazer, sim.

MIAA - E quando não se gosta à partida?

E6 - Quando não se gosta à partida, eu acho que mesmo assim não devemos cruzar os braços. Porque às vezes não é bem assim. Às vezes podemos não estar a gostar, mas se calhar é pela perspetiva que estamos a... A ver. Se calhar não estamos a ver da melhor maneira. Se calhar, não gostamos porque está assim. Podemos... podemos sempre mudar... Ahh. E lá está, no fim pode sempre ser uma surpresa. No fim podemos sempre gostar do resultado final. Um projeto perfeito no final não quer dizer que no início, no início e durante o processo, seja sempre perfeito e seja sempre bom. Ahh. Às vezes tem de haver... Tem de haver isso de... Não gostar, de... partilhar as ideias com os outros, do... Também ouvir os outros e o que têm a dizer sobre isso. Porque se calhar vai-nos abrir caminhos e a mente sobre esse tal... *Ri.* Esse tal assunto.

MIAA - Então, tu vais ter um bom desempenho, se gostares do projeto, é isso?

E6 - *Acena afirmativamente.* Sim. Sim. Mesmo por aí.

MIAA - E se não gostares de um projeto não vais ter um bom desempenho?

E6 - Não. Se eu não gostar de um projeto... eu vou ter de fazê-lo na mesma e vou... E vou fazer para gostar. Porque só assim é que eu vou ter um bom desempenho. Porque eu não vou fazê-lo sem gostar. Vou ter de fazer para gostar, para ter um bom desempenho.

MIAA - E o que é para ti um bom projeto de formação?

E6 - *Estala a língua. Suspira em ha.* Sobretudo... O processo. Sobretudo o processo do projeto. *Põe as mãos debaixo das pernas e o tronco para a frente.* Ahh. *Estala a língua.* Acho que parte das ideias de todos e sabermos todos ouvirmos-nos uns aos outros e... A ideia que cada um quer trazer, e saber juntar e... Se alguém trazer uma ideia... Porque nós sabemos que no teatro é muito experimento. Nós não podemos ouvir uma ideia e dizer logo que não gostamos. Nós sabemos que ouvimos, e aqui é sempre... ok, vamos experimentar e ver como é que corre. Aqui é sempre assim, nós nunca dizemos que não fica bem. Nós primeiro temos de ver se fica bem, e aí decidimos. Aqui é sempre assim. No teatro, nós experimentamos, vemos se realmente fica bem, da perspetiva do espectador. Porque nós como atores podemos gostar de uma ideia, mas o espectador da

outra vista, não é bem assim. É por isso que nós aqui queremos sempre ter uma visão do espectador, de *feedback*. Então... *Pausa*. Então é isso... Eu acho que é... É mesmo o processo e nós sabermos ouvir e encaixar as ideias e... E todos estarmos a gostar do projeto da mesma maneira. *Expira e sorri*.

MIAA - Agora, para conhecer as tuas ideias sobre os fatores que te influenciaram na escolha do percurso escolar... Porque é que escolheste este curso?

E6 - É muito fácil. Desde sempre que eu escolhi este curso. Eu não cheguei ao 9º ano e pensei, bem agora tenho de me decidir, vou para onde? Não, eu já sabia... Eu moro aqui perto, eu já sabia desta escola. Ahh. Eu lembro-me de quando era pequenina, acho que andava... Na escola do 1º ou 4º ano, não me lembro em que ano foi... E vim ver aqui um espetáculo. E gostei imenso. Ahh. Os atores interagiam com o público e era... havia... havia atores a descer das escadas. *Faz uma diagonal com a mão de cima/trás para baixo/frente*. Do público, do auditório. E eu achei muito isso interessante. É por isso que... Agora, sempre que nós encenávamos alguma coisa, eu dava a ideia sempre Hi! Mas ‘bora! Vamos descer lá de cima porque os espetadores não estão à espera. Mas eu desde sempre que tive essa paixão. Desde que me lembro. Desde que me lembro que, que... Eu tenho esta paixão por representar. Porque eu sinto que quero ser todas as profissões. Todas! Eu gosto de fazer tudo. Então eu sinto que aqui é que eu posso ser tudo! *Ri*.

MIAA - - Lembras-te do nome do espetáculo?

E6 - *Acena negativamente*. Não me lembro... Não me lembro... era... Pedro qualquer coisa... Não me lembro bem professora. Mas era para crianças.

MIAA - Como é que reagiram a tua família e os amigos à tua decisão de vir para este curso?

E6 - Muito bem. Hum. Porque a minha família sempre soube que eu queria seguir isto. Toda a minha família. Porque desde pequena, eu fazia alguns espetáculos para a família. A minha avó mora na (~~nome do local~~), e eu dizia que... Quando nós íamos lá ter... Jantares ou almoços de família eu dizia que ia fazer um *Got Talent* (~~nome do local~~) e levava os meus primos para cantar, ou dançar, ou imitar alguma cantora e... a minha família... Tem vídeos imensos meus de pequenina a imitar a *Floribella*. A cantar a *Floribella*. Então a minha família ficou muito contente de eu estar a seguir isto. Eles acham mesmo que eu vou ser uma estrela de cinema. Isso é muito importante para mim também.

MIAA - Conhecias alguém que estivesse a frequentar o curso ou acompanhaste os alunos do curso, mas já mais velha?

E6 - Não. Eu conhecia só mesmo pela cara e às vezes eu dizia. “Olha, andas no curso, no teatro, na (eseola), não é? E como é que é aquilo? Eu quero muito ir para lá.” O (nome) por acaso ainda falo com o (nome)... e uma rapariga que era a (nome) que, entretanto, foi para (local), também. Também falei com ela. Mas nunca, nunca vim aqui procurar saber de muito sobre o curso. *Acena negativamente.*

MIAA - Como é que conhecias os colegas pela cara?

E6 - Porque quando era pequenina a (nome) era minha amiga. Mesmo quando era pequenina. Então prontos...

MIAA - E aquele espetáculo foi o único que tu viste?

E6 - Foi o único. Eu não me lembro do espetáculo, mas tenho só aqueles *flashes* na minha cabeça.

MIAA - Conhecias o programa de curso antes de te inscreveres?

E6 - Conhecia o quê?

MIAA - O programa de curso.

E6 - Não. *Acena negativamente.*

MIAA - Não sabias que disciplinas é que ias ter ou...

E6 - Sabia. Sabia... Por alto. Sabia. Por alto. Sabia mais ou menos as disciplinas técnicas. Ahh. Mas não sabia bem o que é que englobava. Voz, eu pensei... Uau, vou cantar! Movimento... oh, vou dançar. Dramaturgia, não fazia a mínima ideia... Mas depois fui pesquisar. Ahh. E Interpretação prontos, aquela disciplina de... de Interpretar. Mas... *Abana a cabeça.* Eu vim aqui mesmo... *Faz gesto de cima para baixo com a mão.* Mergulhar de cabeça... quase. Diria assim.

MIAA - E tens interesse em ir para o ensino superior?

E6 - Sim

MIAA - Dentro da área do teatro...

E6 - Dentro da área do teatro. Sim. Não sei se logo quando acabar o 12º, mas tenho mesmo intenção de ir.

MIAA - E vir para o curso, foi uma decisão que tu consideras que foi de impulso ou foi uma decisão pensada?

E6 - Pensada. Pensada e ao mesmo tempo não pensada. Pensada porque tenho isto na cabeça há muito tempo. Mas ao mesmo tempo, não pensada porque... Não sei, se calhar não pensei noutras coisas. Noutras coisas. Quer dizer... Eu às vezes pensava, em outra

área em que eu me vou encaixar, mas eu não me via em mais nada. Não me conseguia ver em mais nada. Então meio que... Sempre tive isto no coração. E... E foi isso. *Ri.*

MIAA - E agora, para conhecer os principais fatores motivacionais que te influenciaram ao longo do percurso formativo. Quais foram os fatores que mais te motivaram neste percurso?

E6 - Ahhhumm. Primeiro que tudo a minha paixão de estar aqui. Acho que isso é a pri... A principal motivação. Embora às vezes pudesse haver algo que me deitasse mais abaixo... Ahh. Sempre continuei aqui pela paixão que... Que eu tenho pelo teatro. E acho que nada mais que isso, mesmo, que a paixão que eu tenho por isto. É a minha única motivação, mesmo. E... E os professores, também. Os professores dão-nos... Os professores deixam-nos bastante seguros aqui. De todas as áreas técnicas, porque... prontos, falando aqui do curso... Ahh. E depois também saber o que é que... ok. Agora estou no 10º e no 11º vou fazer coisas maiores e no 12º vou fazer coisas maiores. Ou seja, sempre a pensar que no próximo passo ia crescer um pouco mais. Ia fazer coisas que nunca tinha feito antes.

MIAA- E quais foram os fatores que mais te desmotivaram?

E6 - Às vezes os conflitos entre turma... Foi... foi mais o que me motivou, desmotivou. Ahh. O cansaço também, porque... é preciso... é preciso ter muito estômago para isto. Porque temos as disciplinas... Como é que se diz? Não é as técnicas, é as outras?

MIAA - As de componente geral?

E6 - Hum Hum. Temos que estudar para os testes e não sei o quê, e depois temos isto. Eu sinto que... Por mais que eu queira dar muito... Muito de mim, porque... sinto que o projeto precisa de mais de mim. Ahh. Às vezes não consigo. Porque ou estou esgotada, ou não tenho tempo. E isso desmotiva um pouco.

MIAA - E antes de escolheres o curso, para ti, o trabalho de ator era um trabalho individual ou coletivo?

Som de mensagem no telefone de E6.

E6 - Coletivo. *Pausa.* Coletivo. Mas se calhar não tinha tanta noção do quão coletivo era, se calhar só pensava... *Estala a língua.* Só pensava no facto de ser coletivo quando era contracenar... Se calhar... Eu achava que era... Cada um tinha o seu papel, as suas falas para decorar. Decoravam em casa, chegavam em cena... Mas eu sempre, quando pensava em representar, era sempre na área do cinema. Nunca... Nunca pensei... No teatro. Mas agora que estou aqui, gosto mais do teatro. *Ri.* Ahh. É assim, pensava que decoravam as falas em casa, chegavam aqui, prontos, contracenavam com aquela pessoa

e não acontecia mais nada. E não... Aqui... aqui há muito... Há muito essa compartilha de emoção, de trabalho. Do que estamos a sentir. Ahh. Estamos todos juntos nisto, basicamente. *Ri.*

MIAA - Estamos quê?

E6 - *Faz um movimento circular com os braços.* Estamos todos juntos, nisto, basicamente. *Ri.*

MIAA - E agora? Essa é a tua opinião é que é individual, ou coletivo?

E6 - Coletivo

MIAA - Isso é um fator de motivação, ou desmotivação?

E6 - O quê?

MIAA - Ser um trabalho coletivo. O teatro.

E6 - Tem tudo para ser de motivação. Esse fator tem tudo para ser de motivação. Ahh. Cabe-nos a nós e ao resto do nosso elenco. Ahh. Fazer com que isso seja motivante. *Ri.* Acho que não preciso mais de aprofundar essa parte, mas tem tudo para ser motivante. *Som de mensagem no telefone de E6.* É o que é suposto. *Suspira em hum e acena afirmativamente.*

MIAA - Olha, queres dizer mais alguma coisa que aches importante dizer, acerca destes assuntos, ou de outros, que tu aches que sejam importantes?

E6 - Hum. *Pausa longa.* Que... *Estala a língua.* Que sei que muita... muitas pessoas que estão aqui no curso, que... Desde que chegaram aqui têm imensa paixão por isto e que durante estes anos perderam... Não digo um pouco a paixão... Mas um pouco... A paciência. *Estala a língua.* E... E talvez, perderam, perderam esse lado de querer estar aqui. Porque... Porque já não têm... *Leva a mão ao peito e pousa-a virada para cima no colo.* Como é que eu hei-de dizer... Já não têm nada... Já... Não sei professora, isto cansa muito. Eu tenho, tenho pena das pessoas que... Que estão a acabar o 12º e que já não querem esta área porque... Porque não conseguem aguentar tanto. Porque é preciso mesmo, aguentar muito. E... Então é isso, quero dizer às pessoas que... Que têm esta paixão para não se desmotivarem e para... Não perderem a essência. *Pausa. Ri.* Porque... *Som de mensagem no telefone de E6.* Se viemos para aqui foi por algum motivo e... Não para desistir à primeira, nem à segunda, nem à terceira, nem à quarta, nem à quinta. *Ri.*

MIAA - Muito obrigada!

E6 - De nada. *Ri.*

Fim de transcrição.

Entrevista a E7

Dia 22 de Junho de 2022

MIAA - Gostava de saber, qual foi o projeto em que mais gostaste de participar e porquê?

E7 - Ok. Ahh. Eu gostei... Eu gostei... Bastante do *Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles!* Porque... ajudou-me a usar o corpo. Que não é uma coisa que eu sinto que fazia muito. E depois Ah. Ah. Mostrar emoção através do meu corpo... A exagerar, sinto que faltava-me isso. Por acaso, tipo, em termos de Movimento eu sou uma pessoa muito fechada. Então tipo ajudou-me... *Abre os braços e lança o tronco para a frente. A abrir mais, yá!*

MIAA - E qual foi o projeto em que gostaste menos de participar e porquê.

E7 - Menos? *Pausa.* Projetos... Nós tivemos, por acaso... *Enquanto conta com os dedos.* Nós tivemos a *Treza*, o *Eu, Tu, Ele*. Depois o *Clean Water* Ah! O... O coiso das personagens... O do 11º, 2º.

MIAA - O quê?

E7 - O... das personagens, professora, do *Cabeças no Ar*. Entre estes quatro? Menos? Eu não sei, eu gostei de todos. Tipo! Não sei bem dizer qual é que eu gostei menos. *Pausa longa.* É. Eu gostei de todos. Não, não sei dizer o que eu gostei menos. *Pausa longa.* Talvez... Talvez o do *Cabeças no Ar* porque (~~permite identificação direta~~) e não foi muito bom, mas... Também foi bom para eu aprender a... A... Como é que se diz? Foi bom para eu aprender a desenrascar-me, por assim dizer. Porque eu não estava à espera de (~~permite identificação direta~~), então eu tive que dar a volta e... E... Foi bom para eu aprender isso. Mas... Que gostei menos, não tem assim muito. Talvez esse, porque foi o que nós menos trabalhámos. Sinto que não... Tipo. Sinto que não... Também como era improvisação... E depois algumas pessoas faltaram, então... Não foi aquela coisa... Mesmo em grupo... Talvez esse, sim. O *Cabeças no Ar*.

MIAA - E qual é que foi o projeto em que consideras que tiveste melhor desempenho e porquê.

E7 - *Pausa longa.* Ah. Talvez o *Eu, Tu, Ele* também, porque... pronto. Eu sinto que... Eu consegui-me expressar mais no *Eu, Tu, Ele*. Eu iria dizer a *Treza*. *Estala a língua.* Por causa da minha personagem, porque... Eu sinto-me mais à vontade a fazer esse tipo de personagens. Mas depois eu pensei, porque a *Treza* não é só a personagem... é também a parte do Movimento. E o Movimento não é assim... A minha área... Então... Foi no *Eu, Tu, Ele*. Sim.

MIAA - Porque te conseguiste expressar através do corpo?

E7 - Sim. E foi um... Eu con... Não sei... Eu senti-me bem a fazer aquilo... E a melhorar. Senti mesmo que estava a melhorar em alguns aspetos.

MIAA - Em quais aspetos?

E7 - O aspeto da expressão corporal. E da emoção. Em muito aspeto! *A rir.* Eu gostei bastante de fazer o *Eu, Tu, Ele*. Porque senti-me mesmo... *Abana a mão.* Senti... senti-me bem a fazer aquilo e senti... senti que estava a fazer aquilo bem. Senti tipo um bom desempenho da minha parte.

MIAA - E qual o que consideras que foi mais importante para a tua aprendizagem e porquê?

E7 - O *Eu, Tu, Ele*, também. *Ri.* É o que já disse. Eu já disse porquê... é basicamente esses pontos.

MIAA - Na tua opinião há uma relação direta entre gostar de um projeto e ter um bom desempenho?

E7 - Se há diferença?

MIAA - Se há relação.

E7 - Ah! Relação.

MIAA - Direta.

E7 - Ahhhh! Entre gostar e ter um bom desempenho.

MIAA - Hum. Hum.

E7 - *Pausa.* Sim. Eu acho que... Se eu gosto daquilo eu tenho mais motivação e se eu tenho mais motivação, eu vou tentar fazer melhor, vou tentar melhorar. Se eu... Se eu tipo... Se eu não gostar, eu sinto que vou estar menos... vou estar mais desmotivada e vou estar mais assim... Fogo! Eu não quero fazer isto. Então, gostar daquilo que eu estou a fazer ajuda-me a melhorar.

MIAA - E quando não se gosta?

E7 - Quando não se gosta é difícil! É preciso ter... *Faz força com os braços.* Mesmo. É preciso ter mentalidade de... Eu tenho de fazer isto. É... Quando não se gosta é um bocado difícil... De melhorar. Mas eu acho que... pode-se não gostar do projeto em si, mas... Eu gosto da área. Por exemplo. Imagine que eu não tinha gostado nada da *Treza*. Mas é teatro, e eu gosto daquilo, e só a parte de eu gostar daquilo que eu estou a fazer, é bom. *Aproxima as duas mãos fechadas com o os polegares para cima.* Não gostar de um projeto... é um bocadinho desmotivante, mas vai passar, mas então... vamos fazer... *Faz força com os braços.* Bem, que é para passar rápido!

Riem.

MIAA - E o que é para ti um bom projeto de formação?

E7 - É um projeto onde há... Onde há... *Pausa.* Um bom projeto de formação é um projeto onde há... Melhorias. Não é melhorias a palavra certa. Um bom projeto de formação é um projeto onde... Onde dá para ver... Desenvolvimento. Hum hum. Em... Em termos de... *Leva as mãos à cara.* Ai! O meu vocabulário. *Fala mais devagar e com pausas entre cada palavra.* Um bom projeto de formação... é um proj... *Ri. Pausa. Leva as mãos à cabeça.* Oh professora, eu estou bué tipo com falta de vocabulário.

MIAA - Diz, com as palavras que precisares.

E7 - Yá! Para mim um bom projeto de formação é um projeto onde há... Onde tipo. Onde as pessoas aprendem. Onde as pessoas gostam daquilo que estão a fazer. Onde o resultado final é bom. Onde o processo de criação também é bom e... Onde se aprende. Basicamente. *Pausa.* Yá!

MIAA - Mas agora tens de definir o que é que é bom. Porque disseste, um bom projeto... Isto é bom, isto é bom, isto é bom... então. Quando é que isso é bom?

E7 - *Ri.* Como assim professora?

MIAA - Quando disseste... O processo de criação é bom...

E7 - Ah! Ok. Ahhhum. É quando... Quando existe um desenvolvimento positivo e uma aprendizagem e onde... é quando o resultado final... Quando o resultado final atinge o nosso... *Leva a mão ao peito.* As nossas expectativas. E onde o processo de criação é algo que... *Leva a mão ao peito.* Que me motiva. É algo que me dá gosto estar ali. Quando eu estou num processo e eu estou a gostar daquilo que eu estou a fazer... Isso é bom! *Ri.* Quando eu vejo que eu estou a melhorar a cada... Ensaio por exemplo, e quando eu vejo, quando eu sinto que está a correr bem. *Aproxima as duas mãos fechadas com o os polegares para cima.* Isso é bom.

MIAA - E agora para conhecer as tuas ideias sobre os fatores que influenciaram a tua escolha no percurso escolar... Porque é que escolheste este curso?

E7 - Escolhi este curso... Eu escolhi este curso... é assim, eu tinha, por acaso... Eu tinha bastantes dúvidas em qual curso escolher. Tanto que eu vim para aqui um bocado depois do ano começar. Comecei em Artes Visuais. Porque... Como é um curso profissional ainda há um bocado daquele estigma de tipo ah! Tu tens boas notas e vais para um curso profissional? Não é a melhor coisa... Ahh. E ainda mais ser um curso de... Ser de teatro. Ser do ramo das artes... É mais do tipo. Vais ter trabalho no futuro? *Ri.* Ahhh. Não vais ter futuro. Só que, eu pensei, é isto que eu gosto. Eu gosto de fazer

isto. E eu quero aproveitar. Porque eu não... De alguma maneira, não sei quanto tempo é que eu vou estar cá, não é? Isto pensando no lado negativo. Ahhh. Então, é tipo, se eu durar mais três anos, eu quero aproveitar esses três anos, eu quero fazer algo que eu gosto. E agora estou cá. *Levanta os dois braços e volta a baixar.* E eu quero mesmo seguir isto. Que eu não tinha a certeza se eu queria seguir isto. Eu na minha cabeça era mais... Ah! Eu vou para teatro, eu aproveito estes três anos e como eu também gosto de psicologia. Eu também gosto bastante de psicologia. Tiro psicologia, depois eu sigo psicologia na Universidade. Só que agora estou mais numa. Eu gosto mesmo disto! *Ri.* Eu mudei mesmo de ideias, só de entrar aqui. Então... é, foi por isso basicamente, e agora quero mesmo continuar.

MIAA - E como é que reagiram a tua família e os teus amigos à tua decisão de vires para cá?

E7 - É assim, a minha mãe e o meu irmão que é tipo, as pessoas da minha família mais presentes. Ahh. A minha mãe, ela concorda que nós devemos seguir aquilo que gostamos. Mas, ao mesmo tempo ficou assim com um pé atrás do tipo, tens boas notas... E agora vais gastar as boas notas e vais para um curso profissional. É um bocado, não é? Difícil. E o meu irmão ele... Eu sinto que ele reagiu bem, mas foi mais porque eu já lhe tinha dito... Antes de eu lhe avisar que ia mudar para o curso de Teatro, eu já lhe tinha dito... Não, eu não te vou dizer, porque eu sei que tu vais reagir mal. Então como ele sabia dessa informação. Que eu já estava à espera que ele reagisse mal, ele reagiu bem. Então ele disse, faz aquilo que tu gostas. *Aproxima as duas mãos fechadas com o os polegares para cima*

MIAA - Tu conhecias alguém que estivesse a frequentar o curso ou acompanhaste de alguma forma os alunos do curso? Por exemplo os alunos de outros anos...num espetáculo ?

E7 - Eu não conhecia ninguém neste curso. Eu... A única coisa que me ligou a este curso foi uma colega minha, e... Ela estava no meu ano, ela não andava cá. Só que ela disse, eu vou... Eu vou para lá. Nós não éramos muito próximas ainda. Ela disse eu vou para lá. E depois, não sei... E até foi ela que me disse que abriu vaga. E foi por causa dela que eu entrei. Porque se não fosse ela, não tinha entrado. Então, mas foi só mesmo isso. Eu não, não conhecia ninguém, ninguém, ninguém.

MIAA - E conhecias o programa de curso antes de te inscreveres?

E7 - O programa é as disciplinas e assim?

MIAA - Hum hum.

E7 - Conhecia, eu pedi isso. Então... sim, eu conhecia.

MIAA - Pediste onde?

E7 - Não, pedi à... À (~~nome~~). *Yá*. Porque ela já andava aqui, como eu entrei depois...

MIAA - E tens interesse em ingressar no ensino superior?

E7 - Eu tenho, mas tenho dúvidas. Não sei... Não sei ainda. Eu tenho interesse, mas ainda tenho algumas dúvidas.

MIAA - Em relação à área?

E7 - Sim. Em relação à... Em relação a... Se... é mesmo... é tipo... preciso. *Pausa*. Não sei se tipo, se é mesmo uma coisa que eu precise. Então tenho ainda... As minhas dúvidas. *Sorri*.

MIAA - E vires para cá, e tendo em conta que já estavas noutro curso quando o ano começou e depois mudaste de curso. Achas que foi, uma decisão de impulso ou uma decisão pensada?

E7 - Eu acho que foi de impulso e pensada ao mesmo tempo. Eu acho que foi pensada e foi tão pensada que eu acabei por... foi pensada, só que o pensamento só me dava dúvidas. Então... Eu só pensei, vou. *Encolhe os ombros*. E fui! É. Foi basicamente isso. Foi pensada, mas, de tanto pensar começo a criar dúvidas atrás de dúvidas. Então eu só... larguei o pensamento e fui.

MIAA - E agora para conhecer os principais fatores motivacionais que te influenciaram ao longo do teu percurso formativo. Quais foram os fatores que mais te motivaram neste percurso?

E7 - A minha vontade. O eu estar aqui e eu estar a gostar daquilo que eu estou a fazer. Só o estar a fazer e estar a gostar, motiva-me a continuar. E... *Pausa*. Fatores que me motivaram? É a... Tipo, as coisas estarem a correr bem, isso motiva-me. Quando algo corre mal, deixa-me um bocado...triste. E estar, estar... As coisas a correrem bem... é claro que há sempre... há sempre uns imprevistos ou coisas que correm mal, mas no geral, eu estar... só eu estar a gostar disto, já me motiva, o suficiente. E depois as coisas ainda estarem a correr bem. Ah... é o que me motiva mais.

MIAA - Quando dizes as coisas estarem a correr bem...

E7 - As coisas estarem a correr bem... Ah... é a relação entre turma, a relação entre os professores. Ah... Os projetos que nós estamos... Ah... A criar e participar, eu gosto de os fazer e está tudo... *Aproxima as duas mãos fechadas com o os polegares para cima*. Está bom! Como eu tinha dito, já tinha explicado o que é que era bom para mim. Ah... E isso motiva-me.

MIAA - E quais foram os fatores que mais te desmotivaram?

E7 - Às vezes desmotivava-me... *Pausa*. O que me desmotivava. O cansaço de vez em quando. O que mais me desmotivou, agora recentemente foi o último *Palco Aberto* e foi... foi porque eu não estava a gostar daquilo... Eu não estava a gostar do... Do processo de criação... E eu não estava a gostar do... Não estava a gostar daquilo que nós estávamos a fazer. Então eu estava mesmo bastante desmotivada para fazer aquilo. E depois o resultado final também não fff... *Ri*. Não gostei nada, e... E eu fiquei mesmo... mal. Mas depois que aquilo acabou, a desmotivação foi-se embora porque, porque eu só estava desmotivada mesmo daquilo. Era o que eu estava a dizer. Eu gosto de fazer. Eu gosto da área que eu estou a fazer, eu só não gosto daquele projeto em específico. E... Ou seja, as coisas estarem a correr mal, desmotiva-me. *Ri*. Quando, quando eu não gosto do meu desempenho, isso desmotiva-me. E depois em... Às vezes... Não. Não, não. Eu ia dizer ter muitas coisas para fazer, mas isso não me desmotiva. *Riem*. *Yá!* Às vezes gosto de ter assim tipo. Não, é claro que cansa e... Confunde e... É às vezes até demais. Mas, não é... Ter muitas coisas, ter muitos projetos a acontecer ao mesmo tempo. Não é algo que me desmotiva. O que me desmotiva mesmo é eu não estar gostar daquilo que estou a fazer.

MIAA - Achas que foi demais a nível da quantidade de projetos este ano?

E7 - Não, não acho que foi demais. Acho que foi... sobreposto. Agora, ao todo, demais, não foram. Mas, algumas coisas foram tipo, foram sobrepostas umas nas outras e aconteceram todas ao mesmo tempo, Mas por acaso, a mim não... Eu não acho que... Para mim não foi uma coisa que... foi assim... Foi mais agora no final. *Palco Aberto*, a *Pap* e mais o *Eu, Tu, Ele*. Isso foi... Mas sinto que não é... Muito, muito, muito. Eu sinto que é... *Encolhe os ombros*. Pronto. É. É só. *Pausa*. Então, é, é só isso.

MIAA – E antes de escolheres o curso, para ti, o trabalho de ator era um trabalho individual ou coletivo?

E7 - Era coletivo. Eu já... Não. Por acaso era individual. Eu... era individual... Eu... Assim, era coletivo. *Pausa*. Mas eu pensava que era mais individual do que aquilo que é. Eu, eu agora entrei aqui e eu sinto... *Junta os braços de fora para dentro*. Que é muito mais um trabalho coletivo. Do que sentia antes. Mas também é individual. Tem muito dos dois lados.

MIAA - *Ri*. Então agora achas que tem muito os dois lados?

E7 - Sim. E acho que é mais... acho que é mais coletivo do que eu achava antes.

MIAA - Isso é um fator de motivação ou desmotivação, para ti?

E7 - É de motivação.

MIAA - De motivação?

E7 - De motivação.

MIAA - Queres dizer mais alguma coisa? Em relação a isto ou que achas que é importante ficar registado.

E7 - Acho que não. Acho que está tudo.

MIAA - Obrigada pela tua participação!

E7 - Ah! Acabou? *Sorri. Aproxima as duas mãos fechadas com o os polegares para cima. Ok. Levanta-se.*

Fim de transcrição.

Entrevista a E8

Dia 23 de Junho de 2022

MIAA - Qual foi o projeto em que gostaste mais de participar e porquê?

E8 - Na escola, ou fora?

MIAA - Na escola. Projetos de formação na escola. No curso.

E8 - Ahh. Se calhar o *Clean Water Act*. Porque acho que foi uma oportunidade gigante para a nossa turma. Porque... primeiro nós tivemos apresentação no (~~Teatro Municipal~~), que é algo que no 10º ano... Nem sempre dá para fazer isso. Não temos sempre essa oportunidade. Depois também trabalhámos com bailarinos profissionais, com pessoas de fora, então.... Dá aquele lado mais... profissional. E também tivemos a trabalhar com o 11º, que também é uma grande oportunidade conseguirmos trabalhar com outras pessoas novas, não só com a nossa turma.

MIAA - E qual foi o projeto em que gostaste menos de participar e porquê?

E8 - Não sei, eu gostei de todos. *Ri.* Ahh. Deixa-me pensar. Nós tivemos a *Treza*... Que... Em todos... Não sei... Humm... *Pausa.* Não faço a mínima, professora. Ai, deixa-me ver. *Pausa.* Porque eu gostei de todos. Eu acho que todas as coisas, nós aprendemos alguma coisa. Não sei. Acho que gostei de todos. Não houve assim um que eu gostei assim... Muito. Que eu não gostei nada dele! Não. Acho que não.

MIAA - E qual foi o projeto em que consideras que tiveste melhor desempenho e porquê?

E8 - Se calhar no *Clean Water Act*. Sim. Ou então não... sei. Deixe-me ver... *Fecha os olhos*. Sim. Um deles se calhar foi o *Clean Water Act*. Porque... pronto, tinha a dança... A musicalidade é o que eu gosto muito de fazer. E tive muito trabalho, para ficar bom, Ahh. Por isso, eu acho que correu muito bem, pelo menos na minha parte. Ahh. Também gostei... da curandeira, foi algo que eu gostei muito. Que acho que deu certo também. Ahh. Deixe-me ver... *Pausa*. A *Treza* também foi, foi uma coisa fixe. Acho que foi uma coisa que... *Sorri*. da nossa turma, é algo que... Eu gostei imenso de fazer. Por isso é algo que tive um empenho bom também nisto.

MIAA - Desempenho? Desempenho.

E8 - Desempenho, sim. Ahh. Sim, acho que foi o *Clean Water Act*. Aquele que foi assim... Que eu... *Bate duas vezes com a mão fechada na mão aberta*. Trabalhei mesmo muito. Acho que foi o *Clean Water Act*.

MIAA - E qual o que consideras que foi mais importante para a tua aprendizagem e porquê?

E8 - Humm. Eu acho que foi a *Treza*. Sou sincera. Porque eu acho que nós na *Treza* fizemos imensa coisa... A *Treza* em si, nós fizemos a curandeira que foi com Movimento, tivemos de fazer saber por exemplo, uma coreografia, sozinhas, sem música, só com os nossos sons. Conseguir fazer uma personagem, sozinhas. Uma personagem que nós escolhêssemos. E... Por exemplo... Também tivemos texto, tivemos de decorar... Ou seja... A *Treza* eu acho que a *Treza* em si foi algo que nós fizemos praticamente tudo. Que nós conseguimos, que nós aprendemos aqui. Foi tipo adicionando. A *Treza* foi sempre adicionando coisas... Boas e coisas que fomos sempre aprendendo ao longo do ano. Então acho que foi isso. Foi a *Treza*.

MIAA - Na tua opinião, há uma relação direta entre gostar de um projeto e ter um bom desempenho?

E8 - Outra vez, outra vez.

MIAA - *Mais pausadamente*. Na tua opinião, há uma relação direta entre gostar de um projeto e ter um bom desempenho?

E8 - Ahh... Eu acho que nós às vezes podemos gostar muito de um projeto e não dar muito certo. Ou não tivemos assim um grande empenho. E às vezes também podemos dar muito empenho num trabalho e não gostarmos muito dele, porque... Por exemplo, eu vou dar um exemplo de... Se nós. Nós demos muito. Nós tivemos um grande desempenho num projeto, mas ele é de avaliação e por isso é que nós tivemos um grande desempenho nele. E às vezes nós gostámos imenso de um projeto mas só que

não tivemos aquele desempenho... Grande e se calhar... *Encolhe os ombros*. Não. Não deu, ou estávamos nervosos... Não sei, pode sempre ter esse problema. Mas! Eu continuo a achar que sim! Que tem uma relação porque se nós gostamos de um projeto nós vamos ter empenho, não é? Nós vamos trabalhar muito nele para ficar bom! Então... tem esses dois lados.

MIAA - E com o empenho vem o desempenho?

E8 - Sim. *Abana a cabeça de cima para baixo, para os lados*. Sim. Eu acho que sim. Sim! *Acena afirmativamente*.

MIAA - Ri. O que é para ti um bom projeto de formação?

E8 - É um projeto onde trabalhamos muito. Que teve... A finalização do projeto correu bem. Que a finalização do projeto correu bem, que acabou bem. Ahh. Pronto tivemos empenho nele Ahh. Conseguimos trabalhar bem com todos e... Tivemos assim... Trabalho! Muito trabalho, muitas horas nesse projeto e depois vemos que correu bem. Acho que isso é que é um projeto.

MIAA - Agora para conhecer as ideias dos alunos sobre os fatores que influenciam a escolha do percurso escolar. Eu gostava de saber porque é que escolheste este curso?

E8 - Então. Eu sempre pensei... fiz ginástica quando era mais pequena também, e sempre gostei de dançar e também, já tive numa, num, numa, num grupo de teatro... Fora da escola. Ahh. Eu andei lá um bocado, depois também tive sempre a dançar. E sempre fiz espetáculos, e sempre gostei de representar, e fazer algumas personagens, e de agir de alguma forma diferente. E, e, de cantar. Também gosto muito de cantar. E eu Ahh. A primeira escolha não foi no teatro. A minha primeira escolha acho que foi Línguas e Humanidades, que foi o que eu vi primeiro. E eu, ok! Sou boa em línguas... Eu vou para Línguas e Humanidades! Depois fui vendo as matérias... As disciplinas e eu... *Franze o nariz*. Humm. Não sei se é isto que eu quero mesmo. Depois eu fui ver mais cursos e vi o curso de Teatro. E fui vendo, ah! Movimento, ok. Voz! Então e Interpretação e coisas que eu gosto! E depois também outras matérias tipo o Português, o Inglês, tipo, Área de Integração. Há muitas coisas, Educação Física e é tudo assim junto e eu achei ok. Se calhar é mesmo isto, e pronto e como eu sempre dancei, sempre gostei do palco. Pensei, ok. Se calhar é isto que eu quero fazer, na escola. Não só estar sentada numa sala a escrever e fazer algo que eu gosto mesmo! 24 horas por 7. Pronto. Foi por isso que eu escolhi este curso.

MIAA - E como é que reagiram a tua família e amigos à tua decisão de vir para este curso?

E8 - Ok. Ahh. Primeiro quando eu tive a ideia de ir ao curso eu falei com os meus pais e eles fizeram... ok, mas tens a certeza? Porque é um curso diferente, não é algo que, pronto! Algo que, vai toda a gente, para aqui. E eu, sim, eu acho que eu quero mesmo isto. Pronto ok. Se quiseres, tudo bem. Se não gostares. Pronto. Trocamos. Eles sempre foram assim. Eles sempre... aceitaram tudo e sempre... só queriam o melhor para mim, não é? Eles sempre querem o melhor para mim E acho que isso... *Ri.* É o melhor e é o normal. E eles aceitaram bem, disseram, que se não gostar pronto, eu posso mudar de curso ou para o próximo anos, ou depois em Dezembro, no primeiro período. Ahh. Então eles aceitaram bem e acharam que é bom porque eles sentem. Pelo menos, os meus pais, eles sentem que sim. Que o teatro, e o palco, e as pe... E os projetos e essas coisas todas, são mesmo para mim! Então eles aceitaram bem. Ahh. Os meus amigos também acharam a mesma coisa. Eles, os meus amigos que por exemplo, eu tinha da turma passada, do 9º, 5º e - *faz gesto sequencial* - dessa gente, eles aceitaram super bem e depois para eu explicar como é que era... E estavam ansiosos. Até porque, na minha escola, praticamente todos os professores perguntavam ah! Para onde é que vocês agora vão? Eu vou para Humanidades, Ciências, Economia, e era sempre assim, Artes. E depois, do nada a (~~diz o seu nome~~) Teatro! E eles, Teatro? Teatro. E depois eles, Ok! Que bom! E... Tal... E estavam muito ansiosos, porque é uma coisa que é diferente, nem todos vão... Para Teatro assim... E até nós não temos aqui em (~~loca~~), nós só temos este curso, aqui na (~~escola~~). E então foi algo que eles ficaram... ansiosos e espantados. Ahh. E alguns diziam, ai! Já vi espetáculos deles, é muito bom o curso e tudo mais, acho que vai ser muito bom para ti. E pronto e eu fiquei, ok! Se calhar é mesmo para mim e como as pessoas ao redor de mim estavam ansiosos para mim, comigo. Estavam ansiosos para eu ir para aqui e... Ansiosos e felizes por eu vir para aqui, para o curso, se calhar deu-me ainda mais motivação para estar aqui. Então... correu bem. Essa parte.

MIAA - E conhecias alguém que estivesse a frequentar o curso ou acompanhaste os alunos do curso? Viste algum espetáculo?

E8 - Ahh. Eu... Eu conhecia... é assim, eu já tinha ouvido falar um pouco sobre este curso, mas não muito, antes de vir para aqui. E depois, quando comecei a pesquisar mais sobre o curso para ver se eu quero entrar... fui ao *facebook*, vi fotos, vi vídeos e comecei a pensar ok, como é que isto vai ser. E pessoas, eu não conhecia assim, de conhecer muito bem a pessoa. Eu já tinha visto ela de vista, al... Por exemplo, como eu

ando na academia de dança, alguns também já tinham vindo lá, assistido algumas aulas ou feito algum workshop. Mas eu já tinha visto aquelas pessoas assim de vista. E já sabia ok, elas são de teatro, ou algo do género. Ahh. E pronto, sim, é isso! Não conhecia assim alguém mesmo muito bem, próximo. Tipo, alguém muito próximo de mim, mas de vista, já conhecia, mais ou menos, sim.

MIAA - Conhecias o programa de curso antes de te inscreveres?

E8 - Sim. Conhecia, eu... Conhecia, mas, Ahh. Só conheci melhor quando eu comecei mesmo a pesquisar para ver se eu queria entrar ou não.... Antes não. Não tinha informação sobre ele. Nem tinha pesquisado.

MIAA - Onde é que encontraste informação?

E8 - Ah! Nós tínhamos a psicóloga, na outra escola, e ela... mandava sempre a todos os alunos, em todas as escolas que cursos é que eles têm. E pronto! E eu estava a ver e vi a (~~escola~~). E eu assim, ok, vou ver o que é que há! E vi Música, e depois eu vi Teatro! E eu, Teatro? Ok, então... então vou pesquisar mais sobre isto. Porque eu nem sabia que havia assim um curso de Teatro mesmo. Eu pensava, ok. Deve ser tipo... Um grupo. De teatro. Um curso assim fora da escola que eles fazem fora da escola, ou algo do género. Mas não, é mesmo um curso profissional de ensino. De secundário mesmo. Então... foi só aí... foi daí que eu... Pronto, encontrei o curso. Foi daquela psicóloga. E... Pronto, depois fui pesquisar e informar-me sobre isto. E cá estou eu! *Ri*.

MIAA - Tens interesse em ingressar no ensino superior?

E8 - Ahh. Sim. Eu gostava. Eu ainda não sei muito bem. Ahh. Para que área mesmo certa, certa, certa. Sei que é aqui na área das artes. Não sei se será mais para a dança, ou para teatro, ou para cinema. Isso ainda não tenho a certeza. Mas eu quero depois, prosseguir... Para o ensino. *Faz um gesto para a frente, com a mão.*

MIAA - E achas que vir para teatro foi uma decisão que foi mais por impulso ou foi uma decisão mais pensada?

E8 - Ai eu sou muito pensativa! Primeiro penso muito e depois é que faço as coisas... Mas... Ahh. Sim a... Eu antes era Não foi de impulso, muito. Eu... Assim, últimos dias de me inscrever... Eu assim, será que vou, será que não vou, não conheço ninguém... E depois, também a (~~nome~~) era da mesma escola que eu, não da mesma turma, mas eu... Ahh. Comentei com ela. Ai, eu estou a pensar ir para o curso de teatro. Sabes, eu também! E eu, ok! Então vou pensar ainda mais sobre isso! Ok, há alguém que eu conheço, que vai, vai ser mais fixe... Ahh. E pronto. Eu pensei muito e estive a pesquisar, e vi todas as coisas, ok que aulas é que há. E se... é melhor não ir porque não

há, sei lá, matemática, ou assim, sei lá, não sei! E o que é que os meus pais vão pensar? E tudo mais... foi... Eu pensei muito. Mas eu depois pensei daquela forma que... é algo que eu gosto. E se eu... Não for... Vou perder isso, e se calhar vou perder a oportunidade de saber mais sobre isto. E se calhar depois a minha vida vai ser diferente. Vai haver algo... *Faz um gesto para o lado com a mão.* Vai haver uma direção diferente, e eu não sei se queria muito isso. Eu não sei se queria muito... sei lá, ser doutora. *Ri.* Ou algo desse género! Então pensei, não... Teatro é mesmo para mim... Tipo. O palco, as performances e tudo mais, é mesmo para mim, então... Eu pensei... pensei muito. E só depois é que eu... ok, vou!

MIAA - E agora para conhecer os fatores motivacionais que te influenciam ao longo do seu percurso formativo. Gostava de saber quais foram até agora os fatores que mais te influenciaram neste percurso?

E8 - Tipo... O que é que foi bom? Ou...

MIAA - Sim, que mais te motivaram. Que mais te motivaram.

E8 - Ok. Eu acho que, as apresentações e as provas e tudo o que nós, pronto, tivemos... Ao longo deste ano a mostrar, foi uma grande motivação para mim. Não foi só ok! Nós estamos a aprender isto, estamos a ter aulas... diferentes, mas... Ahh. Se nós não mostrássemos nada a ninguém seria algo... Assim, desmotivador, então eu acho que... As apresentações, e as provas e os projetos que nós estamos sempre a fazer é algo muito motivador. Também o que me motiva muito é trabalhar com outras pessoas, diferentes. Não só, por exemplo, com a nossa turma, mas sim com outras, porque eu acho que isso também nos ajuda... Para o futuro. Porque, depois, no futuro, nesta área nós vamos ter de trabalhar com pessoas diferentes. Sempre com pessoas diferentes. Então, aprendendo já isso, acho que motiva muito! E eu acho que este curso mostra-nos muito... Como será o futuro. Não só... pronto. Aprendemos e ponto final. Aprendemos isto, aprendemos aquilo, aprendemos como cantar e interpretar, mas também fizemos projetos e também mostrámos. E também, e também trabalhámos com outras pessoas. Pronto, temos trabalhado para o futuro. Por isso é que é um curso profissional... é algo profissional. *Ri.* Pronto e eu acho isso... foi isso que me motivou mais.

MIAA - E quais foram os fatores que mais te desmotivaram?

E8 - Eu acho que o que me desmotivou às vezes, foi, as condições da escola. Às vezes nós não... Portanto agora, felizmente temos luzes, não é? Mas antes nós não tínhamos luzes, por exemplo, e isso desmotivava, eu pensava, fogo! Então agora não, não temos luzes, não conseguimos fazer um projeto assim tão bom como podia ficar. E depois, por

exemplo, é essas coisas, às vezes as condições da escola não foram as melhores. Ah eu acho que isso desmotivou-me um bocadinho, às vezes. Mas pronto, isto agora está sempre a melhorar e ainda bem.

MIAA - Quando dizes as condições estás a falar em luzes de cena, não é?

E8 - Sim.

MIAA - E mais?

E8 - E mais? Se calhar... Por exemplo... temos.... Eu se calhar vou dizer desta forma... Isto não é bem condição, mas... Por exemplo, nós às vezes não conseguimos entrar no auditório, sempre. Nunca temos assim muito... Tempo... E espaço... E tudo mais. Eu acho que podíamos ter mais oportunidades para nós, para nós utilizarmos no auditório. Porque muitas vezes não dá. Acho que isso desmotiva, também, um bocado. Ahh. E mais? Assim... Isto já é mais da escola, não é? Tipo as casas de banho! Não ter essas... Tipo, sabão e coisas assim! Mas isso já é mesmo da escola. Isto não é do curso Ahh. E, pronto, eu acho que é isso, por exemplo no auditório às vezes não há cadeiras, aquelas, algumas estão partidas ou algo do género, e isso é uma coisa que pronto! Tem de se... é preciso dinheiro, e esta escola também não tem assim... Tanto. Acho eu. E pronto. Agora felizmente temos luzes, pelo menos! *Junta as duas mãos perto do peito*. Isso é... Eu acho que foi a melhor coisa.... De condições na escola eu acho que isto foi a melhor coisa que aconteceu! *Ri*. E pronto. E acho que é isso, que me desmotiva um bocadinho, mas... *Encolhe os ombros*.

MIAA - Antes de escolheres o curso, para ti, o trabalho de ator era um trabalho individual ou coletivo?

E8 - Trabalho o quê?

MIAA - Individual ou coletivo?

E8 - Não, não, pode repetir tudo?

MIAA - Antes de escolheres o curso, antes de vires para cá, o trabalho de ator, para ti, era um trabalho individual ou coletivo?

E8 - Aí eu acho que é um trabalho coletivo. Eu acho que é muito mais um trabalho coletivo do que individual, porque... pronto, nem sempre, às vezes pode individual. Mas a maioria das vezes é coletivo porque... pronto! Nós temos uma peça de teatro, nós temos de trabalhar com muitas pessoas. Na maioria das vezes, às vezes podemos fazer uma peça de teatro sozinhas. Ou sozinho, pronto, tanto faz. É, mas eu acho que é mais coletivo porque nós estamos sempre a trabalhar juntos e estamos... Mesmo se for, por exemplo, ahh. Mesmo que nós tivermos uma peça só... sozinhos, pronto. Tivermos uma

peça que estamos a representar sozinhos, detrás da peça nós temos imensas pessoas que também trabalharam connosco. Para... Para as luzes, para encenação, para tudo. Então, eu acho que é um trabalho coletivo, sempre foi... Ahh. E pronto, eu acho que é isso, é um trabalho coletivo.

MIAA - Isso é o que tu achas agora, certo?

E8 - *Acena afirmativamente*

MIAA - E já achavas isso antes de entrares no curso? Sim ?

E8 - Sim sim, sempre achei! Não tenho essa dúvida.

Riem.

MIAA - Deixa-me só ver aqui uma coisa... Pausa longa. O mesmo curso sem notas seria desmotivante.

E8 - Ahh. Sim.

MIAA - Consegues-me explicar?

E8 - Porque... eu acho que.... Se nós temos, por exemplo, se nós não tivermos notas, eu acho que nós vamos estar mais... Tranquilos... ok, pronto, vamos fazer isto, mas não há problema. Fazemos melhor depois da outra vez e está feito. Ou então nem pensamos dessa forma, ou fazemos e pronto. Não deu certo, não deu certo! *Encolhe os ombros e roda as mãos para fora.* Pronto, tá tudo bem. Mas agora, se nós tivermos uma nota... Ahh Nós vamos pensar... ok. Eu tenho de fazer isto bem... Porque senão... Isto não vai correr bem, ou eu não vou passar no módulo, ou tudo mais, e nós queremos uma boa nota... E eu acho que... pronto, se nós não tivéssemos nada... Se nós não tivéssemos uma avaliação, eu acho que nós íamos estar mais a... *Bate várias vezes alternadamente, com as costas de uma mão na palma da outra, para a frente e para trás.* A borrifar, podemos dizer assim. Tipo... ok. Fazemos e ponto final. Olha, se não deu, não deu! Pronto, não faz mal! E agora, se nós por exemplo, tivermos uma avaliação e não correu bem, nós vamos ter de fazer outra vez... Ou fazer outra vez o módulo ou... Se não correu bem, não sei... Tanto faz. É aquela coisa, por exemplo. Até, eu posso dar o exemplo de ok alguém... Está mal da perna, não consegue fazer tipo a apresentação hoje. A... Se não tivesse avaliação, não fazia e pronto e não acontecia mais nada. Não fazia. E agora, se há uma avaliação, ele não precisa de ser avaliado? Então, quando ele estiver melhor da perna, quando aquela pessoa estiver melhor da perna, vai ter que fazer outra vez... A mesma coisa que as outras pessoas fizeram. Ou seja, quando tens avaliação tu tens de estar motivado e fazer as coisas sempre. Se não tivesses avaliação, pronto! Não fazias, pronto, está tudo bem, ficavas mais tranquilo... Eu acho que como nós estamos no

ensino. Como ainda estamos no ensino, profissional. Ainda estamos a aprender, eu acho que sim, deve haver avaliações para tu teres a noção do que é que estás a fazer. Se estás a fazer bem ou não, o que é que tens de melhorar. Porque se não houvesse avaliações, pronto, não sabíamos, eu acho... Que não... pronto que não íamos ter essa noção de como é que nós estamos de avaliação, acho que é isso.

MIAA - Queres dizer mais alguma coisa?

E8 - Hum... O que eu posso dizer é que eu estou muito feliz neste curso. Só quero... crescer mais e aprender mais, e trabalhar com mais pessoas e ter melhores projetos. E mais, mais, mais projetos. E acabar bem este curso, e ver como é que vai ser depois no futuro, e pronto, acho que é isso! *Ri*. Pronto!

Riem...

MIAA - Muito obrigada!

Riem...

E8 - Obrigada eu.

Fim de transcrição.

**Entrevista a E9
Dia 23 de Junho de 2022**

MIAA - Qual o projeto em que gostaste mais de participar e porquê?

E9 - O projeto que eu mais gostei de participar foi o *Clean Water Act*. Porque... Porque... Porque primeiro eu acho que por estarmos na escola... Muitas das pessoas associam a escola como um lugar de convivência. Vamos conviver com os outros e às vezes, não fazem tanto o trabalho, estão mais naquela... Naquele pensamento de conviver, de estar com os outros. E não acabam por... Tipo. Falar, ok, estou aqui para trabalhar. Não, eles tipo, às vezes o nosso cérebro muda e tipo estou com os meus amigos aqui e vou estar a brincar e não vou trabalhar. E isso acaba depois, por atrapalhar um pouco o processo de trabalho. Estamos a trabalhar. Porque não estamos aqui para brincar, mas para trabalhar. Mas por estarmos na escola, às vezes isso começa a... Isso mistura-se tudo. Então eu acho que tipo, o *Clean Water Act*, tipo foi, vieram pessoas de fora, nós tivemos a oportunidade de trabalhar com pessoas de fora. De ter essa outra visão de não ser só da escola. Tivemos oportunidade de trabalhar com outras turmas de teatro. Que nós não trabalhávamos. E ter essa noção de trabalhar com mais gente, o que é que é um projeto maior. E, e... Foi uma experiência diferente, pelo menos

para mim, porque eu trabalhei mesmo num palco. Então tivemos ali a trabalhar no palco e eu tive uma outra perspectiva. Então para aquilo, aquilo para mim, eu consegui aprender muito mais, com aquele projeto e quando trabalhamos no (~~Teatro Municipal~~), do que em alguns outros projetos que trabalhamos na sala, tiveram a brincar. E não nos esforçámos tanto. Então para mim, eu acho que foi... Como foi totalmente diferente, eu aprendi muito mais, eu senti que eu absorvi muito mais coisas do que noutros projetos, feitos na escola.

MIAA - Qual o projeto em que gostaste menos de participar e porquê?

E9 - O projeto que eu gostei menos de participar. Mas projetos contam provas ou só mesmo os projetos? *Pausa longa*. Deixa eu ver, o que eu gostei menos de participar. *Pausa*. Não teve assim... Não teve nenhum projeto que eu detestei, “Ai meu Deus, não era para mim”. Não teve nenhum assim, mas o que eu acho que não gostei tanto, eu acho que foi a prova, aquela prova que nós tivemos de fazer passo, chamada, salto e com as lutas. Porque nessa época a turma estava muito desconcentrada, não estávamos numa harmonia num só para trabalhar. E não sei... O passo, chamada, salto não me chamava, não me chamava uma atenção. Eu, então... *Afasta as mãos*. Foi algo que... Não puxou muito de mim. Além de... Já não puxava muito e nós já estávamos meio dispersas... então acho que foi o que eu menos gostei. Mas não teve um assim que eu... “Meus Deus, eu odeio aquele projeto”, não teve! Mas foi o que eu menos gostei porque não conseguimos trabalhar bem.

MIAA - Qual o projeto em que consideras que tiveste melhor desempenho e porquê?

E9 - O que eu estive melhor? Eu acho que foi... Na *Treza*. Que eu fiz aquele meu... foi o que eu fiz... Cada uma fez um personagem ou o texto e eu fiz o meu texto. E eu acho que eu fiz... foi o que eu fiz... tive melhor. Porque, primeiro, tivemos mais tempo para trabalhar e eu... Eu senti mesmo, na hora da prova de fazer a *Treza* eu senti mesmo que... Eu estava ali. Eu consegui entregar uma coisa. Eu fiquei assim... Fiquei satisfeita com o meu trabalho. Então foi o que eu acho que tive melhor desempenho.

MIAA - Qual é que consideras que foi o mais importante para a tua aprendizagem e porquê?

E9 - O mais importante? O mais importante... *Pausa longa a olhar para baixo*... Agora estou a tentar lembrar dos projetos, para ver... Qual foi o que eu mais aprendi. *Pausa*. Eu acho que também foi o *Clean Water Act*, que eu, tipo, aprendi mais. Foi o que eu aprendi mais?

MIAA - O mais importante para a tua aprendizagem.

E9 - Ah! Ok, o mais importante para a minha aprendizagem... O mais importante para a minha aprendizagem... Eu acho que foi esse porque... Nós tivemos chance de... Nós do 10º ano, tivemos a chance de misturar o Movimento com as aulas de Voz e o Inglês. Ou seja, tivemos que cantar e dançar ao mesmo tempo. Não, tipo, perder o centro, porque senão a voz falhava. Ter de dançar, mas também, a dança também tinha que estar lá, então ver se estava tudo certo... tivemos aquela, aquelas pessoas a trabalhar de fora. Trabalhar com outras pessoas que nós não estamos acostumados... E eu... Ainda mais... Por terem outras pessoas no projeto, eu ouvi coisas e tive perspectivas.... Vi outras perspectivas, de outras pessoas e isso ajudou-me a enxergar as coisas, de modos diferentes e a aprender mais. Então foi, por ser um projeto maior, eu aprendi vários, muitas, várias coisas que me ajudaram e consegui tipo... ter mais ou menos a noção porque foi... A primeira apresentação em cima do palco mesmo. Então consegui ter aquela... Uma noção e consegui aprender mais. Eu acho que foi isso, o *Clean Water Act*.

MIAA - Quando falas nas outras pessoas, falas nos teus colegas da outra turma, ou...?

E9 - Sim porque aqui estamos muito acostumados a só a turma com um professor em sala de aula, depois vamos fazer as provas, vamos fazer os projetos, às vezes chamamos outro professores. Mas nós nunca tivemos essa experiência de... vamos para um grande palco, para um auditório, que tenham pessoas de música, tenham músicos, que tenham bailarinos, que tenham outras turmas de teatro e que tenham aquela gente toda para trabalhar para uma coisa só. E temos várias pessoas e temos que fazer várias coisas, nós nunca tivemos uma experiência tão grande, então acho que foi por isso que foi o maior aprendizado.

MIAA - Na tua opinião há uma relação direta entre gostar de um projeto e ter um bom desempenho?

E9 - Há diferença entre gostar e...

MIAA - Há relação direta, ou seja, se estão ligados. Gostar e ter um bom desempenho.

E9 - Sim. Há uma ligação. Porque se nós gostarmos de fazer aquilo que estamos a fazer, nós vamos ficar animados com aquilo, vamos estar mais empenhados, eu quero fazer isso, eu quero fazer isso... então, vamos... E, e, se estiver a fazer algo mal, nós vamos ficar... eu tenho de corrigir isso. Vamos acabar por dedicarmos mais porque é uma coisa que nós gostamos de fazer. Já se nós não gostamos muito... Ah, eu vou fazer isso, mas é

porque eu tenho de ter uma nota. Vou tentar fazer algo bom para ter uma nota boa, mas não vamos esforçar muito. Não vai ter aquela dedicação e aquela coisa... De quando nós gostamos de fazer algo. Então acho que há assim uma ligação.

MIAA - O que é para ti um bom projeto de formação?

E9 - Um bom projeto de formação. *Pausa longa.* Tipo... *Pausa.* Um bom projeto de formação. O que é que seria? *Pausa.* Para mim, eu acho que... Um bom projeto de formação seria um projeto em que as pessoas estão focadas, querem fazer aquilo, querem chegar num ponto e estão todas em harmonia para fazer aquilo, todas unidas. As pessoas, não esteja também aquele clima tenso entre as pessoas. De eu tenho que ser melhor que aquele ou tenho de ser melhor do que aquele outro. E sim de se ajudarem e estarem, estás com mais dificuldade, eu ajudo-te. Estás com mais dificuldade, eu ajudo-te! E estar naquele clima de harmonia e amizade. Aprendermos com as coisas que nós estamos a fazer, ter outras experiências, ver outras perspetivas, aprender novas coisas. Que vão-nos ajudar a crescer e a melhorar as nossas capacidades, e também que de alguma forma reflita a nossa vida, mesmo que nos ajude pessoalmente também, a crescer como pessoas. *Ri.*

MIAA - E agora para conhecer as ideias dos alunos sobre os fatores que influenciam a escolha do percurso escolar eu gostava de saber porque é que escolheste este curso?

E9 - Porque é que eu escolhi... Eu escolhi este curso porque era mesmo um sonho que eu tinha e tenho e que era.....

Breve interrupção pela entrada de alunos na sala de aula (...) Depois de saírem...

MIAA - Porque é que escolheste este curso?

E9 - Eu escolhi este curso porque era mesmo um sonho que eu tinha, porque eu fiz teatro pequena, eu comecei, fiz peças de teatro na igreja quando eu entrei para a catequese mas depois... E eu sempre fiz aquilo como uma brincadeira depois eu parei, só que depois eu voltei a fazer teatro na escola e... acendeu uma coisa dentro de mim parece que eu estava a reviver uma coisa e eu fiquei: Uau! Tipo. Isso proporciona-me, eu sinto coisas e proporciona-me coisas que nenhuma outra coisa consegue, então eu fiquei... é isso que eu quero! Então eu vim para esse curso para conseguir realizar o meu sonho, que é ser atriz e trabalhar com isso.

MIAA - E como é que reagiram a tua família e os teus amigos à tua decisão de vires para aqui?

E9 - Para aqui para a (escola)?

MIAA - Para o curso.

E9 - Para o curso, eles aceitaram bem... Não... Não teve ninguém que se opôs, tipo, a minha mãe, ela virou para mim e falou eu vou apoiar-te no que tu escolheres no que tu quiseres eu vou estar aqui do teu lado, o meu pai falou a mesma coisa e tiveram sempre do meu lado a apoiarem-me. É assim.

MIAA - Conhecias alguém que tivesse a frequentar o curso ou acompanhas-te os alunos ou viste algum espetáculo?

E9 - Eu cheguei aqui de paraquedas, não conhecia ninguém. Eu só conhecia uma única pessoa, que era a (~~nome~~), porque eu já estudava com ela e ela já era a minha melhor amiga na outra escola. Nós já nos conhecíamos e viemos para cá juntas, mas chegamos as duas aqui assim uma do lado da outra, quem é essa gente toda, pera?? Foi um, chegámos mesmo assim e começámos a adaptarmo-nos à escola, como funciona aqui na escola. A conhecer as pessoas, mas... Ahh, e conhecia também, na época eu não falava muito mas eu já conhecia um bocado a (~~nome~~), mas nós não falávamos muito. E eu lembrava da (~~nome~~) assim de vista, mas tipo, ela lembrava-me de algum lugar, foi depois quando eu a vi, ah! Eu já conhecia ela, mas a única pessoa assim que eu falava mesmo era a (~~nome~~), de resto eu não conhecia as pessoas era só a (~~nome~~) a (~~nome~~) e a (~~nome~~), eram as três de resto eu não conhecia ninguém, nunca tinha visto nenhum projeto da escola e é isso. (~~permite identificação direta~~).

MIAA - Conhecias o programa de curso antes de te inscreveres?

E9 - Se eu... Ahhh. Sim. Eu acho que sim. Eu estudava... Em (~~nome~~) e quando eu estava lá a estudar, já andava à procura, tipo. Onde é que eu consigo estudar teatro. Onde eu consigo... Depois ir para o curso, onde é que há. E, por acaso a mãe da (~~nome~~) tinha dito a ela, que me disse que aqui na (~~escola~~). Em (~~local~~), aqui na (~~escola~~), tinha um curso de teatro. E foi quando eu fui pesquisar, eu comecei a pesquisar sobre a (~~escola~~), comecei a pesquisar como é que era o curso.... Tudo... Toda a informação que eu podia pegar, eu peguei em tudo. Todas as informações que eu conseguia. E depois eu fiz um *google forms* com a inscrição. Depois fiz uma videochamada e tal, eu fiquei a saber do curso mesmo antes. Por causa da (~~nome~~) que disse-me do curso.

MIAA - Tens interesse em ir para o ensino superior?

E9 - *Yes*. Tenho.

MIAA - Dentro da área das artes ou teatro, ou...

E9 - Eu tenho, sim. Eu tenho interesse de para ir para o ensino superior. Eu quero ir para uma Universidade. Mas em princípio não aqui em Portugal. Eu queria ir para uma

Universidade fora. Porque eu gostava de... Mesmo.... De... fazer teatro mesmo em Inglês. Interpretação em Inglês. Eu acho que iria ajudar-me, eu ir para uma Universidade e começar a fazer lá. Para já conseguir ir criando bases com a língua Inglesa. Para depois... do que fazer aqui, depois chegar lá... e é tudo diferente. Depois é uma outra adaptação. Eu acho que seria mais fácil eu aprender já as bases... noutra língua. Mas eu tenho sim, interesse em ir para o ensino superior.

MIAA - E achas que vir para este curso foi uma decisão, que foi mais por impulso ou foi mais uma decisão pensada?

E9 - Foram os dois. Foi. Eu fiquei... Eu tive aquele impulso. Porque era uma coisa que eu queria... Eu fiquei... há em (Løeal)? Porque. Porque eu, antes eu estava assim à procura e não estava a encontrar, cursos... E eu fiquei, só tem cursos longe... E ia ser difícil para eu ir para esses cursos. Por conta da distância. Quando eu soube que tinha em (Løeal), eu fiquei.... “Ai meu Deus, eu quero ir... Quero ir para esse curso”. E eu tive aquela coisa... Essa coisa mais... Essa coisa mais involuntária. “Eu quero!” Mas, depois disso, eu estive a pensar eu falei sim então, tive um momento de mais involuntário, mas também tive o meu momento de reflexão. Foram os dois.

MIAA - Para conhecer os principais fatores motivacionais que te influenciaram ao longo do percurso. Até agora quais foram os fatores que mais te motivaram ao longo deste percurso?

E9 - Que me motivaram a continuar o curso? Ou fazer... A fazer o curso?

MIAA - A fazer... Feliz. Que te motivaram.

E9 - O que é que motivou-me? *Pausa.* Motivou mesmo. Eu acho que foi mesmo, essa minha vontade, esse meu sonho de... De às vezes dá uma vontade assim de... De não fazer nada. “Ai, não quero!” Por que às vezes senti-me um bocado mal. Às vezes quando eu estava mal ficava. Não quero fazer mais nada. Não quero fazer nada! Mas tipo. Essa coisa de pensar... Eu acho que eu tenho jeito. Eu acho que eu chego lá. É só levatares essa vontade de eu querer. Foi o que motivou-me. E também a ajuda das pessoas de fora.

MIAA - Das pessoas de fora?

E9 - As pessoas de fora? A minha família. *Acena afirmativamente.* Pronto.

MIAA - Ri E quais os fatores que mais te desmotivaram?

E9 - Mais me desmotivaram? *Pausa.* Tipo... O que é que me desmotivou. Desmotivou-me... *Pausa longa.* Não. Tipo... Eu acho que é a única coisa que me... Tipo... Eu gosto do curso. Porque eu sempre estou a aprender coisas novas, sempre estou a fazer coisas

diferentes, a conviver com as pessoas. E é algo que eu gosto bastante... Mas eu acho que o único ponto assim, que eu acho assim que poderia... Que poderíamos melhorar, para ter um melhor desempenho, um melhor trabalho. Era isso de tentar por na cabeça de que, não é um lugar de convívio é um lugar de trabalho. E ao invés de estarmos na sala de aula a conversar para lá e para cá a cochichar. Ao invés de trabalhar mesmo, ao invés de tentar entregarmo-nos e trabalhar para termos um melhor desempenho. Uma melhor evolução mesmo. Ao invés de estar tipo... A conversar, trabalharmos! Mas eu, eu entendo o porque é que fazemos isso. Porque nós confundimos que... Nós às vezes confundimos que na escola é onde nós criamos ami... é onde nós fazemos amigos, é na escola... então por isso, às vezes nós confundimos... é um lugar... Não é um lugar de convívio, mas um lugar de trabalho. Então eu acho que esse é o ponto que poderíamos melhorar.

MIAA - Antes de escolheres o curso, para ti, o trabalho de ator era um trabalho individual ou coletivo?

E9 - Os dois, porque... Nós. Temos que ter os dois, os dois se complementam. Porque para nós conseguimos... fazer a nossa personagem, entender como é que ela pensa... entender como é que ela vai evoluindo. *Leva as duas mãos ao peito*. E entender a nossa própria personagem. Não é ninguém que vai chegar e dizer-nos. Tipo vai pegar numa folha e dizer tudo sobre a personagem. Não, és tu que vais fazer este trabalho individual. Descobrires como é que ela é. Como é que eu vou fazer ela? Com que ela se encaixe comigo, como é que eu faço isso? Isso faz parte do trabalho individual. Mas também é extremamente importante o trabalho coletivo. Porque teatro não se faz sozinho! Fazemos também com as outras pessoas. Então depois, temos o nosso trabalho individual, e a seguir trabalhamos com os outros e tentamos encaixar aquilo tudo. Tentamos fazer cada um... Como é que eu explico? Cada um coloca o seu trabalho individual e com aquele material todo que temos fazemos uma coisa maior. Aquela coisa toda em conjunto. Adaptamos as coisas umas às outras. Então eu acho que é importante tanto o trabalho individual quanto o coletivo.

MIAA - Achavas isso antes e achas isso agora, ou... Antes achavas uma coisa e agora achas outra? Antes de vir para aqui?

E9 - Não porque, eu sempre achei que foi assim, porque o teatro, não se faz teatro sozinho. Porque seria muito chato. Só sempre alguém a fazer monólogos ou alguém a fazer algo só... seria... Porque, o teatro é mesmo estarmos naquela união e ter essa, essa conexão com as pessoas. Ter esse contacto. Então é extremamente importante estarmos

todos juntos. Mas também é importante, para fazermos um bom trabalho, saber o que é que é a nossa personagem. Saber o que é que estamos a fazer. Então é isso o trabalho individual. Então os dois complementam-se.

MIAA - O mesmo curso, mas sem notas isso seria... indiferente. Mas se não fossem atribuídas notas, o teu grau de empenho alterava-se.

E9 - Eu acho que não. Porque... A mim pessoalmente, não alterava. Porque é algo que eu quero trabalhar, mesmo que não tenham notas, eu quero trabalhar. Porque eu quero evoluir, porque eu quero fazer um bom trabalho. Ter cada vez mais experiência. Para conseguir, cada vez fazer cada vez um trabalho melhor. Então, a mim é-me indiferente, se tivessem notas ou não. Porque eu quero evoluir. Eu quero fazer este trabalho para mim. Não só para as notas e para a escola, eu quero fazer esse trabalho por mim. Eu quero evoluir. Então para mim não teria diferença. *Pausa.* Mas tipo, se não tivessem notas também não teria tanto aquela pressão d... das provas e... “Ai meus Deus, eu não estou a conseguir fazer isto bem. Eu vou ter uma nota ruim.” E... E... E isso também tiraria um bocado a pressão e às vezes o trabalho poderia sair melhor, com, sem as notas. Mas a mim não me afeta.

MIAA - Ou seja, é uma pressão negativa, é isso?

E9 - Às vezes nós ficamos nervosos, porque isso conta para a minha nota, e eu quero entrar no ensino superior, ou seja, causa alguma pressão. Nós ficamos nervosos com isso. Pode atrapalhar. Mas também é uma aprendizagem, nós termos que aprender com isso, aprender a como manusear isso tudo e como é que eu vou acalmar e como é que eu vou fazer isso com esses nervos todos.

MIAA - Tu gostavas de dizer mais alguma coisa?

E9 - Não tenho nada a acrescentar.

MIAA - Gostava só de retomar um bocadinho a pergunta anterior sobre o trabalho individual e coletivo e perguntar se é um fator de motivação ou desmotivação? O fato de, para ti, o teatro ser trabalho individual e coletivo simultaneamente.

E9 - Não. Porque para mim... Porque eu, gosto de estar sozinha e gosto de estar com as pessoas. Todos nós gostamos de ter o nosso momento e ter um momento com as pessoas. Então eu acho que... Sim, os dois são importantes. Porque é importante nós termos aquele momento sozinhos. Estarmos sozinhos, termos aquela, aquela, hum, aquela reflexão. E aquilo acaba, nós evoluímos com aquilo de tentar pensar para nós e quando estamos com os outros, evoluímos mais ainda. Porque nós temos outras

opiniões. E abrimos aquele olhar e conseguimos ver outras coisas. E quando formos voltar a fazer o trabalho individual, já vai estar mais aberto. E conseguimos explorar mais o nosso pensamento. Então isso tudo se complementa. Então os dois são extremamente importantes.

MIAA - Muito obrigada (nome)!

E9 - *Sorri.*

Fim de transcrição.